



MÃOS DE TALENTO

Artesanato emprega, gera renda e transforma famílias paraibanas

Com criatividade, habilidade e dedicação são criadas belas peças que movimentam a economia. **Página 17**

Bloco Virgens de Tambaú desfila, hoje, na Via Folia

Agremiação terá 10 trios elétricos e Gracinha Telles, Jairo Madruga, Mira Maya e Luka Bass como atrações.

Página 5

Juazeirinho terá um observatório para pesquisa em astronomia

Instalação de dois telescópios é resultado da parceria firmada entre a UEPB e o Observatório de Xangai.

Página 19



Foto: Edson Matos

Busca por procedimentos estéticos em alta

Período pré-Carnaval e a exposição do corpo no verão fazem aumentar em até 20% a procura por tratamentos com esteticistas. **Página 7**

Foto: Edson Matos



Memórias

Guilherme Cabral: talento e paixão a serviço do jornalismo

O amor por jornais impressos começou ainda quando era criança. São 38 anos de história e dedicação na Redação de A União, com experiência em várias Editorias e Chefia de Reportagem, até chegar às páginas de Cultura.

Páginas 14 e 15

■ “Rua limpa, vazia, uma beleza! E, graças aos céus, encontro o poeta intocado em seu pedestal, o rosto perfeito em sua recriação que a luz filtrada da manhã acariciava”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Estão ali memórias de histórias até pouco conhecidas ou reveladas entre Priscilla e Elvis. É como trazer à tona o jogo perigoso que se pratica quando duas pessoas ficam apaixonadas – vivas ou não”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

Festival vai homenagear o paraibano Zé Marcolino

Autor de grandes sucessos, como “Numa sala de reboco”, o compositor paraibano foi parceiro de Luiz Gonzaga, e o 7º Festival de Música da Paraíba lhe fará justo tributo. As inscrições para o evento começam na próxima terça-feira, 6.

Página 9

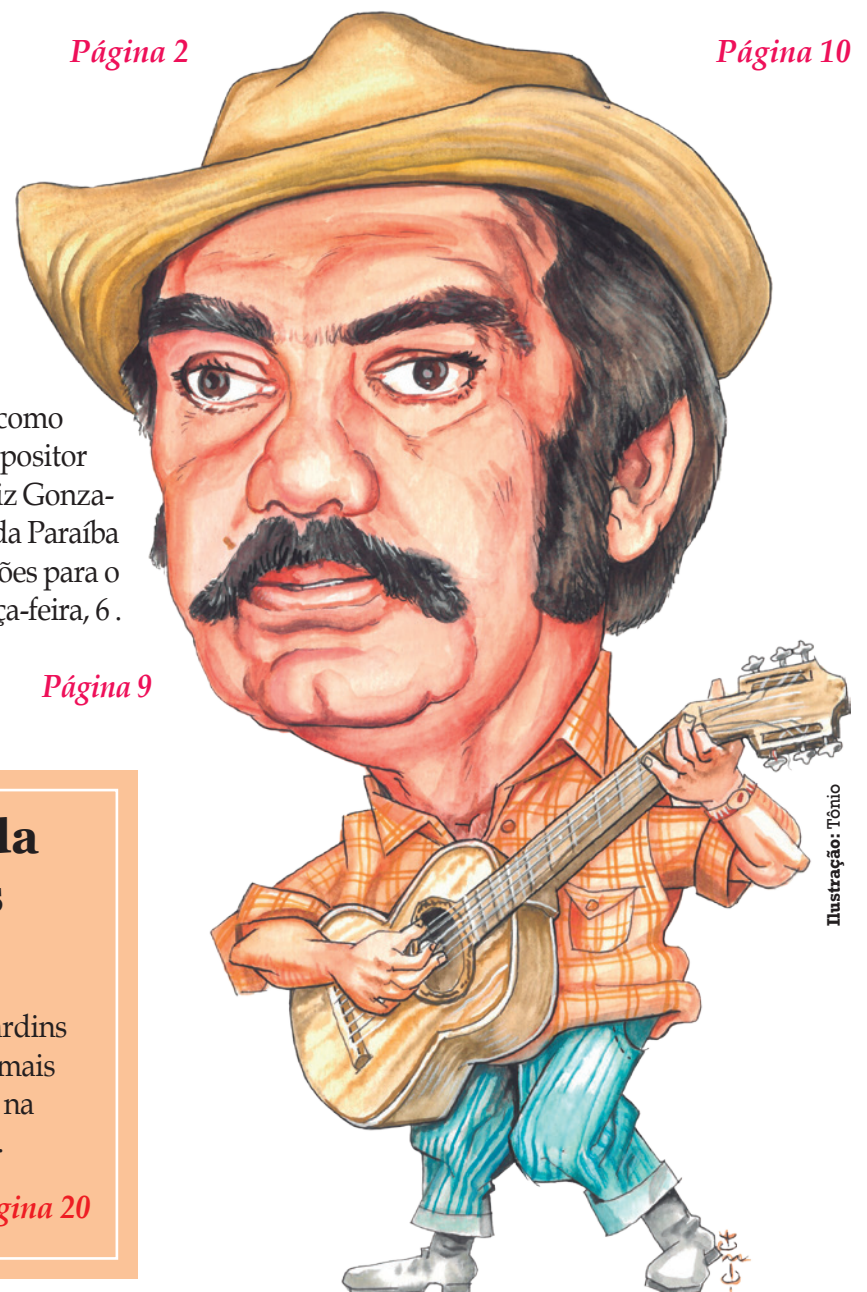


Ilustração: Tônio

CT Cangaço é referência no vôlei de praia

O Centro de Treinamento, no Cabo Branco, é reconhecido como “de alto nível” e atrai atletas do Brasil e do exterior.

Página 21



Foto: Roberto Guedes

O caminho da cura através das plantas

Uso dos chamados jardins terapêuticos é cada vez mais comum. Método surgiu na Grécia e se popularizou.

Página 20

Editorial

Uma questão séria

As cidades enfrentam sérios problemas com a questão dos usuários de drogas e as chamadas “cracolândias”. Grupos cada vez maiores de pessoas, formados por adultos, idosos e muitas crianças vagam pelas áreas públicas como aglomerados zumbis sob efeito de entorpecentes, especialmente do crack. A cidade de São Paulo é o exemplo mais latente desta grave questão social.

Junto ao consumo aberto de drogas há uma série de problemas que emergem. Para o restante da população há a fragilização da segurança pública, com disparada de assaltos, furtos, depredações e outros. Menos perceptível para quem está do lado de fora dessas zonas exclusivas, existe o avanço de doenças como a Aids, a pneumonia, a tuberculose, entre outras. Existe ainda a fome, o desemprego, a depressão etc.

Como a questão da segurança pública atinge diretamente o restante da população, as cidades tentam enfrentá-la com maior rapidez. E na pressa de se dar respostas, geralmente a escolha para encarar o desafio segue a rota mais fácil e que gera maior publicidade: tratar a situação como caso de polícia. Megaoperações são montadas, prisões efetuadas, desocupações de áreas providenciadas e, mais adiante, se percebe que tais iniciativas não solucionaram a questão.

Após décadas de intervenções, chega-se à conclusão que a abordagem como caso de polícia para enfrentar o problema dos redutos de usuários de drogas é contraproducente. Nada de concreto foi resolvido, ao contrário, o problema só cresce e se multiplica a cada ano. São vários os estudos e as demonstrações práticas que comprovam que a tática de jogar para as polícias a responsabilidade de solucionar imenso mal social é infrutífera.

Ou as cidades adotam uma postura abrangente na hora de enfrentar os redutos do consumo de drogas, os bolsões de esquecidos sociais das “cracolândias”, ou a situação só avançará rumo ao precipício. E não adianta as pessoas ditas cidadãs de bem se trancarem e se armarem por trás de portões e grades em suas residências, de uma forma ou de outra o problema baterá à porta de todos.

A complexidade da questão exige soluções já conhecidas. É preciso uma ação conjunta, multidisciplinar e, infelizmente, que demanda tempo para produzir efeitos positivos. É preciso ter uma visão social e menos policialesca. As pessoas que estão “ilhadas” nas “cracolândias” precisam ser convencidas de que há um caminho de volta e serem colocadas frente a frente com direitos básicos previstos na Constituição, como educação, saúde, fonte de renda, justiça social, respeito.

As forças de segurança pública, claro, precisam participar do enfrentamento do problema, mas elas são parte do caminho rumo à solução, e não o remédio propriamente dito. Os desafios são imensos e demandam tempo. É necessário que se olhe a questão com a seriedade e a responsabilidade necessárias em busca de soluções concretas e duradouras e a exclusão não é o caminho. Esta é a melhor alternativa para enfrentar o problema, resgatar cidadãos e recuperar áreas atualmente fora do controle dos poderes públicos e da sociedade como um todo.

Artigo

O Ato Institucional número 3

No período compreendido entre os anos de 1964 e 1978, quando o Brasil estava governado por uma ditadura militar, foram editados vários decretos com poderes constitucionais, objetivando legitimar o regime de força então vigente. Eram os Atos Institucionais. Foi um tempo marcado pelo autoritarismo, supressão dos direitos constitucionais, perseguição política, prisão e tortura dos opositores, e pela imposição da censura prévia aos meios de comunicação.

Foram decretados 16 Atos Institucionais e complementares que transformaram a Constituição de 1946 em uma colcha de retalhos. Nos chamados “anos de chumbo”, de triste memória, mandatos eletivos foram cassados e direitos políticos suspensos, atingindo centenas de pessoas, além de prisões, censura a publicações e intimidações de toda ordem efetuadas por todo o país.

No dia 5 de fevereiro de 1966 o Presidente General Humberto de Alencar Castelo Branco decidiu estabelecer novas regras para as eleições para presidente da República, governadores de estados e nomeação dos prefeitos das capitais. Baixou o Ato Institucional número 3, o AI-3, que fixou pleitos por via indireta para tais cargos executivos e autorizando os governadores eleitos nomearem os prefeitos das capitais. O povo já não poderia mais exercer o seu direito de livremente escolher seus governantes. Aprofundava-se o golpe à democracia brasileira.

Os presidentes seriam eleitos por “Colégios Eleitorais” após serem escolhidos dentro das Forças Armadas, compostos pelo Congresso Nacional e por outros representantes dos governos estaduais, mas sua organização foi sendo modificada com o tempo. O AI-2 já havia determinado o bipartidarismo, formado pela Aliança Renovadora Nacional – Arena, que apoiava oficialmente o governo, e o Movimento Democrático Brasileiro – MDB, que assumia uma falsa postura de oposição.

Na verdade o primeiro presidente após o golpe já havia sido eleito de forma indireta. No entanto, no processo eleitoral definido pelo AI-3, juntamente com o presidente, foi feita, também, a escolha do vice-presidente, o que se repetiria nas outras quatro eleições da ditadura. A sucessão do presidente Castelo Branco dividiu os militares brasileiros, numa disputa entre os militares oriundos da Escola Superior de Guerra e os seguidores da filosofia da Escola de Guerra de Fort Leavenworth e lidera-

dos pelo ministro de Guerra; o Costa e Silva. Nesse embate saiu vitorioso o general “linha dura”, o general Artur da Costa e Silva, que assumiu a presidência em 15 de março de 1967, tendo como vice o civil Pedro Aleixo.

Na Paraíba o primeiro governador eleito por via indireta foi Ernany Sátiro, que tomou posse em 15 de março de 1971, tendo abdicado da toga de ministro do Superior Tribunal Militar, após ser escolhido pelo presidente Garrastazu Médici. Obedecendo à determinação do AI-3 nomeou Dorgival Terceiro Neto para o exercício do cargo de prefeito de João Pessoa.

Portanto, a data de amanhã registra os 58 anos da assinatura do instrumento de legislação do “estado de exceção” que retirou do cidadão brasileiro a condição de exercer por sua livre vontade a escolha de seus governantes. Em 1985, a Emenda Dante de Oliveira tentou garantir a realização de eleições presidenciais diretas, deflagrando um movimento de forte apelo popular que passou a ser conhecido como “Diretas Já”. No entanto, a Emenda foi derrotada no Congresso. Mesmo assim as eleições de 1985 foram vencidas por Tancredo Neves, um dos principais líderes do movimento, candidato pela oposição, enquanto Paulo Maluf representou o governo. Tancredo Neves foi eleito por 480 votos contra 180 de Maluf e se tornou o primeiro civil eleito após o Golpe de 1964. Iniciava-se, então, o processo de redemocratização do país e o fim da ditadura militar.

“

Na verdade o primeiro presidente após o golpe já havia sido eleito de forma indireta. No entanto, no processo eleitoral definido pelo AI-3, juntamente com o presidente, foi feita, também, a escolha do vice-presidente, o que se repetiria nas outras quatro eleições da ditadura.

Rui Leitão

Opinião

Foto Legenda



Jangadas ao mar

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Augusto a perigo

Com os divertimentos públicos do Natal transferidos para a Lagoa e nela ainda mantidos ninguém sabe até quando, lembrei-me, temeroso, de Augusto dos Anjos, do seu pequeno busto sob as vênias de um tamarindo para tanto plantado e a mostrar que tamanho não é documento, desde que se deva à arte de um Umberto Cozzo a quem, num ano qualquer da década de 1940, a primorosa escultura fora encomendada.

Lembrei-me do busto de Augusto, o paraibano do século XX, eleito pelo mesmo povo que elege prefeitos e governadores, temendo que façam com ele o que fizeram com o busto de Camilo de Holanda, renegado com balastrada e tudo pelos que o sucedem na cidade que o seu tirocínio e bom gosto prepararam para os postais que mais a recomendam ao lado dos monumentos sacros. Primeiro levaram o pincenê, por gaiatice, sem dúvida. Depois arrancaram o bronze inteiro do pedestal.

Temí, não de agora, mas desde que o espaço consagrado ao poeta fora degradado há anos como alojamento de automóveis. Do bambual até beirar o Manuel Pires ninguém atinava para outra coisa a não ser capota, placa e lixo de carro, baldando o sonho dos que esperavam dali, há setenta e cinco anos, uma consagração do mais belo recanto da cidade ao poeta da nossa glória.

Recorde-se: “O monumento ao nosso grande vate está sendo erguido no local mais pitoresco da nossa metrópole, o Parque Sólon de Lucena, em recanto previamente discutido e estudado por aquelas agremiações culturais (leia-se Associação de Imprensa e Academia de Letras), que contaram também com o imediato apoio do prefeito Oswaldo Pessoa e diretoria de Obras Públicas do Estado” – é o registro noticioso na Revista 4 da APL, que anuncia os termos das inscrições em duas placas encomendadas a artesãos de Bayeux: “A Paraíba, a Augusto dos Anjos o seu poeta máximo, homenagem promovida pela Academia Paraibana de Letras e Associação Paraibana de Imprensa”. A segunda, gravando os dois tercetos de *Debaixo do Tamarindo* que terminam pressagiando: “Voltando à pátria da homogeneidade, “/ Abraçado com a pró-

“

Lembrei-me, temeroso, de Augusto dos Anjos, do seu pequeno busto sob as vênias de um tamarindo

Gonzaga Rodrigues

pria Eternidade / A minha sombra há de ficar aqui! “Essas duas placas, gravadas na memória do mundo, já foram arrancadas, derretidas. Resta esperar o quê?

Domingo passado acordei mais cedo, antes que a cidade largasse de suas garagens e me deixasse dirigir desde a Epitácio até o prédio de Rui Bezerra, ao lado da Lagoa. Rua limpa, vazia, uma beleza! E, graças aos céus, encontro o poeta intocado em seu pedestal, o rosto perfeito em sua recriação que a luz filtra da manhã acariciava. Mas sem as vênias do tamarindo, dos passantes, das gentes dos ônibus, o espaço em torno da estátua atravancado pela permanência dos parques de diversões com seus carrosséis, rodas-gigantes, bate-bates, tomando a visão do espaço artístico e histórico.

Mas isto não é tudo, amanhã a Prefeitura poderá desafogar o belo recanto. Que fazer, este é o problema, para proteger a mais fiel e perfeita escultura dedicada à Glória inquestionável da Paraíba? Ao nome mais significativo dos nossos nomes? Que cerco de cuidados teremos de atinar para evitar o que aconteceu com a homenagem da cidade a Camilo? Fica a pergunta.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

REDE HOSPITALAR DO ESTADO

Atendimento humanizado melhora vida de pacientes

Tratamentos vão além dos serviços de saúde e promovem melhor assistência

Ítalo Arruda
ianolivrura@gmail.com

Além de criar um ambiente mais acolhedor e empático, o atendimento humanizado nas unidades de saúde proporciona uma melhoria significativa no tratamento do paciente. Na Paraíba, várias instituições que integram a rede hospitalar do Governo do Estado vêm promovendo esse tipo de abordagem, contribuindo para uma assistência que vai além dos serviços de saúde.

É o caso da Maternidade

Frei Damião, em João Pessoa, que vem desenvolvendo projetos voltados à humanização tanto do atendimento ao paciente quanto das ações de saúde que são oferecidas. Fazem parte do escopo de serviços humanizados da Maternidade projetos como “O que te faz bem?” e “Clube da Gestante”.

O primeiro trabalha diretamente o bem-estar dos pacientes e seus familiares, com a promoção de várias atividades lúdicas, incluindo passeios e visitas a pontos turísticos de João Pessoa.

O segundo, por sua vez, beneficia pacientes que realizam acompanhamento pré-natal no ambulatório de alto risco da unidade e prevê um encontro mensal, sempre na última quinta-feira do mês. Além de atividades com equipes de saúde, também é oferecida às gestantes uma sessão profissional de fotos.

De acordo com Marcela Tárzia, diretora-geral da Maternidade Frei Damião, a humanização da saúde é uma marca da gestão e contempla todas as usuárias que dão entrada na maternidade, desde

o pré-natal de alto risco até a realização do parto.

“Adotamos diversos cuidados com a mãe e o recém-nascido, humanizando, também, a relação entre paciente e funcionário. Isso faz parte de quem nós somos e da instituição que nós representamos para toda a Paraíba. Mais do que a palavra, humanização é o gesto e o ato que define todo o trabalho que estamos realizando e que tem nos colocado em uma condição de referência para todo o estado”, frisou Marcela.



Fotos: Secom-PB



Humanização na Rede Hospitalar do Estado é uma ferramenta que torna os ambientes mais acolhedores e os pacientes respondem melhor aos tratamentos



Música, livro e comida no prontuário afetivo

Pequenas atitudes proporcionam um momento de interação único entre a equipe assistencial e paciente

Laécio Bragante

O Hospital de Trauma Senador Humberto Lucena, na capital paraibana, também é destaque no que diz respeito à oferta de atendimento humanizado, sobretudo, no atendimento voltado a crianças e idosos.

Além de uma brinquedoteca, inaugurada em novembro de 2022, para acolhimento e recreação dos pequenos, a instituição dispõe de um “prontuário afetivo”, que consiste no resgate e na valorização da subjetividade dos pacientes mais velhos, a partir de uma coleta de informações personalizadas, tais como música favorita, comida predileta, esporte que mais gosta, nome de livros, profissão, entre outras.

Os pacientes do Hospital

de Trauma de João Pessoa também ganham uma festa de aniversário surpresa, caso estejam internados na unidade hospitalar na data de nascimento. A celebração faz parte do projeto “Parabéns para Você” e tem como objetivo levar alegria e descontração em um dia tão especial para aqueles que acabam passando o aniversário fora do núcleo familiar.

Realizada pela equipe do Serviço Social, a festividade envolve bolo e balões, e acontece durante a visita dos familiares, que são previamente avisados pelos profissionais, para que também possam participar da comemoração. Segundo informações da assessoria, se a família do paciente não puder

comparecer, uma chamada de vídeo é realizada para que todos aproveitem esse momento.

O diretor-geral da instituição, Laécio Bragante, ressalta que a humanização no hospital é uma ferramenta que torna os ambientes mais acolhedores, tanto para pacientes e seus familiares quanto para os profissionais de saúde que atuam na unidade. “Pequenas atitudes proporcionam um momento de interação único entre a equipe assistencial e paciente, de modo a sempre relembrar que o paciente é um indivíduo com gostos e amores, não apenas um histórico de doenças, exames e medicamentos em prescrição”, frisou.

Interiorização dos serviços no Agreste e Sertão

Assim como acontece no Litoral, as unidades vinculadas à Rede Estadual de Saúde no Agreste e Sertão paraibanos também estão investindo fortemente na humanização dos serviços. O Hospital Regional de Queimadas, na Região Metropolitana de Campina Grande, é um exemplo.

Recentemente, a instituição implantou o protocolo

“Hora do Soninho”, que oferece momentos planejados de sono aos recém-nascidos da Unidade de Cuidados Intermediários Neonatal (Ucin). O projeto, baseado em estudos científicos, proporciona um sono com tranquilidade e profundo relaxamento. Isso porque, durante os horários planejados (9h às 10h; 15h às 16h e 22h às 23h) os be-

bês não passam por nenhum tipo de procedimento e têm o sono garantido sem qualquer incômodo.

Outro destaque é a “sala de apoio à mulher trabalhadora que amamenta”, instalada pela Secretaria de Estado da Saúde (SES), no Hospital Distrital de Itaporanga (HDI) Dr. José Gomes da Silva. O espaço serve como um lo-

cal de acolhimento às mães com dificuldade para conciliar as atividades laborais e a amamentação. O ambiente é equipado com poltronas, geladeira e pia para higienização. Além disso, há uma equipe profissional que orienta as trabalhadoras sobre a importância, os cuidados e os benefícios da amamentação para os bebês.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

JOÃO AZEVÊDO: NO ENCONTRO ENTRE O TÉCNICO E O POLÍTICO, NASCEU UMA LIDERANÇA QUE SE ATÊM AO DIÁLOGO

No decorrer da pré-campanha do governador João Azevêdo (PSB) na eleição de 2018, fez-se uma distinção até exacerbada sobre o fato de que ele seria mais técnico do que político. Adversários, obviamente, se apegavam a esse discurso para tentar criar uma narrativa dicotômica, como se o fato de que João nunca antes houvesse disputado um cargo eletivo fosse motivo para que ele não tivesse a experiência necessária para atuar na política. Contudo, com o passar dos anos – do primeiro mandato a este segundo que está em curso –, o governador demonstrou invejável capacidade para fazer política com ‘P’ maiúsculo, tornando-se uma liderança não somente no seu partido, o PSB, mas também no leque de legendas que fazem parte da sua base de apoio. O técnico, pois, fez um bem danado ao homem que soube, de modo perspicaz, pavimentar uma trajetória política exitosa. Não por acaso, políticos de larga experiência na política – inclusive adversários –, têm dito que a sua gestão como governador ficará marcada para sempre na política paraibana. Uma característica que todos exaltam nele é a sua capacidade de diálogo com as distintas correntes políticas com as quais convive no exercício do seu mandato.



Foto: José Marques/Secom-PB

PSB: ALIANÇA EM CAJAZEIRAS

E por falar na capacidade de João Azevêdo de promover o diálogo em busca para reforçar o seu grupo político, a articulação dele em Cajazeiras para catapultar a pré-candidatura do deputado Chico Mendes (PSB) a prefeito, resultado numa aliança até pouco tempo improvável. Na cidade sertaneja, o grupo da oposição tem agora a presença do médico Pablo Leitão (sem partido) que era aliado do prefeito José Aldemir (PP).

OPOSIÇÃO ESTÁ REFORÇADA

Além do médico Pablo Leitão, que se coloca também como pré-candidato a prefeito de Cajazeiras, a oposição está também reforçada pelo ex-prefeito Léo Abreu; pelo presidente da Câmara Municipal, Heriberto Maciel, e por vários ex-auxiliares da atual gestão. “Essa é uma decisão construída com muito diálogo, ouvindo todas as lideranças. Podem ter a certeza que teremos uma candidatura forte e vitoriosa”, disse João Azevêdo.

“É PRECISO CRIMINALIZAR”

Do presidente Lula (PT) defendendo regulação das redes sociais: “É preciso criminalizar aqueles que incitam a violência nas redes sociais, mas também é necessário responsabilizar as empresas pelos crimes que são cometidos nas suas plataformas, a exemplo da pedofilia, incentivo a massacres nas escolas e estimular a mutilação de adolescentes e crianças”.

PL FOI RETIRADA DE PAUTA

O mesmo posicionamento de Lula em relação à regulação das redes sociais é defendido pelo presidente do Congresso, senador Rodrigo Pacheco (PSD). Contudo, o chamado PL das Fake News, que estabelece regras para o funcionamento das redes sociais no país, foi retirado da pauta de votação no ano passado. Sobre isso, após pressões dos partidos de direita e do centrão.

LULA: DIÁLOGO COM TARCÍSIO

O presidente Lula disse, dias atrás, - a coluna registrou - que por não ter maioria no Congresso, a esquerda precisa negociar “com quem a gente não gosta e com quem não gosta da gente”, com o fito de aprovar projetos de lei. E nesse particular, tem se saído bem. As articulações dele com o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), adversário da esquerda na capital paulista, é prova incontestável disso. E essa aproximação tem provocado reações iradas de Bolsonaro, que apoiou Freitas na eleição de 2022.

“VOLTA PARA O PT, TARCÍSIO”: O EPISÓDIO DA GARGALHADA

A propósito de Tarcísio de Freitas, a aproximação dele com o governo de Lula tem rendido até episódios hilários. Quando participava da cerimônia pelos 132 anos do Porto de Santos, ao lado do presidente, alguém gritou: “Volta para o PT, Tarcísio”. A frase gerou gargalhadas não somente do governador, mas em todo o staff de Lula presente ao evento. Detalhe: Tarcísio atuou no Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), durante o governo Dilma Rousseff.

Foto: Roberto Guedes



Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Dados do Ministério da Saúde apontam que a obesidade atinge 6,7 milhões de pessoas no Brasil. Já o número de pessoas com obesidade mórbida atingiu 863.086 pessoas no ano passado. Em paralelo, de acordo com um levantamento feito pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica, nos últimos oito anos, o Brasil realizou mais 400 mil cirurgias bariátricas, tornando o país o segundo lugar no ranking mundial.

Fatores como estilo de vida, acesso facilitado a alimentos ultraprocessados, falta de cuidado com a saúde são os principais componentes que levam uma pessoa a se tornar obesa, e a depender das condições clínicas, se submeter a uma cirurgia bariátrica. Em entrevista ao Jornal **A União**, o médico Leandro Nóbrega, referência em cirurgia bariátrica em João Pessoa, explica quais as indicações médicas para a realização da cirurgia, quais as modalidades disponíveis, e a importância da oferta desse procedimento na rede pública de saúde.

Entrevista

■ Por que o Brasil se tornou um país com tantos obesos e como avaliar o grau de obesidade?

Principalmente pelas mudanças no estilo de vida e na alimentação. É importante frisar que antigamente, as pessoas não tinham tanto acesso a esse tipo de alimento hipercalórico e ultraprocessado. Eles são mais baratos e com produção mais rápida. Hoje, é mais difícil preparar uma boa alimentação de qualidade. Você entra no carro e vai num *fast food*. O estilo de vida também influencia: dificuldade no sono, falta de atividade física, além das questões sociais, como falta de acesso a tratamentos médicos adequados.

Existe um cálculo bem simples que é o Índice de Massa Corporal, o IMC. Pegamos o peso, dividimos pela altura ao quadrado, e vai dar um resultado. Quando esse resultado fica entre 25 e 30, classificamos como obeso. Entre 30 e 35, obesidade grau 1; entre 35 e 40, obesidade grau 2; e acima de 40, obesidade grau 3. Essa é uma regra na medicina para classificar a obesidade.

■ Além da questão estética e física, que outros males a obesidade pode causar?

Pacientes com sobrepeso podem desenvolver dificuldade de locomoção, com dores no joelho. Podem desenvolver algumas doenças no fígado, como a esteatose hepática (acúmulo de gordura no fígado); podem desenvolver uma resistência aos hormônios, como a insulina, e isso desencadeia a diabetes; pode aumentar a pressão arterial. A própria obesidade leva a comorbidades, ou seja, a doença da obesidade leva a outras doenças. Sem falar que a obesidade pode ser um fator de risco para alguns tipos de câncer. Algumas pacientes obesas têm prolongamento do ciclo menstrual e algumas param de menstruar, e isso influencia totalmente na fertilidade. Se existe um problema de infertilidade numa paciente obesa, a primeira ação deve ser a perda de peso, independente de ser por cirurgia bariátrica. Cirurgia bariátrica não é estética.

Ao mesmo tempo, o Brasil se especializou muito na parte da tecnologia de cirurgias bariátricas e a própria população teve mais acesso. Hoje, o

Brasil tem grandes centros de cirurgia bariátrica.

■ O que podemos classificar como obesidade mórbida?

É quando a obesidade começa a causar outras doenças. Naquela classificação dos graus de obesidade, a obesidade mórbida fica no grau 3 (acima de 40). Existem outras classificações, como a super obesidade, com índices acima de 50, e alguns ainda entram na obesidade com índices acima de 60, mas essa classificação é variável. Basicamente, usamos a classificação de graus 1, 2 e 3.

A cirurgia bariátrica é indicada a partir do grau 2. Quando classificamos o IMC, acima de 35, com comorbidade, já entra na indicação de cirurgia bariátrica, e essa é uma regra da Agência Nacional de Saúde Suplementar. Acima de 40, não é necessário comprovar comorbidades porque neste grau, as comorbidades já existem.

Em outras classificações, que não estão no *rol* da ANS, estão as cirurgias metabólicas, que seriam para tratar diabetes. Com IMC entre 30 e 35, esse tipo de cirurgia já é autorizada pelo Conselho Federal de Medicina e autorizado pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica. A obesidade é uma doença de difícil tratamento. Alguns pacientes possuem um IMC que não entra na classificação de obesidade, mas possuem diabetes, por exemplo.

■ Por que algumas pessoas voltam a engordar depois da cirurgia?

Primeiro temos que pensar que para se submeter à cirurgia bariátrica, o paciente precisa estar bem assistido e bem “treinado” para uma grande mudança no estilo de vida. Antes da cirurgia, esse paciente já começa a fazer um acompanhamento com endocrinologista, psicólogo, nutricionista, educador físico, toda uma equipe multidisciplinar. Ele já começa a mudar o estilo de vida, para que no pós-operatório, esteja em plenas condições para manter essa perda de peso a longo prazo.

Para os pacientes que têm reganho de peso depois da cirurgia, nós precisamos fazer um resgate até o consultório, com toda a equipe multidisciplinar para que ele volte para

a perda de peso.

Sabemos que esses pacientes que passam por reganho de peso são aqueles que não mudaram seu estilo de vida, tanto em relação à dieta, quanto à atividade física. É importante destacar que a cirurgia bariátrica é uma forma para ajudar o paciente, mas ele também precisa se ajudar para que consiga manter a perda de peso, e a saúde, ao longo dos anos.

A cirurgia trata da doença, que é a obesidade. A doença vai entrar em remissão, mas não vai ser curada porque é uma doença crônica, como a diabetes. A doença vai entrar em controle, em tratamento. Dito isso, a obesidade precisa estar sempre acompanhada da equipe médica multidisciplinar. No primeiro ano pós-cirurgia, o acompanhamento é a cada três meses. Com o passar dos anos, o próprio paciente aprende a ter controle, se esse paciente tem um bom controle, ele pode retornar ao consultório a cada seis meses ou mesmo uma vez por ano, vai depender dos exames, das vitaminas, como está o estômago. Com o tempo, o atendimento fica bem individualizado, mas ele sempre vai precisar de acompanhamento, nunca terá uma alta ambulatorial.

■ É possível que esses pacientes tenham que se submeter, novamente, a uma nova cirurgia?

Chamamos de cirurgia revisional. É um termo que está muito forte hoje porque as primeiras cirurgias bariátricas já estão com mais de 15 anos e uma das principais indicações é o reganho de peso. Temos outras indicações, como problemas anatômicos, problemas de refluxo, quadros de diarreia... mas, basicamente, é pelo reganho de peso. Nós identificamos onde existe alguma dilatação, algum problema anatômico, onde está a causa do reganho de peso. Fazemos exames endoscópicos e radiográficos para identificar se esse paciente possui algum problema. Temos que estudar esse paciente para saber o que causou o reganho de peso e partimos para a cirurgia revisional.

O número dessas cirurgias cresceu porque os pacientes passaram a ter mais informação, em saber que existe essa possibilidade. Além de que, antes essas cirurgias eram feitas de uma forma menos técnica, até porque as tecnologias e estudos foram se aprimorando ao longo do tempo. Hoje temos aparelhos de alta definição que conseguem realizar um grampeamento mais alinhado e mais fino, em comparação ao que era feito há 20, 15 anos.

■ Como o cuidado com a saúde mental entra nesse tratamento, incluindo, o contexto familiar e social?

Sabemos que alguns pacientes desenvolvem a obesidade por uma compulsão alimentar. Se for necessário que ele faça um acompanhamento psicológico, é importante manter. Também é importante avaliar se esse paciente possui algum distúrbio psiquiátrico, se é necessário algum medicamento para ansiedade. Avaliar se esse paciente está conseguindo dormir de forma adequada. Toda essa

parte psicológica é necessária para que ele não se desvie e mantenha uma alimentação adequada.

Vamos pensar num exemplo: uma pessoa que passa por uma cirurgia bariátrica, a família tem que entender que, visualmente, esse paciente não precisa passar por algumas tentações, então, entramos num contexto familiar. Já fiz cirurgia em uma mulher obesa, em que o marido também tinha sobrepeso, e eles dois conseguiram uma perda de peso porque entraram juntos no acompanhamento, mesmo que ele não tenha feito a cirurgia. É importante que toda família participe e ajude aquele paciente.

■ Existem pacientes que procuram ganhar peso com o objetivo de entrar nos critérios para se submeter à cirurgia?

Existem, mas não é recomendado nem indicado. Para pacientes que não têm a classificação de IMC para realizar a cirurgia bariátrica, a orientação é procurar esses mesmos profissionais (psicólogos, nutricionistas) para trabalhar essa perda de peso. O importante é que ele tenha uma orientação adequada, com uma boa equipe multidisciplinar. Às vezes o paciente só precisa de um bom incentivo para iniciar uma atividade física e ter a perda de peso. Importante dizer que cirurgia bariátrica serve para o controle da obesidade, no tratamento dessa doença, mesmo que seja para controle da diabetes. Em todo o tratamento, o paciente vai ter uma perda de peso e uma melhora na estética, mas a indicação e o objetivo, é o tratamento da obesidade e das suas doenças relacionadas.

■ Quais são os tipos de cirurgias bariátricas e em que casos elas são aplicadas?

Nós temos dois tipos de cirurgias bariátricas mais realizadas no Brasil, o *sleeve* gástrico e o *bypass* gástrico.

O *Sleeve* é uma gastrectomia, ou seja, uma retirada de cerca de 70% a 80% do estômago como um mecanismo de perda de peso, que é a restrição alimentar. No fundo do estômago, é produzido um hormônio que se chama grelina, que é o hormônio da fome. Nessa cirurgia, além da retirada de parte do estômago, o paciente vai ficar sem a produção desse hormônio durante algum tempo (depende de cada paciente), e sem sentir fome. Basicamente o *Sleeve* é um mecanismo de perda de peso de restrição alimentar.

No *Bypass* nós vamos fazer, além do corte no estômago, um desvio intestinal. Vamos colocar dois mecanismos de perda de peso e vamos fazer um controle das doenças relacionadas a essa obesidade. Restrição alimentar, pelo estômago menor, e desabsorção pelo desvio intestinal. É uma cirurgia mista que é mais indicada para pacientes que possuem distúrbios metabólicos, como pressão arterial elevada, gordura no fígado e diabetes.

A indicação do tipo de cirurgia é bem individualizada. Cada paciente tem sua melhor cirurgia, não obrigatoriamente o paciente com diabetes precisa fazer a *Bypass*, é preciso analisar quanto tempo de diabetes ele tem (se é tipo 1 ou tipo 2), se ele é de-

pendente de insulina. Cada paciente precisa ser analisado a partir de suas comorbidades.

■ Existem diferenças significativas no pós-cirúrgico entre esses dois procedimentos?

O pós-operatório, a recuperação e a dieta são bem semelhantes, principalmente, no primeiro mês. A longo prazo, os pacientes que se submeteram à cirurgia do *Sleeve* tendem a ter menor controle das doenças metabólicas e controle de pelo. Como o *Bypass* tem os dois mecanismos de controle de peso e a desabsorção intestinal, ele pode ter um melhor controle. Mas não necessariamente o paciente vai escolher a cirurgia de acordo com esses requisitos. No final, a decisão é da equipe médica, junto com o paciente, sobre qual a melhor cirurgia.

■ Além das cirurgias, que outros procedimentos podem ser utilizados no tratamento da obesidade?

O balão gástrico entra na parte do tratamento endoscópico para obesidade. A faixa de IMC para esses pacientes é de grau 1, pacientes com sobrepeso já são beneficiados. Existem dois tipos de balão: o de 6 meses e o de 1 ano, mas geralmente utilizamos o de seis meses. Esse balão, colocado e retirado com endoscopia, vai servir como restrição alimentar, sem nenhum fator metabólico.

Na verdade, são seis meses para uma mudança no estilo de vida, onde ele vai aprender a se alimentar de forma adequada e realizar atividades físicas, que vão ocasionar uma perda de peso significativa. Isso vai servir de estímulo para que após a retirada do balão, ele consiga manter a perda de peso.

■ As cirurgias bariátricas entraram no rol ofertado pelo Programa Opera Paraíba, desenvolvido pelo Governo do Estado, e o senhor participou do programa como cirurgião. Como foi essa experiência?

É muito importante que a saúde seja de acesso para todos. Foi uma experiência muito significativa, operamos muitos pacientes no Hospital das Clínicas em Campina Grande, chegamos na marca de 180 pacientes operados e participei de grande parte desse volume cirúrgico. É um programa que está sendo expandido para outras cidades da Paraíba e que João Pessoa já realiza.

Pacientes com menos recursos financeiros têm dificuldade de pagar uma cirurgia bariátrica, porque é um procedimento caro. Envolve material e período de internação, então é essencial que ela também seja ofertada pelo Sistema Único de Saúde. São pacientes com mais comorbidades e com um IMC muito elevado, então a dificuldade técnica para fazer essa cirurgia aumenta consideravelmente. E por que? Porque esse paciente já passou por muita dificuldade até conseguir entrar na indicação de cirurgia. Pacientes com plano de saúde têm acesso a outros tratamentos, exames, outros procedimentos. Então quando o paciente do SUS recebe a indicação, já está com o ganho de peso muito elevado. Então é um programa essencial e necessário.

BRINCADEIRA OU TRANSFOBIA?

Novo “tom” nas Virgens de Tambaú

Bloco ganha, hoje, a Via Folia com atrações como Gracinha Telles, Jairo Madrugá, Mira Maya e Luka Bass

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com



Essa é uma memória comum em muitas casas. Ao abrir um antigo álbum de fotos, as páginas que arrancavam as maiores risadas eram aquelas em que familiares e amigos estavam vestidos com as roupas de suas mães e esposas a caminho das Virgens de Tambaú. Ver aqueles homens se permitindo a um comportamento tão ridiculamente cômico trazia uma possibilidade única de perceber os parentes fora da seriedade que o cotidiano força a assumir. Passados 37 anos da fundação do bloco, a foto amarelou, a sociedade mudou e, hoje, o conceito da festa passa por revisionismos. Como evitar que a saudável transgressão das normas de gênero no Carnaval não se torne em reprodução do preconceito e transfobia?

Tem muita história que acontece debaixo de tantas perucas, maquiagens e roupas mínimas que os homens usam para ir ao bloco das Virgens, em João Pessoa. E cada uma delas é única. Hoje, serão quase meio milhão de foliões, segundo os organizadores, a descer a Via Folia em 10 trios elétricos comandados a partir das 17h por nomes como Gracinha Telles e Jairo Madrugá, Filipe Santos, Mira Maya, Luka Bass, entre outros. E logo no primei-



Foto: Orlino Antonio

Bloco surgiu quando um grupo de jovens se vestiu com roupas ditas femininas e saiu sobre um Chevette, ouvindo MPB

ro trio estará um folião especial: Toinho Mattos, um dos fundadores do bloco, e o único deles a ainda sair fantasiado na avenida.

“É por pura diversão. Não tem nada de profissionalismo nisso, não. Sempre gostei de fazer fantasias, então já saí de Malévola, Mulher Gato, de Minnie... Uma coisa que eu ficasse mais agradável para todo tipo de gênero, de crença, entendeu? Este ano eu estou fazendo uma onça, uma onça feminina, claro”, conta Toinho, que investe cerca de R\$ 2 mil só com as roupas que

manda fazer. Tanta dedicação se explica por ele ser uma pessoa homenageada no hino oficial do bloco, sendo o primeiro nome a ser citado entre os fundadores. Pioneiro, Toinho era a Rainha das Virgens quando ninguém queria assumir esse papel. Aos 63 anos, ele viu o bloco se transformar no tamanho impressionante que tem hoje, e virar fonte de críticas na comunidade LGBTQIA+.

“No começo não havia muitos trans, muitos gays, mas à medida que o bloco foi crescendo, todas as variantes se encaixaram. Mas não é um bloco

gay, entendeu? Ele é um bloco de folia. Você vê que tem várias mulheres que se travestem, homens héteros que se travestem, prezando pelo humor. É um bloco para brincar, pra ficar engraçado. A ideia dele foi essa. Não é um bloco que defende bandeira”, afirma Toinho. A percepção dele está longe de ser uma unanimidade.

História

A simpática história de fundação do bloco das Virgens tem todas as alegorias do tempo em que ela ocorreu. Em 1987, um grupo de jovens

praticantes de vôlei de praia decidiu não viajar para Olin-da a fim de participar do bloco Virgens de Bairro Novo. Ao invés disso, resolveram se vestir com roupas ditas femininas, colocar sobre um *Chevette* duas pranchas de *surfe* apoiar nelas caixas de som tocando, principalmente, MPB e *rock’n’roll*, seguindo pelas ruas de Tambaú. Um relato que traz bem o espírito dos anos 1980. Enquanto isso, nos bailes em clubes e festas nos bairros, o acesso e a participação de mulheres trans e travestis era sempre barrado.

Preconceito?

Uma das vozes de maior alcance para levantar a mensagem viralizada nas redes sociais de que “Travesti não é fantasia” é a da cantora, poeta e atriz com participações em seriados na TV Globo, a paraibana Bixarte. “Existem inúmeros problemas em um homem se vestir de mulher, de travesti, fazer a caricatura de quem somos e ir desfilar nas ruas esbanjando ‘feminilidade’ e trejeitos engraçados numa tentativa falha de reproduzir quem somos. Travesti é uma identidade de gênero. É uma constante de lutar por direitos e pela vida”, defende a artista. Para afirmar isso, Bianca Manicongo, que é travesti, também lembra de episódios de outros carnavais, mas sem o mesmo saudosismo.

“Eu já vi meninos que foram criados no meu bairro usarem calcinha pra ir no bloco e baterem nas suas irmãs por serem travestis. No Carnaval, acham engraçado se vestir de travesti, ou fazer soar engraçado os trejeitos femininos, mas no cotidiano ridicularizam, não empregam, sexualizam, marginalizam e nos negam o acesso a direitos básicos, como o de ir e vir. Esses mesmos meninos também tinham sempre piadas prontas para meninas como eu”, lembra ela em postagem nas redes sociais. Seria, então, a atitude dos foliões das Virgens uma postura sempre preconceituosa ou acrítica?

Liberação das restrições culturais

A subversão social e transgressão de normas de gênero são características que estão nas raízes do Carnaval no Brasil e remontam às tradições europeias, africanas e indígenas. Desde o período colonial, as festividades carnavalescas são o momento em que as classes mais baixas e marginalizadas podem, temporariamente, inverter papéis sociais. O que está por trás da prática de homens “vestidos de mulher” durante o Carnaval pode envolver um desejo de escapismo e liberação temporária das restrições culturais. Muitas vezes, o momento de preparação para o bloco é um momento de troca familiar em que a mãe, irmã ou esposa ajuda no processo de maquiagem, dando até mais fantasia para a vida do casal.

Vestir-se de forma diferente do habitual permite uma experimentação com identidades alternativas, explorando aspectos da personalidade que podem ser suprimidos ou reprimidos no dia a dia. Com o masculino e o feminino que cada indivíduo carrega em si, no bloco das Virgens essas regras podem ser suspensas. É assim que pensa o folião Joacil Venâncio. “O Carnaval é um lugar de diversão e que pode ser também tomado como reflexão. Eu estou me vestindo de elementos que foram destinados para o feminino, mas eu não sou uma travesti nem sou uma mulher trans. Acho que dá para brincar, problematizar e, inclusive, aproveitar o Carnaval para as pessoas refletirem”, pondera Venâncio,

que sai todos os anos no bloco desde 2006.

O assistente social paraibano sairá hoje com um grupo de amigos todos fantasiados em homenagem à pintora mexicana Frida Kahlo. “Gosto do Carnaval, gosto do bloco das Virgens, gosto de me vestir, mas também não deixo de refletir sobre esses outros pontos. É notório, quando a gente vai para o bloco, que os héteros, quando estão vestidos de mulher, têm um comportamento diferente, que é diferente do homem gay também. Tem as trans que se vestem com os elementos que fazem parte da vida delas. E essas pessoas também não se misturam muito, é cada um no seu mundinho. Esses grupos não se misturam”, observa o folião.

Presença de violência divide opinião

É justamente a reunião desses grupos distintos, e sendo muitos deles de comportamento abertamente homofóbico, que leva o bloco das Virgens a ser considerado como o que possui um maior registro de ocorrências policiais. Em 2018, cerca de 20 ônibus foram depredados durante a dispersão dos foliões. No ano seguinte, em 2019, um jovem morreu após ter sido atingido por arma de fogo durante o desfile do bloco. Na edição do ano passado, outro jovem foi atingido de raspão por uma bala perdida no rosto e outros quatro homens foram socorridos vítimas de agressões físicas. Um deles morreu quatro dias depois no Hospital de Traumas vítima de espancamento. Apesar desse histórico, os organizadores das Virgens não consideram que essa seja uma exclusividade do bloco.

“Não tem muito fundamento essa afirmação. O Bloco das Virgens é mais visível. É um absurdo essa associação. Não concordo de jeito nenhum, eu acho que tem uma violência mínima. Agora é bacana, é bonitinho botar, porque dá leitura. Então, botam essas chamadas que denigrem. É uma missão nossa de tirar essa conversa doida. Podia se dizer um preconceito, quase. Por-

que você tem brigas e confusões de todo lugar que junta gente”, considera Euclides Menezes, presidente do bloco e um dos seus fundadores. O fato de ele ser um dos maiores blocos de João Pessoa é também a justificativa da Polícia Militar para o número de ocorrências frequentes.

“A atenção da Polícia Militar geralmente é medida em relação ao público. A Polícia Militar empreende ou emprega muita gente no serviço. As ocorrências são mais [frequentes] devido à exacerbação do público”, aponta o coronel Temóteo, comandante do 1º Batalhão de Polícia Militar, em João Pessoa. Ele afirma que o risco maior se deve à ostentação de objetos de valor e orienta que deixar o veículo próprio em casa seria uma atitude mais segura para os foliões. “O público tem que ajudar a segurança pública e vice-versa. O que a Segurança Pública faz todo ano é trazer inovações para o policiamento. Por exemplo, esse ano a gente vai ter barreira nas entradas da Via Folia e o uso de câmeras”.

Os conflitos motivados pelas orientações sexuais e identidade de gênero são completamente descartados pelos organizadores do bloco. “As pessoas trans, as pessoas de vários tipos de

gênero, se sentem à vontade de se mostrar como são, de estarem vestidas como gostam de estar, e são respeitadas pela polícia, por todos os alvos de segurança e pelos foliões”, assevera o presidente das Virgens. “O povo abraçou as Virgens. É um bloco que tem a cara da cidade. Continuam os homens héteros que se vestiam de mulher e nós temos a grata satisfação de receber também todos os segmentos de opções sexuais, por conta de sermos um bloco da diversidade cultural e musical”, acrescenta.

O povo abraçou as Virgens. Continuam os homens heteros que se vestiam de mulher e nós temos a grata satisfação de receber todos os segmentos e opções sexuais

Foto: Olenildo Nascimento/Arquivo A União



Irreverência, ousadia e muita animação não faltam nos foliões



Confira a programação completa da folia em João Pessoa acessando o QR Code

CARNAVAL

Como cair na folia com segurança

Ocorrências como furtos, assaltos e arrombamentos costumam aumentar cerca de 30% no período de Momo

Alessandra Tavares
lekajp@hotmail.com



As prévias carnavalescas em João Pessoa já fazem a alegria de muita gente que aguardava o Carnaval para extravasar a energia nos tradicionais blocos da capital. Mas, o folião deve ficar atento às medidas de segurança que deve tomar para não ser furtado, assaltado ou ter o carro arrombado. Segundo o coronel Eduardo Alves Temóteo, comandante do 1º Batalhão da Polícia Militar, as ocorrências de crimes contra a pessoa e

patrimoniais no período de momo aumentaram cerca de 30% na área em que atua. A alta foi observada comparando o número de casos do passado com o de 2022. A equipe do 1º Batalhão da PM atua em 30 bairros da cidade como Cruz das Armas, Jaguaribe, Roger, Torre, Centro, Varadouro e Bairro dos Estados. “São 30 bairros onde o policiamento do 1º Batalhão é empregado e nesse período as principais ocorrências são em relação aos assaltos, roubos e furtos de celular, dinheiro, relógio, cordões, pulseiras ou anéis de ouro, entre outros objetos pessoais”, afirmou o coronel.

Ele frisou que muitos foliões não atentam para os riscos que correm e ficam usando o celular constantemente, sem necessidade. Esse objeto é um dos principais alvos dos assaltantes. “Sei que nesses momentos de festa, de alegria, muita gente gosta de ficar tirando foto, mas isso tem de ser feito de forma rápida, em um local que não seja perigoso, pessoas conhecidas por perto. Por isso, é bom andar sempre em grupo. Quanto mais se usa esses eletrônicos, mais chama a atenção dos outros que estão em volta”.

Documentação
O comandante também

destacou que muitas pessoas saem de casa para brincar o Carnaval carregando vários documentos originais, como RG ou CPF. Com isso, correm o risco de perdê-los ou mesmo terem esses objetos levados durante um assalto. Nesse caso, é mais prudente levar a cópia, que têm a mesma valia em caso de abordagem policial. “A orientação é levar a cópia do RG, pois a polícia tem meios de checar, junto ao Centro Integrado de Comando e Controle, se o documento é falso ou não.”

Boa noite cinderela
Outro momento que re-

quer atenção durante as brincadeiras de momo em locais públicos é quando se precisa consumir uma bebida ou for se alimentar. O ideal é jamais aceitar qualquer desses itens que sejam oferecidos por estranhos. Se for comprar uma latinha de refrigerante, cerveja ou garrafa d’água é importante observar se eles estão devidamente lacrados. Os cuidados evitam que o folião caia em golpes como o famoso “boa noite cinderela”, prática que dopa a pessoa por meio de bebida “batizada”, para depois levar seus pertences. Ou seja, se colocam drogas misturadas à bebida, sem

que a vítima desconfie, e quando ela adormece sob o efeito da substância, tem os objetos de valor levados pelo criminoso. Tem folião que já vai para as comemorações levando seus próprios copos térmicos, inclusive os chamados “squeezes”, bem conhecidos entre o público que costuma praticar academia. Esse uso individual é bem-vindo durante as festas de momo. “Quem tem o seu próprio copo, os squeezes, utilize seu material porém, não compartilhe com ninguém. Nunca aceite copo descartável ou garrafa de bebida aberta de pessoa desconhecida”, alertou o coronel.

Policiamento terá reforço, e expectativa é de redução de crimes

A expectativa do comando do 1º Batalhão da PM, em João Pessoa, é de que as ocorrências de crimes contra a pessoa ou patrimonial na área em que o batalhão atua não tenham alta de 30% nesse Carnaval. Segundo o coronel Timóteo, o índice, registrado no ano passado, deverá cair por causa do reforço no policiamento que a equipe está recebendo. “Estamos trazendo um reforço policial dos cursos que estão sendo oferecidos no Centro de Educação. Somente de incremento, a gente está contando com mais de 150 alunos desses cursos no Carnaval da capital. Tem bloco que a gente vai colocar

um total de 500 homens, podendo chegar a 800 porque temos o policiamento a pé, a cavalo, de motocicleta, o radiopatrulhamento, o policiamento especial do Bope, Choque e Gate, o de Força Tática”.

Crimes patrimoniais
Além dos furtos e assaltos que ameaçam a segurança dos paraibanos nas comemorações carnavalescas, ainda há registros de crimes patrimoniais como arrombamento de carros e casas. Segundo o coronel Temóteo, essas investidas às residências aumentam no Carnaval porque, muitas vezes, o folião fica divulgando, previamente, na vizinhança ou nas redes so-

ciais que vai participar de determinado bloco, ou seja, vai ficar ausente um bom período fora de casa. **Luzes acesas** “Na noite que for cair na folia, deixe sempre a luz de alguns cômodos da casa acesa para simular que tem gente no imóvel. Se o proprietário fizer uso do serviço de segurança privada, eletrônica, avise previamente à empresa para ficar mais atenta nesse dia. Se tiver um vizinho de confiança, avise-o que vai sair à noite para que ele fique atento a qualquer movimentação suspeita e caso tenha cachorro, deixe-o solto”, orientou o coronel Timóteo.

Confira as Dicas da PM para o Folião

- Evite ir ao local do bloco dirigindo o carro, pois ao deixá-lo estacionado há chance de ter o veículo arrombado. A dica é optar pelo transporte por aplicativo, táxi ou ônibus;
- Não use objetos de valor quando for brincar o carnaval na rua, como brincos, pulseiras e anéis de prata ou ouro;
- Evite usar bolsas, pois chamam a atenção e o criminoso pode ter mais facilidade de abrir e acessar os pertences. A dica é levar apenas o cartão de crédito ou o celular para passar PIX. Se for levar dinheiro, que seja em menor quantidade. Esses pertences podem ser guardados no bolso da frente da bermuda/calça ou em uma “doleira”. Esse último acessório é uma opção considerada segura, pois fica mais próximo ao corpo. Ela deve ser colocada sempre na parte da frente do corpo;
- Ande sempre em grupo e na hora de tirar uma foto não demore, expondo o objeto por muito tempo;
- Se precisar fazer uma ligação telefônica procure um abrigo em um estabelecimento seguro, como farmácia, se afastando da multidão;
- O indicado é levar a cópia, e não o original, do documento pessoal, como RG e CPF

Hidratação e dieta balanceada fortalecem o organismo

A estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é *bartender*, Denyse Donati, gosta de brincar nos blocos pessoenses Virgens de Tambaú, Muriçocas do Miramar e o Doido é Doido, do Castelo Branco. Ela costuma sair para a folia sempre acompanhada dos amigos e fica atenta à hidratação. “Por uma questão de segurança para a mulher, não vou sozinha aos blocos. Acredito que é sempre melhor optar pela companhia de pessoas que a gente confie, para ir e voltar com tranquilidade. Tento também me precaver com relação aos furtos.” Denyse contou que tem o hábito de levar o mínimo pos-

sível de objetos, apenas o celular, o RG e alguns trocados para a compra de alimento ou bebida e também para pagar a passagem de ônibus. Com relação à alimentação e hidratação, a estudante não relaxa na ingestão de líquidos e em receitas com sustância para dar mais disposição. O reforço da hidratação começa dias antes da folia. “Ainda costume comprar água no percurso e faço uma refeição com sustância, seja um café da manhã ou almoço reforçado.” **Nutricionista** O nutricionista Bruno Meira enfocou que no Brasil, a tradição de pular o Carnaval ingerindo bebidas alcoólicas,

energéticos e refrigerantes é cultural, mas nem sempre é “amiga da saúde”. Em meio ao forte calor e aglomeração de pessoas, há quem se hidrate apenas quando a sede aperta, e interrompe a diversão só quando chega o esgotamento físico. “Os estragos desse comportamento muitas vezes só são percebidos após a festa, na forma de uma ressaca avassaladora. A combinação de má hidratação, alimentação inadequada, sol escaldante e desgaste físico, comum na folia, pode ser extremamente exaustiva para nosso corpo e prejudicial à saúde. Bebidas alcoólicas, refrigerantes e alimentos como *fast food*, estão entre os mais populares e consumidos

nessas comemorações”, frisou. Porém, esses itens são agravantes de saúde, devido aos males associados ao açúcar, álcool, conservantes químicos e gorduras hidrogenadas. De acordo com Bruno, a desidratação é, sem dúvida, um dos maiores desafios a se controlar nos carnavais. Segundo ele, o calor excessivo aliado a uma má alimentação, desidratação e intoxicação por álcool podem gerar desequilíbrios no corpo, afetando, sobretudo os sistemas cardiovascular, renal, hepático e gastrointestinal. “Esses desequilíbrios manifestam-se por meio de sintomas como picos de pressão, náuseas, e diarreia.”



A combinação de má hidratação, alimentação inadequada, sol escaldante e desgaste físico, comum na folia, pode ser extremamente exaustiva para nosso corpo e prejudicial à saúde. Bebidas alcoólicas, refrigerantes e alimentos como fast food estão entre os mais consumidos

Por uma questão de segurança, não costumo ir brincar sozinha. É melhor optar pela companhia de pessoas que a gente confie para ir e voltar com mais tranquilidade. Também tento me precaver com relação aos furtos e me hidratar bastante durante o percurso

Confira Algumas Dicas de Refeições

- Sugestões de Café da manhã:**
A) Cuscuz com ovos mexidos e verduras cruas picadas (tomate,coentro,cebola) e café;
B) Omelete ou crepioca com vegetais e recheio proteico (frango/carne/atum) e suco de frutas;
C) Tigela de açaí com amendoim, castanhas, banana,morangos e whey ou leite em pó;
D) Salada de frutas com queijo coalho assado e ovos cozidos.

- Sugestões de Almoço:**
A) Arroz, feijão, peito de frango e salada de vegetais,finalizando com melão/manga/tangerina;
B) Raízes com carne guisada e salada colorida com frutas picadas e 200 ml de suco de laranja;
C) Filé de peixe frito, arroz com brócolis, salada vinagrete com alface e sobremesa de abacate;
D) Bife acebolado com codomas, macarrão, batatadoce, suco de frutas+ polivitamínico.

Saiba mais
Em caso de roubo de celular, o Governo Federal já oferece o aplicativo “Celular Seguro, que cancela rapidamente o dispositivo. O projeto, do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) conta com a colaboração da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), prestadoras de telecomunicações, instituições financeiras e entidades privadas. Após registrar a ocorrência pelo aplicativo ou pelo site do projeto, os bancos e a operadora telefônica do usuário serão alertados e bloquearão o acesso remoto às contas bancárias e à rede celular do aparelho, protegendo a pessoa de movimentações bancárias por criminosos. Saiba mais detalhes no QR Code ao lado.



Bruno Meira

Denyse Donati

VERÃO

Procura por tratamentos estéticos

Proximidade do Carnaval e aumento de exposição ao sol tem aumentado busca por esses procedimentos no corpo e face

Renata Escarião
rescariãocomunica@gmail.com

Com a chegada do verão e proximidade do Carnaval, períodos em que há a possibilidade de maior exposição do corpo, aumenta a busca por tratamentos estéticos faciais e, principalmente, os que visam à redução de medidas e da gordura localizada como drenagem linfática, criolipólise, massagem redutora, ozonioterapia. Esteticistas entrevistadas por esta reportagem registraram um aumento de 20% nos atendimentos.

A esteticista Carla Souza contou esse crescimento em seus atendimentos. Segundo ela, a preocupação com a aparência na hora de aproveitar a praia e o Carnaval é evidente na maioria das pessoas que procuram os tratamentos nesta época do ano. A criolipólise e o detox corporal para a redução de medidas imediatas são os mais buscados. “O resultado estético para a perda de medidas a gente tem rápido, mas, para a gordura corporal e o fortalecimento muscular, já é um pouco mais demorado. De todo modo, conseguimos bons resultados entre 15 e 30 dias de tratamento, já dá para melhorar bastante o aspecto da pele, se for celulite, flacidez ou até mesmo a gordura localizada, já há uma melhora bem significativa”, afirma

Os benefícios se estendem para a saúde do paciente. De acordo com Carla, no caso do *detox* corporal, por exemplo, que é um procedimento que integra várias terapias, como argiloterapia, termoterapia, drenagem linfática, todos procedimentos que estimulam o sistema linfático, vai ajudar a eliminar as toxinas do corpo, que são inflamatórias, e estimular a circulação. “Se a gente vai desinflamar o corpo através desse tratamento, consequentemente, a gente vai reduzir celulite, vai também ajudar na flacidez, na metabolização da gordura localizada. Se a pessoa seguir o protocolo de tratamento, ela consegue, sim, ter muitos benefícios, mas uma sessão apenas não resolve”, afirmou a esteticista.

Thabata Veloso, publicitária e *influencer* digital de 35 anos, conta que sempre faz tratamentos estéticos, independente da época do ano, “mas eu costumo cuidar do corpo, com uma dieta saudável, também treino. Escolhi o SPA da Carla Souza pra cuidar da parte de estética corporal e já gosto dos resultados em relação a eliminação de retenção de líquido, medidas e celulite”. Thabata afirma que costuma realizar com mais frequência *detox* corporal e drenagem linfática, e que os resultados mais satisfatórios vêm a longo prazo.



Foto: Edson Matos

Opções vão desde o *detox* corporal até a ozonioterapia e massagens redutoras



Foto: Anna Shvets/Pexels

Especialistas chegam a listar mais de 20 tipos de procedimentos diferentes disponíveis



Foto: Edson Matos

Tratamentos trazem bons resultados, mas precisam ser aliados a hábitos saudáveis

Critérios de saúde e beleza

A esteticista Silvana Farias trabalha com terapia ortomolecular e estética integrativa há 22 anos, e dispõe de mais de 20 procedimentos. Na estética facial e corporal oferece em sua clínica dermopurificação, *peelings*, clareamento, tratamento para acnes e cicatrizes, tratamentos de celulite, gordura e flacidez; e como terapias complementares têm ozonioterapia, shiatsuterapia, acupuntura e *aromatouch therapy*. Segundo Silvana, neste período do ano o aumento chega a 20% e os tratamentos mais procurados são os de modelagem, emagrecimento e para gordura localizada, além de hidratação para a pele.

Segundo Silvana, é feita uma primeira consulta de avaliação e, só então, se define os melhores tratamentos para cada caso. A duração varia, geralmente, de 10 a 12 sessões, sendo uma por semana, e os resultados não dependem apenas dos tratamentos. “O verão e o carnaval possibilitam mais exposição e as pessoas querem estar bem. Mas, é importante esclarecer que não existe milagre. É um processo que precisa envolver ingestão de água, boa alimentação, atividade física, dormir e respirar bem porque a oxigenação acelera o metabolismo e é fundamental para o sistema nervoso”, explica.

De acordo com a esteticista, a gordura abdominal não é só questão de estética, afeta a saúde, causa dia-

betes, obesidade e infarto e quando se destrói uma célula de gordura, se reduz o processo inflamatório no corpo. Silvana afirma que na visão da abordagem ortomolecular existe uma raiz para as patologias e o processo inflamatório é um deles. “Trabalho com uma visão sistêmica, não só tratando a gordura, mas buscando entender a causa e orientar o paciente sobre como amenizar”, declara.

Maria Francisca de Sousa, terapeuta natural de 59 anos, é paciente de Silvana Farias e diz que há alguns anos fazia os tratamentos visando a beleza, mas que hoje entende e está integrada à proposta de trabalhar saúde e beleza juntas. Ela diz que percebe os resultados a cada intervenção, o que a incentiva a seguir. “Não procurei apenas por conta do Verão ou do Carnaval, acho que todo tempo é tempo para se cuidar, e que a beleza é um sinergismo entre estar bem por dentro e por fora”, afirmou Maria.

■
Consulta inicial é fundamental para avaliar as necessidades das pacientes e definir os melhores tratamentos para cada caso



Foto: Arquivo Pessoal

“

O resultado estético para a perda de medidas a gente tem rápido, mas para a gordura corporal e o fortalecimento muscular é um pouco mais demorado. Conseguimos bons resultados em 15 a 30 dias de tratamento. Se for celulite, flacidez ou gordura localizada, há uma melhora bem significativa

Carla Souza



Foto: Arquivo Pessoal

“

O Verão e o Carnaval possibilitam mais exposição e as pessoas querem estar bem. Não existe milagre. É um processo que envolve a ingestão de água, boa alimentação, atividade física, dormir e respirar bem porque a oxigenação acelera o metabolismo e é fundamental para o sistema nervoso

Silvana Farias

VOCAÇÕES

Economia e festejos de Santa Cruz

Município tem forte atividade agropecuária, com foco na produção de leite, e um expressivo comércio varejista

Anderson Lima
Especial para A União

Localizada a 446 quilômetros da capital, João Pessoa, o município de Santa Cruz teve a sua origem em 1918, quando foi instalado um Posto Fiscal do Estado na região que antes de era chamada de Tabuleiro Formoso, que teve como primeiro chefe o senhor João Antunes de Oliveira que, posteriormente, veio a ser o fundador de Santa Cruz. De acordo com a pesquisa realizada em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) há na cidade 5.947 habitantes.

A região do interior paraibano tem a sua economia pautada na atividade agropecuária, com o foco na produção de leite, que é vendido para laticínios da região e para consumo interno. O comércio varejista ocupa uma parcela significativa e faz a renda dos moradores. Além disso, apesar do turismo não ser um nicho muito explorado no município, o maior potencial de Santa Cruz é a parte do turismo religioso.

O município conta com o Novenário de Nossa Senhora da Conceição, que acontece entre os dias 30 de novembro e 8 de dezembro. O evento já foi incluído no Mapa do Turismo no Estado, através da Lei nº 1293/2023. Os santacruzenses são muito religiosos e têm a Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus como a sua principal, ela foi erguida no local onde antes havia um cruzeiro, item que deu nome à cidade.

Além disso, saindo do campo religioso, Santa Cruz conta com as tradicionais festividades juninas, sendo uma das principais festas, começando em 15 de junho com a Festa do Sagrado Coração de Jesus, que é a festa do padroeiro. Entre os dias 22 e 24 de junho é comemorado o São João com as festas de rua que acontecem na praça de eventos Adolfo José Batista. Nos clubes da cidade acontecem as festas “O Tonhão”, em junho; o “Forró do Sítio Ventura”; e o “Festival de Prêmios do Clube Acosa”, em dezembro. Ainda no mesmo mês há o Novenário de Nossa Senhora da Conceição, na Serra do Comissário e o aniversário de Emancipação Política do Município, dia 29.

ra da Conceição, que acontece entre os dias 30 de novembro e 8 de dezembro. O evento já foi incluído no Mapa do Turismo no Estado, através da Lei nº 1293/2023. Os santacruzenses são muito religiosos e têm a Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus como a sua principal, ela foi erguida no local onde antes havia um cruzeiro, item que deu nome à cidade.



Município se destaca pela tradição de várias festas populares e a força do novenário de Nossa Senhora da Conceição

Posto fiscal do Estado e feira foram fundamentais para ocupação do lugar

A história de Santa Cruz é ambientada no local que antes se chamava Tabuleiro Formoso, por volta de 1918. Nessa região foi instalado um Posto Fiscal do Estado que à época o chefe era o senhor João Antunes de Oliveira, que mais tarde se tornara o fundador do que hoje conhecemos por Santa Cruz.

Três anos após esse acontecimento, em 1921, naquele mesmo local, foi construído uma latada, criando-se ali uma feira que proporcionava aos moradores locais a comercialização dos seus produtos.

A primeira igreja erguida foi a mando de Nestor Antunes, filho do fundador João Antunes, nascido em 6 de março de 1896 e, antes do seu falecimento, em 19 de novembro de 1957, conseguiu concretizar o ideal do seu falecido pai.

Com a construção da igreja, foi erguida uma cruz como símbolo do cristianismo, que representava as poucas pessoas que ali moravam. Partindo do princípio religioso, Antunes colocou uma grande cruz de madeira na igreja matriz com a intenção de que os viajantes que por ali passas-

sem pudessem sentir a presença de Cristo naquela região.

O antigo povoado de Tabuleiro Formoso, em 1949, ganhou a categoria de Distrito Administrativo, através do Decreto-Lei Estadual nº 318, de 7 de janeiro de 1949, subordinado ao município de Sousa. Em 28 de março foi inaugurado o mercado público. Em 7 de junho de 1951 foi instalado na região de Santa Cruz o Termo Judiciário e, em 17 de janeiro de 1963, a Capela Coração de Jesus conquistou a categoria de paróquia, desmembrando-se de Sousa.

Escritora levou as experiências da vida no Sertão para a literatura

Filha de agricultores, pais e avós analfabetos, mas grandes contadores de histórias, Cátia Serafim é natural de Santa Cruz e, atualmente, mora em Brasília e é escritora. Ela conta que cresceu sempre ouvindo casos e histórias na calçada da sua casa, “geralmente, a minha avó narrava histórias de assombrações, mas também de um tempo antigo, no qual eles viviam com poucos recursos, castigados pelas secas e regidos pela fé em dias melhores. A minha cabeça se enchia de fantasias com aqueles relatos, fazendo com que criasse enredos mirabolantes para mim mesma.”

Além disso, ela destaca que a sua avó a educava sempre com a contação de histórias e que em qualquer situação a sua avó sempre tinha uma história para contar. “Hoje eu também sou uma contadora de histórias, assim como ela. Eu amava as suas histórias e até hoje elas me inspiram enquanto escritora.”

Cátia conta que foi alfabetizada desde cedo e que a biblioteca da cidade não supria mais a sua sede por novas histórias. “Sempre com o rosto enterrado nos livros, abria mão de sair, brincar na rua ou ir para uma festa apenas para me dedicar à leitura de um livro. Um dia, minha irmã me arrastou para uma fazenda sem levar um livro sequer. Contrariada, após o almoço, resolvi passear pelos arredores. Havia um velho armazém perto da casa principal. Era tudo que precisava para imaginar que

dentro daquele local abandonado havia um tesouro a ser descoberto. Minhas fantasias não chegaram nem perto da realidade.”

Entre teias de aranhas, quilos de poeira e utensílios de roça, encontrei pilhas e mais pilhas de caixas com centenas de livros. Posso afirmar que foi o dia mais marcante da minha infância. Minha irmã só me encontrou no

quisesse. Minha irmã reclamou durante todo o caminho de volta, mas meu coração em júbilo não se importava. De posse dos livros, eu era como a menina de ‘Felicidade Clandestina’, da Clarice Lispector”, completou.

A sua paixão pela leitura tem raízes santa-cruzen-ses que Cátia carrega consigo até hoje. Foi no interior paraibano que ela teve acesso às obras de Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz e outros clássicos da literatura mundial. Saindo de lá, seguindo a sua paixão, ela se graduou em Letras e Gestão Pública.

Escritora de romance, Cátia explica que o leitor reconhece facilmente a sua origem e o seu amor pelo Nordeste nas suas escritas. “Eu tenho um conto chamado ‘Pontilhão das Almas’, que expressa muito as minhas raízes: o Sertão, a cultura paraibana e, principalmente, a força e luta dos nordestinos diante de tantas adversidades são uma riqueza sem limites para qualquer escritor.”

“Para mim, Santa Cruz é um refúgio físico e imaginativo até hoje. Por isso, adianto, em primeira mão, que vem novidade nesse sentido. Em breve, estarei lançando um romance totalmente ambientado no Sertão. Dessa vez, trarei visibilidade para a história de Josefa, uma mulher forjada num ambiente cheio de adversidades. A narrativa pretende inserir o leitor num caminho de reflexão sobre o papel da mulher nordestina nos anos 60”, completou.

Cidade conquistou a emancipação política apenas na década de 1960

Assim, o município de Santa Cruz conquistou a sua independência política através da Lei nº 2.707, de 29 de janeiro de dezembro de 1961 e teve como primeiro prefeito Homero Pires de Sá, nomeado pelo governador do

Estado da Paraíba, Dr. Pedro Moreno Gondim, que administrou o novo município até primeiro de janeiro de 1963, quando passou o cargo para Aauto Ferreira de Andrade, o primeiro prefeito constitucional de Santa Cruz.

Em 29 de dezembro de 1976 foi fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Santa Cruz. A Bandeira e o Brasão do município foi criado em 5 de agosto de 1958, enquanto o hino municipal foi composto em 1956.



Cidade tem uma população de 5.947 habitantes e forte apelo para o turismo religioso

“

Eu tenho um conto chamado ‘Pontilhão das Almas’, que expressa muito as minhas raízes. Santa Cruz é um refúgio físico e imaginário até hoje

Cátia Serafim

fim da tarde, coberta de poeira e totalmente transtornada porque não iria dar tempo de ler todos aqueles tesouros. A comoção foi tanta que a dona da fazenda disse que eu poderia levar tantos quantos eu

TRIBUTO

Um mestre da identidade sertaneja

Conheça a obra de Zé Marcolino, o grande homenageado da nova edição do Festival de Música da Paraíba

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Zé Marcolino era poeta, carpinteiro, barbeiro e vaqueiro. O maior sonho dele, porém, era ser parceiro de Luiz Gonzaga. Só o “Rei do Baião” poderia levar muito além as suas canções que já animavam bailes e festas na região de Várzea Paraíba, distrito de São Tomé, onde hoje está localizado o município de Sumé. Para alcançar o sonho e ter seu talento reconhecido além do Cariri, José Marcolino Alves escrevia cartas para Gonzaga, sem nunca ter obtido qualquer resposta. Depois de um primeiro encontro casual marcado pelo desinteresse do Velho Lua, Zé Marcolino conseguiu não apenas ser gravado por seu ídolo, mas foi levado com ele para morar no Rio de Janeiro, produzir um álbum juntos e viajar em turnê pelo país. Dessa ligação, surgiu uma obra que até hoje ilustra o imaginário da identidade sertaneja nordestina.

É para reverenciar o cancionário de Zé Marcolino, imortalizado em interpretações próprias e de tantos outros cantores, que o 7º Festival de Música da Paraíba homenageia o autor de ‘Numa sala de reboco’, ‘Serrote Agudo’, ‘Quero Chá’, ‘Pássaro carão’, ‘Matuto aperreado’, dentre outros. As inscrições para o festival serão abertas na próxima terça-feira (dia 6) e seguem até o dia 6 de março, com as duas primeiras eliminatórias sendo realizadas na cidade de Sumé, onde serão apresentadas as 30 músicas selecionadas. A final está marcada para o dia 8 de junho, em João Pessoa, onde serão distribuídos mais de R\$ 30 mil em premiações no evento promovido pelo Governo do Estado por meio da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Fundação Espaço Cultural (Funesc) e Secretaria de Comunicação (Secom). Tudo para reverenciar o nome que virou sinônimo de São João.

Onde tem uma sanfona, um triângulo e uma zabumba, tem um cantador que, em algum momento, vai se lembrar de ‘Numa Sala de Reboco’. Mas para chegar em um de seus maiores sucessos, Gonzaga pediu para Zé Marcolino apresentar algumas outras canções. A primeira foi ‘Sertão do Piancó’, uma resposta à música gravada por Jackson do Pandeiro sobre o Sertão do Moxotó. Assim que terminou, Luiz Gonzaga perguntou quantas ele lhe daria pra levar consigo, e Marcolino mostrou ainda ‘Pássaro carão’ e ‘Serrote Agudo’. Luiz Gonzaga levou mais que as músicas, levou Marcolino para o Rio de Janeiro.

Essa história é contada em detalhes na autobiografia *Vida, Versos e Viola* (Fundarpe, 1990). “Para Zé Marcolino, a glória seria ser gravado por Lua. Tanto que ele cedeu as parcerias em músicas que já estavam prontas antes de conhecer Gonzagão. Ele não procurava fama. Era por satisfação própria”, defende o jornalista e crítico musical paraibano radicado no Recife, José Teles. “Se não fosse gravada por Gonzaga, a música de Marcolino já teria sido esquecida. O mesmo teria acontecido com a música de outros autores gravados por Lua. Gonzagão foi um grande curador da música nordestina”, acrescenta o especialista. Com a parceria formada, Luiz Gonzaga gravou pela RCA, em 1962, o LP *Véio Macho*. Das 12 faixas, metade era assinada por Marcolino.

“Marcolino fazia uma música atávica. Com muito da poesia oral daquela região rica em repentistas, glósadores, e sabia criar grandes melodias para suas letras”, define José Teles. O único álbum a registrar essas características do paraibano em sua própria voz foi gravado pela Rozenblit, em 1983, no LP *Sala de Reboco*, em que Zé Marcolino foi acompanhado pelo Quinteto Violado, de Pernambuco. Um dos fundadores do grupo e único paraibano do quinteto pernambucano, Marcelo Melo já se encontrava com Zé Marcolino durante viagens pelo interior.

“Gonzaga dizia que Marcolino tinha uma voz muito grave, que não dava pra cantar. E a gente achava que não. Ele era um cara que tinha aquelas melodias que normalmente tem os cantadores e repentistas, mas embora ele tocasse muito pouco, tinha uma musicalidade vocal muito boa e muito característica do Sertão, do sertanejo. Ele não tinha conhecimento musical. Fazia a coisa intuitivamente, mas com muita certeza e era muito afinado, ele era um cara muito preciso na afinação”, define o campinense Marcelo Melo, responsável pelos vocais, violão e viola do Quinteto Violado.

A parceria entre o

grupo e Marcolino ficou registrada também na participação de ambos no programa *Som Brasil*, comandado por Rolando Boldrin, na Rede Globo.

Além de suas características artísticas, Zé Marcolino era conhecido por ser um imbatível contador de causos. “Ele tinha um jeito de contar as histórias e fazer com um humor bem típico sertanejo, aquela coisa que você conta com muita seriedade e a gente, quando vê, está morrendo de rir do jeito que ele fala. Ele guardava as características do comportamento, do imaginário sertanejo, com a qualidade que Gonzaga também tinha”, conta Melo. A parceria de Marcolino e Gonzaga, porém, não durou tanto assim. Depois de participar da divulgação do disco *Véio Macho*, em uma longa turnê que partiu do Sul do país, Zé Marcolino se aproveitou quando eles estavam no Crato realizando o último show para pegar um ônibus com destino a Campina Grande e não voltou mais ao Rio.

Depois de tantos anos tentando ser parceiro de Gonzaga, esse é o traço na biografia de Zé Marcolino que mais intriga José Teles. “O fato de ele ter tido a chance de se fixar no Rio apadrinhado por Luiz Gonzaga, e decidir voltar pro Sertão da Paraíba, onde morou até a morte. Dizem que houve um desentendimento no Rio entre ele e Gonzaga, mas não sei se é verdade”, especula o crítico. Teles aponta, porém, que esse desejo já estava expressado no xote ‘Matuto Aperreado’, gravado por Gonzaga. “Fico doido com tanta fala de gente / e a zuada de automóvel a me assustar / se na rua vou fazer um cruzamento / tenho medo, eu num posso atravessar / desse jeito, eu sou franco em dizer / mas um dia eu aqui não posso mais ficar”.

Por força de uma sina trágica, Zé Marcolino viria a morrer justamente em um acidente de carro, em 1987, quando uma vaca cruzou a pista no município de Carnaíba (PE). Uma perda sentida na cultura popular nordestina, que teima em não ter o legado de Marcolino apagado. “Ele e muitos autores do passado correm o perigo do esquecimento porque as editoras que autorizam a liberação das músicas que estão no seu catálogo cobram muito caro, e isso inviabiliza as regravações”, explica Teles. Na memória de quem conviveu com Zé Marcolino ou foi influenciado por sua obra, o que resiste são os elementos que criou no imaginário que representa a identidade sertaneja nordestina.

“Ele era um camarada que retratava dentro da sua poesia a ambiência, a ecologia, o comportamento brincalhão satírico do homem nordestino com muita qualidade. Marcolino se inspirava também nos elementos da natureza, nos cantos dos pássaros, no comportamento do fura-barreira, do pássaro que fica em cima da estaca, fazendo a tampa para o menino que atira nele com a baliadeira. Ele tinha essas características, o pássaro carão, que dá sinais à natureza através do seu canto. Tenho por Marcolino um respeito muito grande à obra dele por essa qualidade fantástica que ele tinha”, finaliza Marcelo Melo.

Nascido onde atualmente está localizado o município de Sumé (PB), Marcolino ajudou a edificar a identidade sertaneja nordestina, foi parceiro de diversas músicas com Luiz Gonzaga, a exemplo da clássica ‘Numa Sala de Reboco’, além de ser um imbatível contador de causos



Ilustração: Tônio

GRATUITO

Cearte oferece 2,4 mil vagas em cursos artísticos

No site ou na sede da entidade, inscrições podem ser feitas até a próxima terça-feira

Da Redação

São 2.496 vagas que o Centro Estadual de Arte da Paraíba (Cearte-PB) está abrindo para diversos cursos na área artística. As inscrições gratuitas podem ser feitas até a próxima terça-feira (dia 6). Haverá cursos presenciais, *on-line* ou híbridos. O resultado será divulgado no dia 21 e as aulas começam em 4 de março.

Entre os cursos oferecidos no semestre, estão Arte Urbana; Fotografia e Audiovisual; Dança; Projeto Canguru (dança para bebês); Escrita Criativa; Violão Popular; Iniciação ao Teatro, dentre outros.

A inscrição dos cursos do Cearte-PB podem ser feitas de forma virtual do site oficial da instituição (www.cearte-pb.com/inscricoes) e de forma presencial, na Unidade do Centro, Grupo Escolar Thomaz Mindello, na Praça Aristides Lobo, 129, em João Pessoa, de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 11h30 e entre 13h30 e 16h30.

Para se inscrever no site, é necessário preencher o formulário do curso desejado e anexar a documentação solicitada. No presencial, basta apresentar RG, CPF



Cursos são oferecidos nos formatos presencial (em João Pessoa), virtual e também híbrido

Foto: Cearte-PB/Instagram

e comprovante de residência. É necessário ainda apresentar comprovante de matrícula em escola regular para todos que são menores de 18 anos.

As inscrições realizadas serão avaliadas conforme os critérios de seleção estabelecidos, dentre eles a ordem de inscrição, prioridade para estudantes veteranos e reserva de vagas para inscritos provenientes de escola pública, pessoa com deficiência ou beneficiários do programa Bolsa Família.



Através do QR Code acima, acesse o site para as inscrições

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Beleza inteligível (Enéadas V. 8 [31])

As *Enéadas* são a reunião dos 54 tratados separados em seis capítulos, compostos por nove partes cada um, e são, por isso, chamados em grego de *Ennéa* (*Enéadas*). Foram aulas proferidas pelo filósofo grego Plotino (204 d.C.-270 d.C.), e posteriormente, editadas e compiladas por seu discípulo Porfírio (233 d.C.-305 d.C.), por volta do ano de 270. Plotino escreveu durante o tempo em que passou em Roma, dedicando-se ao estudo e ao debate das questões mais relevantes para a compreensão da natureza divina e humana.

Em *Enéadas V. 8 [31]*, Plotino apresenta todo o percurso cognitivo necessário para a atividade contemplativa da alma alcançar a visão do “universo inteligível”, descrevendo essa realidade como uma identidade de ser, pensamento e intelecto, além de ser a essência fundadora e verdadeira da alma. Essa alma possui várias potências, que estão em funcionamento mesmo quando não conscientes de sua atividade. As potências podem ser irracionais quando incorporam as partes inferiores da alma, mas também podem ser supracoracionais no caso da parte conectada ao inteligível. A concepção da beleza em sua filosofia está relacionada aos três níveis da realidade pelos quais ele distingue, ou seja, a Alma, o Intelecto e o Uno, não se restringindo assim às disciplinas artísticas ou a um campo expressivo que possa dar origem a uma Estética, pois ela deve ser compreendida a partir de uma visão metafísica. O estatuto da arte em Plotino possui um sentido metafísico e é valorizado na medida em que se constitui como uma das formas de reconhecimento da beleza, refletindo-se na arte por provir da forma presente na mente do artista e não de sua habilidade manual, ou seja, o artista traz à visão a beleza quando possui o conhecimento intelectual da forma, não por sua habilidade prática.

Conforme a visão de Plotino, “A Beleza é o princípio fundamental e está intrinsecamente ligada ao conceito do Bem”. Ele sintetizou as ideias dos filósofos gregos Platão (428/427 a.C.-348/347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) sobre a forma e a teoria pitagórica da harmonia, representada pelos números. É possível identificar um domínio estético e metafísico ao aproximar suas teses quanto ao Uno, à Beleza e

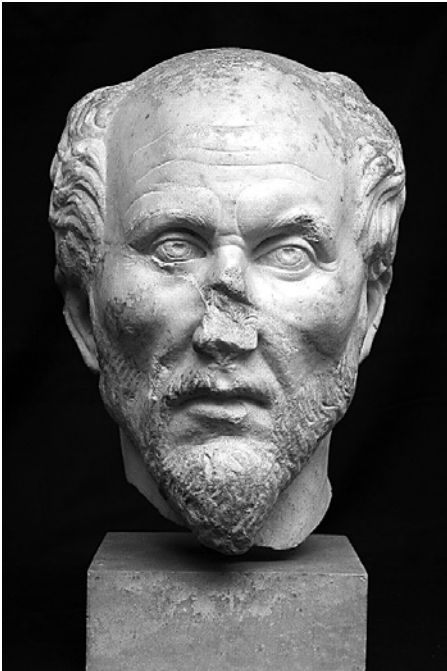


Foto: Reprodução

Filósofo neoplatônico Plotino (204-270)

à Contemplação, destacando a existência de uma metafísica estética e explorando a tendência humana e de todas as coisas a conectarem-se com o Divino por meio da espiritualidade; outro aspecto importante é a explicação racional da realidade. De acordo com o filósofo, é necessário compreender a Contemplação e o Uno para compreender o Belo.

No livro *Enéadas III, 8* – a Natureza, a Contemplação e o Uno, Plotino apresenta a existência de duas formas de Contemplação, uma que é constituída por “ações necessárias” e outra que é constituída por “ações espontâneas”. De acordo com o filósofo, as “ações necessárias” direcionam a atenção para objetos externos a si. Ele declara: “Assim, quando a capacidade de Contemplação se debilita nas pessoas, elas partem para a ação, que nada mais é do que uma sombra da contemplação e da razão. Incapazes de se dedicarem à Contemplação devido à fragilidade de suas almas, elas não conseguem alcançar e vivenciar plenamente o objeto da contemplação, mesmo que desejem vê-lo, e por isso se lançam à ação, buscando enxergar com os olhos aquilo que não podem perceber com a inteligência. Ao criar objetos, é porque desejam ver e contemplar. E ao se dedicarem ao trabalho, é porque desejam vê-lo e fazer com que os outros também o sintam” (*Enéadas III, 8-1*). As “ações espontâneas” direcionam o desejo para o íntimo humano, com a finalidade de alcan-

çar a realidade por meio da Contemplação. Por exemplo, uma obra de arte deve ser apreciada intelectualmente – com a razão; e deve despertar sentimentos – deve ser sentida.

Na filosofia plotiniana, a Contemplação se estenderá a todos os seres racionais e irracionais. Existem três formas encontradas: a Contemplação em relação à criação da natureza; a Contemplação em relação às ações humanas; e a inclinação à Contemplação. Os caminhos da contemplação definem o Uno para se aproximar do Belo. De acordo com Plotino: “Tudo o que é, é através do Uno, tanto os seres que são o próprio sentido da palavra quanto aqueles que chamamos de seres entre os seres. (...) Portanto, não tem qualidade, nem quantidade, nem inteligência, nem alma, nem é móvel, nem está em repouso, nem tem lugar, nem tempo. (...) O Uno é o simples e o princípio de tudo” (*Enéadas VI. 9, 1,3, 5-6*).

Plotino ao declarar que, se almejamos o Bem, é imperativo que retornemos à fonte que reside em nós mesmos e nos tornemos *uno* ao invés de múltiplos, o filósofo nos ensina que somente alcançamos o Uno quando nos tornamos *uno*. De acordo com o filósofo, “é necessário afastar-se de todas as coisas e voltar completamente para o interior de si mesmo, sem se aproximar de nada externo. O Uno não está fora de nenhum ser; ele está presente em todos, mas eles não o percebem, pois fogem dele, ou melhor, de si mesmos, e, dessa forma, não podem alcançar aquilo de que fugiram nem buscar outra coisa depois de terem se perdido. Aquele que se conhece verdadeiramente conhece a origem de onde provém” (*Enéadas VI. 9, 7*). Na busca pelo Uno, é essencial que o indivíduo se torne o outro para contemplar a Unidade, a fim de se encontrar com o Uno e, por conseguinte, encontrar-se a si mesmo por meio da unidade – o Bem.

Sinta-se convidado à audição do 456º Domingo Sinfônico, deste dia 4, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei algumas peças eruditas que contribuem para construção do senso crítico de um povo contra a tirania de um poder político. Elas serão interpretadas pelo violinista lituano Jascha Heifetz (1901-1987).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Outra Priscilla

Com certeza não vai ganhar nem um Oscar. O filme *Priscilla*, é autobiográfico e esse tipo de filme tende a cair no vazio. Priscilla (interpretada por Cailee Spaeny) não é um filme ruim, é um filme triste, com cenas escuras e belas. O mundo está cheio de “Priscillas”, embora a personagem surja infantil, e não deve ter sido fácil, aos 14 anos, se apaixonar por um astro como Elvis Presley (vivido por Jacob Elordi).

No filme, a cineasta Sofia Coppola mostra a visão de Priscilla Presley. Seria a visão de uma feminista? Aliás, nem é preciso de muita imaginação para saber por que as cinebiografias chamam a atenção do público. É como uma conversa alheia, mas o homem é sempre o mesmo, em qualquer tempo.

Estão ali memórias, de histórias até pouco conhecidas ou reveladas entre Priscilla e Elvis. É como trazer à tona o jogo perigoso que se pratica quando duas pessoas ficam apaixonadas – vivas ou não. Bom, mortas elas passam a ser representadas.

A outra Priscilla na tela funciona muito bem. Em *Priscilla*, a biografada participou da produção e aprovou o resultado. É claro, né? Priscilla Presley chega aos 80 anos, em 2025.

Baseado no livro *Elvis e Eu*, escrito por Priscilla e a jornalista Sandra Harmon, publicado na década de 1980, o filme acompanha a então Priscilla Ann Beaulieu desde seus 14 anos de idade, quando conheceu Elvis Presley, que já era um homem adulto, uma celebridade da música na época.

Bom, ainda tem gente dizendo por aí que Elvis não morreu, deve ser do bando que diz que o homem não foi a lua, mas aqui a conversa é cinema.

Quem dizia o meme de ontem, “Todo começo são flores”, era minha mãe. No filme, nos momentos de maus-tratos, loucura e arrependimentos (é sempre assim, as pessoas terminam maltratando as outras, mas não deixe isso acontecer com você), Elvis diz a Priscilla que ele é igual a sua mãe enlouquecida – afinal, a mãe sempre paga o pato.

Elvis toma muitos remédios e chega a colocar na boca de Priscilla. É loucura, né? E não, as pessoas – astros ou não – sempre surgem com uma fúria e depois adoecem – astros, viu? Hoje em dia, milhares de pessoas tomam remédios para dormir e acordar – nenhuma novidade nesse ritmo do “Rei do rock”. Sim, Elvis não gostava desse título, apesar das extravagâncias, ele tinha personalidade humilde, a ponto de reconhecer que outro artista merecia o honroso título.

Não existe conto de fadas no filme de Sofia Coppola, existe o desprezo, que é bem pior. Elvis vive a possibilidade do momento, ora fazendo filmes, ora em turnês e Priscilla em casa, uma menina linda, que chega dizer a ele, que ela precisa ser desejada.

Ouvir de Elvis uma declaração de amor que parece nunca ter acontecido, talvez a fascinação, mostra o sofrimento de Priscilla, mas cada um sabe porque insistir no erro. Até porque não existe erro no filme, nem na vida da personagem, existem restos de frases, no calor e no escuro. Sim, eles se casam, isso todo mundo sabe, sim, eles são pais de Lisa, que entra no filme apenas quando é um bebê.

O filme não é nada disso que eu escrevi, pode ser uma cor púrpura impossível de brilhar, passada pela ótica de Priscilla Presley.

Num romance que aconteceu nos anos 1960, não dá para falar sobre modernidade tardia. Inclusive, a única atitude certa da Priscilla, é quando ela diz: “Se eu ficar, nunca vou embora”. Partiu. Final infeliz?

Kapetadas

1 - Falando em sono, em tomar remédio para capotar, a madrugada é o período meio enviesado: ou ainda é cedo pra deitar ou cedo demais pra levantar. Levanta, sacode a poeira;

2 - O ruim de quebrar paradigmas tarde da noite é que não se encontra um bom paradigmador aberto a essa hora.



Foto: Sabrina Lantos/Divulgação

Cailee Spaeny é protagonista da longa-metragem ‘Priscilla’

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

‘Kübra’: conflito entre a verdade e as ‘fake news’

Não é sem razão que a produção turca venha marcando boa presença no *streaming*. Inclusive, com uma considerável aceitação no mercado brasileiro, a partir dos seriados que apresenta. O caso de Kübra é um deles. Um seriado com oito capítulos lançado recentemente pela Netflix, que assisti esta semana numa indicação de minha esposa, Lili, defensora pública, também assídua aos seriados coreanos que dizem respeito à sua função advocatícia.

Considerada uma obra de “suspense dramático”, *Kübra* nos impõe uma séria reflexão sobre o universo de influências tecnológicas e políticas em que vivemos. Justo numa época em que, estranhamente, a mentira ganha foros de verdade, em razão de uma tecnologia de informação que nos facilita a vida, reconhece-se, mas torna as pessoas vulneráveis à enganação, à difamação...

A história de Kübra não difere muito de alguns burburinhos que vimos testemunhando no nosso dia a dia, gerados a partir das carências de grande parte das comunidades brasileiras. Situações que temos testemunhado pela imprensa, com certa frequência, nesses últimos tempos. Mas que, no caso do seriado turco, ganha uma dimensão muito maior e mais séria, porque mostra a preocupação que devemos ter com a complexidade do mundo cibernético e da informação midiática; mais ainda, no que tange à virtualidade dos meios e suas extensões em “inteligência artificial”.



Foto: Netflix/Divulgação

Ator Çagatay Ulusoy vive um personagem influenciado pelo Kübra na série homônima

É justamente do perigo causando por esse mundo midiático, mais ainda, com as chamadas *fake news*, que trata *Kübra*. Um seriado dirigido pela dupla Yağmur Taylan e Durul Taylan, com elenco bastante esforçado, liderado pelo ator Çagatay Ulusoy (conhecido de *O Famoso Alfiate*) em excelente atuação. Ele que é vítima de *fake*, através da rede social, a induzi-lo como uma pessoa especial, supostamente indicada por Deus: “Você é diferente!”

A insistência dessa epístola sonora (atribuída à “Kübra”, que ele entende ser o Divino), faz com que o jovem Gökhan passe a acreditar que lhe esteja sendo atribuída a função de benemerente, aqui na terra, na ajuda das classes menos favorecidas, socialmente. No bairro onde mora, periferia de Istanbul, na Turquia, juntamente com a noiva Mer-

ve (Aslihan Malbora) e alguns amigos ele passa a coordenar uma fundação social de apoio aos pobres do lugar, sempre pregando a “palavra de Deus”. A partir de então, começa o “martírio” de Gökhan, quando facções religiosas e políticas passam a contestar sua suposta relação com Deus. Ele começa a ser taxado de charlatão, sendo perseguido pela polícia do lugar.

Interessante o seriado, indicando ser o primeiro de uma longa temporada. Mas, confuso no último capítulo, ao tentar explicar a influência das redes sociais no cotidiano das pessoas e a extensão dessa “máquina IA” como narrativa dramática. Contudo, *Kübra* é uma opção para se refletir sobre a questão da religiosidade e os novos tempos cibernéticos. - Mais “Coisas de Cinema” em: www.alexssantos.com.br.



APC: ‘Anna Margot’ está no YouTube

O novo audiovisual com a atriz e ex-presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC), Zezita Matos (*Anna Margot*), realizado pela AS Produções, já pode ser assistido no YouTube, no endereço: youtu.be/FCvw8gB3VJw.

Registro: o curta-metragem *Areia, Memória e Cinema*, realizado por Leticia Damasceno, esteve participando do festival Cine Forte, na terça-feira passada (dia 30), em Cabedelo. O documentário trata do pioneiro Guto Barreto, que exibia filmes no Teatro Minerva da cidade de Areia, na Paraíba. Membros da APC, João de Lima e João Carlos Beltrão, participaram do audiovisual.

Em cartaz

ESTREIAS

ARGYLLE, O SUPERESPÍO (Argylle. Reino Unido e EUA. Dir.: Matthew Vaughn. Thriller. 14 anos). Elly Conway (Bryce Dallas Howard) escreve romances sobre um agente secreto que tem a missão de desvendar um sindicato global de espionagem. No entanto, quando seus livros começam a refletir as ações secretas de uma organização de espionagem da vida real, a linha entre a ficção e a realidade começa a ficar confusa. CENTERPLEX MAG 2: 15h30 (dub.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h15 (dub.) - 16h (leg.) - 19h (dub.) - 21h45 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h30 - 18h30 - 21h45; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 17h50 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 17h50 - 20h30.

GATO GALÁCTICO E O FEITIÇO DO TEMPO (Brasil. Dir.: Rodrigo Zanforlin. Aventura. Livre). Roni (Ronald Souza, o Gato Galático) ganha um misterioso relógio mágico dado a ele como um presente ancestral. Tentando desvendar os poderes do objeto, ele vai parar em um vilarejo encantado na cidade de Cronópolis, onde o tempo está congelado e as crianças estão desaparecendo. Disposto a salvar a população, Roni se une aos amigos para enfrentar o terrível Perpétuo (Daniel Infantini) usando os poderes do relógio enfeitado. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 13h30.

POBRES CRIATURAS (Poor Things. EUA, Irlanda e Reino Unido. Dir.: Yórgos Lánthimos. Fantasia. 18 anos). A jovem Bella Baxter (Emma Stone) é trazida de volta à vida pelo cientista Dr. Godwin Baxter (Willem Dafoe). Querendo ver mais do mundo, ela foge com um advogado (Mark Ruffalo) e viaja pelos continentes. Livro dos preconceitos de sua época, Bella exige igualdade e libertação. O filme tem 11 indicações ao Oscar 2024. CENTERPLEX MAG 1 (leg.): 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h - 18h15 - 21h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h20 - 18h.

O MAL QUE NOS HABITA (Quando acecha la mal-dad/When the evil lurks. Argentina e EUA. Dir.: Demián Rugna. Terror. 18 anos). Dois irmãos encontram um homem possuído por um demônio, prestes a dar à luz ao mal que carrega, em uma aldeia remota. Na tentativa de se livrar do homem misterioso que os coloca em risco, eles acabam ajudando a libertar o que ele aprisiona. CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 17h45 - 20h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 18h15 - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h45 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h45 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h45.

CONTINUAÇÃO

ANATOMIA DE UMA QUEDA (Justine Triet. França. Dir.: Justine Triet. Thriller e Drama. 14 anos). Um homem é encontrado morto na neve do lado de fora do chalé isolado onde morava com sua esposa, uma escritora alemã (Sandra Hüller), e seu filho de 11 anos com deficiência visual. A investigação conclui-se tratar de uma “morte suspeita”: é impossível saber ao certo se ele tirou a própria vida ou se foi assassinado. A vítima é indicada, tendo seu próprio filho no

meio do conflito: entre o julgamento e a vida familiar, as dúvidas pesam na relação mãe-filho. Indicado em cinco categorias ao Oscar 2024. CENTERPLEX MAG 1 (leg.): 17h40; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 20h.

AQUAMAN 2: O REINO PERDIDO (Aquaman and the Lost Kingdom. EUA. Dir.: James Wan. Aventura e Fantasia. 12 anos). Depois de não conseguir derrotar o rei dos mares pela primeira vez, Arria Negra (Yahya Abdul-Mateen II) utiliza o poder do mítico Tridente Negro para liberar uma força antiga e maligna. Na tentativa de proteger Atlântida e o resto do mundo, Aquaman (Jason Momoa) deve forjar uma aliança incômoda com um aliado improvável e deixar as diferenças de lado para evitar uma devastação irreversível. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 15h45 - 18h40 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 20h15.

MENINAS MALVADAS (Mean Girls. EUA. Dir.: Samantha Jayne e Arturo Perez Jr. Comédia e Musical. 12 anos). Cady Heron (Angourie Rice), é uma jovem que se muda da África para os Estados Unidos e precisa começar uma nova vida, enfrentando dificuldades para se adaptar à mudança de rotina, principalmente no novo colégio. Entre os vários estudantes, Cady conhece o grupo das garotas mais populares do local, comandado por Regina George (Renée Rapp), a abelha-rei da escola. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 18h15; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h35.

MINHA IRMÃ E EU (Brasil. Dir.: Susana Garcia. Comédia. 14 anos). As irmãs Mirian (Ingrid Guimarães) e Mirelly (Tatá Werneck) nasceram em Rio Verde, no interior de Goiás. Elas não realizaram o sonho da mãe, Dona Márcia (Arlene Salles), de se tornarem uma dupla sertaneja e, além de terem seguido caminhos opostos, vivem em pé de guerra. CENTERPLEX MAG 3: 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h15 - 16h45 - 19h40; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 16h45 - 22h; CINE SERCLA TAMBIA 2: 18h45; CINE SERCLA PARTAGE 5: 18h45.

NOSSO LAR 2 – OS MENSAGEIROS (Brasil. Dir.: Wagner de Assis. Drama. 14 anos). Um grupo de espíritos mensageiros liderados por Aniceto (Edson Celulari), entre eles, o médico André Luiz (Renato Prieto), recebem a missão de ir à Terra para ajudar no resgate de três protegidos cujas histórias interligadas estão prestes a fracassar. CENTERPLEX MAG 3: 14h15 - 16h40 - 19h; CENTERPLEX MAG 4: 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 18h30 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 15h30 - 18h - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 9-Macro-XE: 14h - 16h30 - 19h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 14h - 16h30 - 19h - 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 5: 17h45 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1: 17h45 - 20h.

PATOS! (Migration. EUA, França, Canadá. Dir.: Benjamin Renner. Animação. Livre). Uma família de patos decide deixar a segurança de um lago da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, para se aventurar na Jamaica. No entanto, seus planos são frustrados quando eles se perdem e acabam na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 16h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h45 - 16h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA

2 (dub.): 13h45; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h55; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h55.

PRÍNCIPE LU E A LENDA DO DRAGÃO (Brasil. Dir.: Leandro Neiri. Aventura. 10 anos). O Príncipe Lu (Lucas Neto) vai assumir o trono no Reino de Lucebra quando fizer 18 anos e, segundo a lenda, precisará combater o Dragão da Maldade e salvar o povo da Terra Média. Porém, ele não acredita na profecia e segue fazendo brincadeiras pelo palácio. Depois de uma tragédia, ele precisará amadurecer e sair em uma grande missão. CENTERPLEX MAG 4: 14h; CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h10; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 15h45; CINE SERCLA TAMBIA 2: 16h35; CINE SERCLA PARTAGE 5: 14h40.

SEGREDOS DE UM ESCÂNDALO (May December. EUA. Dir.: Todd Haynes. Comédia e Drama. 16 anos). Vinte anos após seu romance midiático virar assunto da nação, um casal (Julianne Moore e Charles Melton) é colocado sob pressão quando uma atriz (Natalie Portman) viaja até seu lar para se preparar para um filme sobre o passado deles. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h30.

TODOS MENOS VOCÊ (Anyone But You. EUA. Dir.: Will Gluck. Comédia. 16 anos). Baseado na peça de Shakespeare, *Muito Barulho por Nada*, Bea (Sydney Sweeney) e Ben (Glen Powell) são dois jovens que combinam um encontro. Apesar da química, a relação se esfria. Anos depois, eles se encontram por acaso num casamento na Austrália. Ambos acabam fazendo um trato, fingindo ser um casal até o matrimônio acabar. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 14h45 (dub.) - 17h (leg.) - 19h30 (dub.) - 22h (leg.); CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 19h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 21h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h05 - 18h10; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h05 - 18h10; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 21h.

VIDAS PASSADAS (Past Lives. Coreia do Sul, EUA. Dir.: Celine Song. Drama. 12 anos). Nora (Greta Lee) e Hae Sung (Teo Yoo), dois amigos de infância profundamente conectados, se separam depois que a família de Nora decide sair da Coreia do Sul. Vinte anos depois, eles se reencontram em Nova York para uma semana fatídica. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 17h15.

WISH: O PODER DOS DESEJOS (Wish. EUA. Dir.: Fawn Veerasunthorn e Chris Buck. Animação. Livre). No reino mágico de Rosas, Asha faz um desejo tão poderoso que é atendido por uma força cósmica: uma pequena esfera de energia ilimitada chamada Star. Juntas, Asha e Star enfrentam um inimigo formidável: o governante de Rosas, Rei Magnífico. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 15h15 - 17h30 - 19h45; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 16h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 16h.

WONKA (EUA. Dir.: Paul King. Fantasia e Musical. 12 anos). Cheio de ideias e determinado a mudar o mundo, o jovem Wonka (Timothée Chalamet) embarca em uma aventura para espalhar alegria através de seu delicioso chocolate. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 15h15.

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Everaldo Dantas da Nóbrega

São muitas as facetas da cultura popular. Repositório de informações e conhecimentos, acervo inesgotável de feitos e exemplos, a cultura popular detém, em suas diversas modalidades, um veio permanente de sabedoria. Há mesmo uma poesia, simples, espontânea, ingênua, demarcando seus registros orais e escritos na pauta de suas variadas manifestações.

É lendo, lendo e me descontraindo, as *Histórias, estórias, causos* (João Pessoa: Ideia, 2024), de Everaldo Dantas da Nóbrega, que me vêm estas reflexões. Aqui, sem correr os riscos inevitáveis dos gêneros criativos, em especial a ficção e a poesia, Everaldo faz a recolha do lendário e da factuality, atento, sobretudo, à esfera pitoresca, insólita, jocosa, dos tipos e dos acontecimentos.

Histórias com “H”, certamente sinalizando para eventos reais. Estórias com “E”, remetendo para episódios imaginários. E “Causos”, variante de casos, isto é, de pequenas fabulações que podem ilustrar o rico manancial de ocorrências da vida ordinária, com sua verdade surpreendente ou com o espanto de suas realizações.

O trágico, o cômico, o grotesco, o escatológico, o banal, o chistoso, o inusitado, o reles se mesclam na sequência da contação que o autor promove em cada página. Everaldo Dantas da Nóbrega, à maneira dos antigos narradores orais, desafia o tecido das lembranças e explora os ecos da memória, recuperando, assim, os ingredientes de um repertório coletivo que jaz, olvidado, nas pátinas do tempo.

Se se desvia dos atalhos, quase sempre ásperos e ardilosos, da palavra do escritor, em suas intrínsecas exigências estéticas, segue, no entanto, o caminho certo do organizador e do antologista do imaginário social, naquilo que ele contém de atrativo e sedutor. Seus “causos”, narrados com singeleza e concisão, constituem, para o leitor, um apreciável conjunto de dados da história das mentalidades e do ethos característico de um povo e de uma região. O Sertão e o sertanejo.

Um Câmara Cascudo, um Veríssimo de Melo, um Horácio de Almeida, um Coriolano de Medeiros, um José Cavalcanti, um Manoel Monteiro, todos comprometidos com a indispensável herança da cultura popular, decerto leriam, com gosto, este curioso livrinho do advogado e homem de letras, Everaldo Dantas da Nóbrega.

Revista da APL

“Se a palavra se cala, / o universo desaba”. Versos do poeta Vanildo Brito (1937-2008), que servem de epígrafe à *Revista da Academia Paraibana de Letras*, Ano 70, janeiro/abril, 2023, número 18. Sem dúvida: a palavra, oral ou escrita, é a alma da instituição.

A *Revista*, ora em circulação, assim como todos os exemplares anteriores, me parece o documento seminal da Casa. Casa das letras. Casa da palavra. Casa de Coriolano de Medeiros. Não importa. O que importa mesmo é que a *Revista* está aí. O que importa mesmo é a que a *Revista* nunca deveria parar. Quem sabe, pelo menos um número, a cada semestre.

Para mim, que integro o seleto quadro de sócios efetivos, a *Revista*, mais que certos eventos pomposos ou certos rituais burocráticos, é o que, de fato, pode dignificar a imagem científica, cultural e literária da Casa. É nela por onde transitam as ideias e o pensamento dos acadêmicos e onde se recolhem e se ordenam os elementos conceituais de sua história cotidiana.

A oratória, o ensaio crítico, a poesia, a crônica, o noticiário, tudo conta na configuração de suas páginas e na oferta cognitiva que proporciona. Outros gêneros, a exemplo da entrevista, das memórias, da ficção, do diário, das cartas, entre outros, poderiam ampliar o leque de seus interesses e motivações.

De outra parte, penso que a *Revista* não deveria se restringir apenas aos cômodos institucionais. Não é somente os acadêmicos que devem ter acesso a ela. Algo deveria ser feito para torná-la mais visível, interna e externamente. Talvez um lançamento em que a *Revista* fosse, rigorosamente, o protagonista nuclear do acontecimento. Talvez um seminário acerca de seu diversificado conteúdo.

Isto porque a *Revista*, não só resguarda e preserva a memória da Casa, porém, sobretudo, porque preserva e guarda o conteúdo histórico e cultural da cidade e do estado. De fato: “Se a palavra se cala / o universo desaba”.

Colunista colaborador

QUADRINHOS

Cria do Inferno retorna ao Brasil

Uma das séries mais longevas vinda dos anos 1990, *Spawn* será publicado regularmente no país a partir de abril

Audaci Junior
audaciauniao@gmail.com

Como bom personagem oriundo dos anos 1990, ele era um anabolizado agente secreto do governo armado até os dentes, que foi traído pelos seus aliados e foi direto para o quinto dos infernos. Após um básico pacto com o tihoso, conseguiu retornar para a sua amada, mas alguns anos no futuro, desfigurado e com um traje sinistro, com correntes e uma longa capa que parece não acabar nunca.

Criado pelo norte-americano Todd McFarlane, que ficou famoso pelas “teias de *spaghetti*” e posições impossíveis do Homem-Aranha, da

Marvel, nascia em 1992 o *Spawn*, a cria do Inferno. Inclusive, além de elementos “bebidos” de personagens como o aracnídeo e o Homem-Morcego da concorrente DC Comics, foi o descontentamento de estar em uma *major* campeã de vendas, que era relapsa em questões como os direitos autorais, que McFarlane e outras “estrelas” dessas editoras foram criar a sua própria, na qual os seus direitos como artistas estavam garantidos: a Image, que causou reboliço tanto nesse quesito quanto na parte gráfica, obrigando a Marvel e DC olharem melhor para a qualidade técnica de seus títulos.

No Brasil, o personagem retorna no mês de abril pela editora Pa-

nini depois de anos de tentativas de outras como a Pixel Media e a New Order. A série só deu certo pela Abril Jovem, quando foi publicada entre 1996 e 2005, com 150 números. Para se ter uma ideia, no mês em que a Panini lançar *Spawn*, o título principal nos EUA chegará à edição de número 352.

Em abril, serão duas séries lançadas no Brasil. Essa fase inicial será rerepresentada em *Spawn: Origins Vol. 1* (176 páginas, R\$ 1990), encadernado que reúne os sete primeiros números, escritos e desenhados pelo seu criador.

Para não ficar no “saudosismo”, a Panini também vai apresentar o primeiro volume de *Spa-*

wn (160 páginas, R\$ 44,90), título que publicará a partir da edição 296 original e vai até o número comemorativo de 300, que terá a participação especial de nomes como Greg Capullo, J. Scott Campbell, Jerome Opeña e o próprio McFarlane. Segundo descrição no site oficial da editora, o encadernado serve como ponto de partida, uma “nova fase” do personagem.

Pedido pelos fãs brasileiros nas redes sociais da Panini, as novas séries do *Spawn* é mais uma oportunidade de (re)ver um verdadeiro retrato dos anti-heróis da década de 1990.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Panini



Sem ser publicado regularmente desde 2005, personagem de Todd McFarlane retorna em dois encadernados: ‘Spawn: Origins’ (à esq.), que republica desde o começo, e ‘Spawn’ (à dir.), que parte de uma nova fase, a partir do número 296 do original norte-americano



Livraria

AUNIÃO

Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:

www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/

Poemas Reunidos

CELSO FURTADO

Pensar o mundo, para mudá-lo

Cley Tornado

SOU EU LÍRICO

Paulo Vieira

PAULO PONTES: a arte das coisas sabidas

RAFAEL VASCONCELOS

Descobrimento

ANTOLOGIA DO

TEATRO PARAIBANO

(1908-1980)

As Cidades de Zé Lins

um passeio crítico pela geografia sentimental do autor

MAESTRO CHIQUITO: o metalurgista das sons

Adelmo Vieira

Antônio Barreto Neto

CINEMA POR ESCRITO

uma obra fundamental nos meandros da cinema

JURANDY NOURA

Iluminuras e outros poemas

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

GOVERNO DA PARAIBA

MUNICIPALISMO

Prefeitos querem reforçar o Fisco

De olho nas eleições, gestores planejam ampliar ações para aumentar a arrecadação e reforçar o caixa

Juliana Teixeira
julianaaraujoteixeira@gmail.com

Prefeitos e prefeitas da Paraíba estão empenhados em unir forças para fortalecer a luta municipalista e lutar contra a queda de arrecadação e dos repasses federais. Em mais um passo dessa união, os gestores consolidaram a recondução de George Coelho à presidência da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup). A instituição se destacou em 2023, quando buscou soluções junto ao Governo Federal para o problema da queda da arrecadação dos municípios, tendo em vista a redução do ICMS e dos repasses federais. Anteriormente, a Paraíba se destacou por uma mobilização de prefeitos na Praça do Meio do Mundo – e que garantiu aumento no Fundo de Participação dos Municípios (FPM) através da PEC 391/17 (PEC do 1%). Como meta para este novo momento à frente da Famup, o presidente George Coelho, quer dar continuidade ao trabalho realizado e aumentar a importância da pauta municipalista da Paraíba. A principal bandeira, tanto do man-



Foto: Roberto Guedes

Uma das reivindicações da pauta municipalista é a ampliação do programa federal de transporte escola que doa ônibus para as prefeituras do Estado

dato anterior quanto do novo triênio, segue em “qualificar o serviço público e participar de pautas nacionais, trazendo para a realidade municipal. Uma dessas estratégias para facilitar o trabalho dos gestores seria a manutenção da parceria com órgãos controladores, como Tribunal de Contas e Controladoria-Geral. “Nós temos várias parcerias que visam o melhor funcionamento da máquina pública municipal. E isso

é muito importante, e a Famup foi criada para isso. E o bom assessoramento, que tem que dar as gestões para que os prefeitos tenham na qualidade, daquilo que representa cada cidade, ele possa fazer sempre o melhor”. Muitas das principais conquistas do movimento municipalista resultaram de debates encabeçados pela Famup, também com o apoio do Conselho Nacional dos Municípios (CNM), como por

exemplo, a criação de repasses adicionais do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), da taxa de iluminação pública e do Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar (Pnate) e os repasses bilionários da arrecadação com volume excedente da cessão onerosa da Petróbras em áreas não concedidas do pré-sal. Para o presidente George Coelho, ao longo da sua trajetória, de 29 anos de exis-

tência, a Famup vem assegurando para os municípios paraibanos parcerias e vitórias importantes que fortalecem o municipalismo. Por isso, a Federação tem ganhado cada vez mais reconhecimento em todo o Brasil de seu trabalho em defesa dos municípios e da população paraibana. O vice-presidente André Gomes destacou que o momento é de unir esforços e fortalecer parcerias para que a Famup continue exer-

cendo esse trabalho de fortalecimento dos municípios. Ele lembrou que a entidade paraibana já ganhou destaque nacional por protagonizar um movimento contra as constantes quedas nos repasses federais. Anteriormente, a Paraíba se destacou por uma mobilização de prefeitos na Praça do Meio do Mundo – e que garantiu aumento no Fundo de Participação dos Municípios (FPM) através da PEC 391/17 (PEC do 1%).

Marcha será entre os dias 20 e 23 de maio para denunciar realidade

Ao mesmo tempo que George fortalece a pauta municipalista, também abre caminho para o retorno à disputa da Prefeitura de Sobrado. Tanto que Coelho já anunciou a pré-candidatura para as eleições deste ano, pelo PSB, com apoio do governador João Azevêdo. George disse que está colocando o nome à disposição dos sobradenses para que o município retome o caminho do desenvolvimento. Para a disputa estará ao lado do presidente da Câmara Municipal de Sobrado, vereador Marlon Brand, Coelho revelou sua pré-candidatura tendo o próprio Marlon como pré-candidato a vice-prefeito.

Pautas

Mas para além do próprio destino político, George Coelho também tem demonstrado preocupação com a situação dos municípios do Sertão. Para o prefeito de Santa Luzia, Zézé Gomes continua demonstrando preocupação com os efeitos da Reforma Tributária. “Essa perspectiva com as mudanças tributárias no Brasil, me deixam preocupado. Na reforma tributária poderemos observar mudanças, com os impostos da energia, por exemplo, com a transação de compra e venda de energia. E também temos que ver o impacto financeiro das mudanças na cobrança do ICMS. Temos que unir esforços para solidificar os municípios”, explicou o gestor.

Empenho nacional

Gestores paraibanos já se preparam para participar da Marcha a Brasília em Defesa dos Municípios ocorrerá de 20 a 23 de maio em Brasília. “Vamos reforçar a tradição histórica de nos reunirmos em peso em Brasília para expor a realidade dos Municípios brasileiros e buscar melhorias para o atendimento da população”, destaca o presidente da CNM, Paulo Ziulkoski, ao convocar todos os gestores municipais. Realizada desde 1998, a Marcha é considerada o maior evento político da América Latina em número de autoridades e alcançou número recorde de participantes em 2023, com mais de 10 mil inscritos. Espaço de diálogo entre as esferas municipal e nacional, a Marcha a Brasília em Defesa dos Municípios reúne as principais autoridades do país para debater questões federativas, programas de governo, distribuição de receitas, entre outros temas. Presidentes da República, do Senado e da Câmara dos Deputados, além de ministros, estão entre os convidados. Em nível estadual, o secretário-executivo da Famup, Pedro Dantas, anunciou a realização do I Congresso e Feira de Oportunidades para Municípios do Estado da Paraíba (Confep) realizado de 4 a 6 de abril no Centro de Convenções da Paraíba, em João Pessoa. O Congresso deverá contar, segundo o secretário, com a participação dos

representantes do Governo Federal, por meio dos ministérios. O evento tem como objetivos capacitar para uma melhor gestão pública municipal; compartilhar experiências gerenciais em meio à crise econômico-política atual; alcançar soluções inovadoras para o aprimoramento das atividades de Administração Pública e Gestão; e conhecer formas de organização do trabalho para uma Administração Pública mais eficiente. Além de Coelho na presidência, a nova diretoria é composta pelos prefeitos André Gomes (Boa Vista) como 1º vice-presidente; Anna Lorena (Monteiro) como 2º vice-presidente; Roberto Bayma (Bom Jesus) como 3º vice-presidente; Sérgio Lima (Baía da Traição) como 4º vice-presidente; Allan Bastos (Pedra Branca) como 1º secretário; Jarques Lúcio (São Bento) como 2º secretário; Bevilacqua Matias (Juazeirinho) como 3º secretário; Joyce Renally (Duas Estradas) como 1ª tesoureira e José Alexandre (Santa Luzia) como 2ª tesoureiro. Também compõe a diretoria no Conselho Fiscal os prefeitos: Maria Rodrigues (Alagoinha); Adriano Wolff (São Sebastião do Umbuzeiro); Neto Nepomuceno (Barra de Santa Rosa); Cláudia Macário (Quixaba); Doutor Lúcio (Itabaiana); Tiago Castro (Cabaceiras); Vital Costa (Araruna); Elias Costa (Jacaraú); Ricardo Pereira (Princesa Isabel) e José Benício Neto (Pilar).

Memórias

A UNIÃO

Foto: Edson Matos/Marketing EPC

Neste domingo (04/02),
as histórias de **Guilherme Cabral**
com o jornal A União.

Acesse nosso canal no YouTube

uniaogovpb

JORNAL

AUNIÃO

EDITORIA

A UNIÃO

EMPRESA

PARAIBANA DE

COMUNICAÇÃO

GOVERNO

DA PARAÍBA

Guilherme Cabral

Um apaixonado que se dedica a cumprir pautas na produção de reportagens

Dos bancos do curso de Comunicação Social para uma jornada que premiou o talento e o amor de um jornalista pela profissão, com persistência e perfeccionismo em busca da informação precisa e dos detalhes exclusivos

Luiz Carlos Sousa
luisjcp@gmail.com

A história de Guilherme Cabral com A União é especial. Há 38 anos ele está na Redação, da qual nunca se afastou. Nessa conversa com o Memórias A União, ele revela que chegou ao jornal através da irmã, Yolanda, que conhecia o superintendente da época, Deoclécio Moura. Após um encontro, a recomendação do dirigente foi para que se apresentasse na Redação. Começou como repórter de Geral, passou por Economia, foi chefe de Reportagem e, hoje, escreve para o Caderno de Cultura. Guilherme diz amar a profissão e ser persistente, esperando até o último minuto para cumprir a pauta e produzir a matéria que lhe foi pedida. Conta que seu amor por jornais e histórias em quadrinhos começou ainda criança, quando ia à esquina comprar o jornal que o pai lhe pedia. Ainda hoje tem recortes de crônicas e algumas reportagens guardadas desse tempo. Destaca a camaradagem entre os colegas de A União, o respeito profissional e a importância desse patrimônio histórico e cultural que o impresso tem para a Paraíba.

Entrevista

■ Como é que começou a sua história com A União?

Minha história n'A União começou em 1983. Minha irmã Yolanda conhecia um dos filhos de Deoclécio Moura, que era presidente d'A União na época. Ela era professora e o filho de Deoclécio, seu aluno. Ela pediu e eu vim falar com ele.

■ Você tinha terminado Comunicação?

Sim, eu fiz Comunicação Social na habilitação jornalismo, na UFPB - Universidade Federal da Paraíba, do primeiro semestre de 1980 até o segundo semestre de 1982. Depois que me formei eu fui trabalhar como estagiário na Assessoria de Comunicação Social da Fundação Espaço Cultural, com Josemar Pontes, que era o chefe na época. Minha mãe conhecia a mãe dele, eu recém-formado, ela falou com ele, então fui para lá. Trabalhei um tempo. Quando chegavam visitas, normalmente de artistas, eu ia lá acompanhar com Werneck Moreno, que era o fotógrafo.

■ Aliás, trabalhou aqui em A União também?

Eu passei vários meses lá, na Assessoria de Comunicação Social da Funesco. Foi quando, depois de concluída minha passagem por aquela instituição, minha irmã falou com Deoclécio Moura e eu vim para aqui, para o jornal.

■ Como foi o primeiro contato?

Fui até ao gabinete de Deoclécio, localizado no Distrito Industrial de João Pessoa, onde então ficavam instalados a administração e o parque gráfico do jornal. Na ocasião, ele me disse: “No dia seguinte vai lá à Redação d'A União, que funcionava na antiga biblioteca pública”.

■ Ao lado do “Terceirão”?

Fui lá, como ele recomendou e comecei como estagiário.

■ Você lembra quem era o editor?

Se não me engano, era Antônio Costa o editor, sendo chefe de Reportagem Sebastião Barbosa, mais conhecido como Barbosinha. Mas, depois, viria a trabalhar com outros editores, a exemplo de Nonato Guedes e Agnal-

do Almeida. E, entre os chefes de reportagem, também trabalhei com Pedro Moreira, para quem eu ainda atuei como repórter de uma página da qual ele era o responsável para fechar.

■ Sentiu alguma dificuldade ou se adaptou rapidamente ao barulho, a essa confusão, essa balbúrdia que é uma Redação de jornal?

Acho que foi um contato normal mesmo. Eu queria trabalhar e para isso me esforçava para dar o melhor como profissional recém-formado, porque gostava, e ainda gosto, da profissão para a qual resolvo me dedicar. Por isso, procurava me esforçar, no sentido e cumprir as pautas e fazer um texto que pudesse agradar. Sebastião Barbosa gostava e, depois, me contou que chegou a perguntar a outros repórteres, como Hilton Gouvêa, se o texto estava bom.

■ Quer dizer já recebeu a bênção de alguém que entendia?

Nos anos 1970, eu já lia matérias de Hilton Gouvêa no antigo O Norte, quando nem eu mesmo ainda sonhava em ser jornalista. Com o tempo, pude ter sempre o privilégio de trabalhar ao lado dele, na Redação. Era a época do barulho das máquinas datilográficas, que usávamos para produzir os textos das matérias. Máquinas essas que, posteriormente, vieram a ser substituídas pelos computadores. Fui me adaptando normalmente a essa mudança, porque tive oportunidade de fazer cursos de informática. Então, foi uma coisa normal mesmo, porque escolhi essa profissão por gostar dela.

■ Como é que você descobriu que queria ser jornalista?

Meu pai foi engenheiro agrônomo e exerceu a vida toda o cargo de professor de mecânica na Escola de Agronomia, em Areia. Toda semana ele viajava na segunda-feira e voltava na sexta-feira e a família ficava aqui em João Pessoa. A maioria dos meus irmãos mais velhos nasceu em Areia, meus pais também são de Areia e eu e mais dois irmãos nascemos na capital paraibana. Sou o caçula da família. Na minha adolescência, costumava comprar jornais para meu pai, a exemplos

de A União e O Norte, indo, às vezes, até o sinal lá perto de casa para adquiri-los. Fui lendo também esses jornais, gosto desse pela leitura que eu já tinha adquirido pela compra e leitura de revistas de histórias em quadrinhos, que eu colecionava. Eu também lia livros, como os de José de Alencar, para realizar trabalhos didáticos na escola, além de gostar de escrever ditado em sala de aula, tarefa essa que a professora passava de repente, mas que não me amedrontava. E comecei a escrever coisas de minha própria autoria, como poesias, crônicas e guardava. Certo dia, durante a leitura de jornais, passei a me interessar por algumas matérias, como as de Hilton Gouvêa, as charges de esporte de Luiz Zuardo e as crônicas de Luiz Augusto Crispim, e as recortava e guardava para mim. Fiz o primeiro vestibular para Agronomia, seguindo o exemplo de papai, mas não passei por faltarem uns 30 pontos para conseguir a aprovação. Depois, eu fiquei pensando comigo que eu gostava de ler os jornais e escrever coisas minhas e, no Vestibular do ano seguinte, resolvi me inscrever para essa área de comunicação social e fui aprovado.

■ Você começou n'A União pela geral. Você se lembra assim, o que foi a sua primeira pauta? Qual foi a primeira reportagem de repercussão?

Eu acho que a primeira pauta como serviço prestado foi sobre o IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool), que era pertinho d'A União, num edifício distante praticamente um quarteirão.

■ Economia?

Eu fiz com Pedro Moreira como editor. Ao longo do tempo, passei por algumas editorias como repórter e, hoje, estou no caderno de Cultura.

■ E nesse tempo todo sempre n'A União? Foi o primeiro jornal onde eu comecei a trabalhar e continuo, de forma ininterrupta, até hoje.



“Me esforçava para dar o melhor como profissional porque gostava, e ainda gosto, da profissão”



Guilherme Cabral revela que, ainda criança, lia e colecionava matérias publicadas nos jornais e que as guarda até hoje

■ Mas você saiu de A União alguma vez?

Se não me engano, pois já faz muito tempo, sai de A União em outubro, ou novembro, de 1984, após minha carteira de trabalho ter sido assinada em março daquele mesmo ano. Depois, Antônio Costa me disse: “Se tiver oportunidade, eu lhe chamo novamente”. Ele cumpriu a promessa, me convocando novamente. Voltei para A União em 1985 e assinaram minha carteira, coincidentemente, em primeiro de março novamente. E assim continuei trabalhando no jornal de lá até hoje.

■ Você gostou desse período de vespertino? Foi diferente fazer, pelo menos para mim. Foi inédito.

■ Alguma vez foi surpreendido com uma matéria que produziu e não saiu?

Já fiz matérias que não saíram, mas, como sou empregado, nunca perguntei o motivo da matéria não sair.

■ São 38 anos n'A União?

Praticamente. Completo agora em março 38 anos.

Você nunca saiu ou exerceu alguma coisa fora simultaneamente com A União?

Trabalhei em outro jornal simultaneamente. Pela manhã em A União e à tarde ia para o Correio da Paraíba, o último que trabalhei assim de carteira assinada: 90, 92. Trabalhei em O Momento antes de fechar. E em outros jornais que duraram pouco, com circulação de um ano, em média.

■ Alguma decepção?

Passei um período com vontade de deixar a Redação, porque é uma rotina muito corrida, muita pressão, estressante. Costumo dizer que é como se tivesse que correr contra o tempo, a partir do momento em que se recebe uma pauta para cumprir. Naquele momento, eu queria trabalhar em assessoria de imprensa, que achava ser mais leve, tranquilo. Mas ninguém me chamou.

■ Você falou há pouco do barulho das máquinas e hoje a Redação é totalmente silenciosa. Como é que você avalia essa mudança grande que houve nas redações e de um ambiente, por exemplo, carregado de fumaça de cigarros, do barulhinho que a máquina fazia não só quando você teclava, mas quando puxava o papel, no final, e hoje essa Redação que está informatizada e que é muito silenciosa?

Eu trabalhei em algumas coisas de A União. Quando o jornal completou 100 anos, houve uma edição especial, Cada uma tem sua característi-

ca. Aqueles “velhos tempos” tinham aquela movimentação, no bom sentido, fervendo, barulho no trabalho. A gente batia nas teclas, também, contraindo para o barulho no ambiente da redação. Me impressionava a performance do saudoso Wellington Farias, pela rapidez de raciocínio ao datilografar o texto da matéria e a ligeireza no uso da máquina.

■ Fazia uma Sinfonia só?

Sim. Hoje tem um computador ligado, com ferramentas que ajudam a dar mais agilidade, mais praticidade ao trabalho de apuração da matéria por parte do repórter. Com o celular, você localiza mais rapidamente a pessoa, vai direto onde a pessoa estiver. O computador trouxe velocidade e praticidade.

■ Hoje, a tecnologia facilita muito o trabalho?

Muito. Ajuda demais, mas o amor à profissão, o gostar de fazer é o que conta. Eu penso que esse amor é fundamental. Tem que gostar do que faz, que é o que conta,

■ De qualquer maneira, você tem que apurar...

Antes disso tem que gostar do que faz, amar a profissão, o que também vale para todas as outras. A tecnologia vem para dar um apoio, dar um suporte, o que tem sido melhor do que naquela época, quando não havia os recursos digitais de hoje em dia.

■ Você acha fundamental você fazer o que gosta?

Sim, em qualquer profissão, porque não deve ser muito difícil você se adaptar a alguma rotina de trabalho se você não gostar. Acho que não dá, imagina numa Redação do jornal, onde você tem que estar constantemente e escrevendo. Eu gosto. É um pouco estressante correr contra o tempo. Recebo a pauta, e já tem que correr contra o tempo. Em qualquer lugar, o

conceito mesmo: tem que ter, primeiro, amor e gostar do que faz e o resto surge naturalmente. O repórter também tem que ter o discernimento de superar as dificuldades quando não encontra uma fonte, não tem o contato, quando é preciso substituir a pauta. E insistir. Eu tento várias vezes, ligo e o cara não atende, ligo de novo. Sou persistente e até já levei carão do entrevistado, porque liguei várias vezes no mesmo dia até quando ele atendeu. Quando recebo a pauta eu quero cumprir. Vou até o último horário mesmo, quando então recebo a liberação do meu editor para encerrar o trabalho por causa da chegada da hora para o fechamento do caderno.

■ Além de repórter você exerceu alguma outra função na Redação?

Fui chefe de Reportagem e editor de Cultura.

■ Como foi que você encarou o desafio, por exemplo, da chefia de Reportagem?

Ser editor e chefe de Reportagem são funções estressantes, não consegui me adaptar. No caso da chefia de reportagem, por exemplo, a pessoa tem que estar sempre ligada acompanhando todos os jornais e inclusive TVs. De repente, alguma coisa assusta de última hora: é carro, é telefone, é repórter que não vem, ou a pauta que deu errado.

■ Eu achava muito estranho, muito estressante e, além do mais, no final tinha a cobrança... Cadê a matéria para poder editar? E aí você com essa tranquilidade, que é característica sua, como é que superava essa pressão?

Eu não podia demonstrar exteriormente, mas ficava angustiado interiormente. Por isso que eu, quando não era computador, era telex, pegava as matérias, tirava e levava para casa e a noite trabalhava separando as matérias por página para quando chegasse aqui já estava antecipado. Sentava no chão, no quarto de minha casa, à noite, e ia separando cada telex por assunto, já pensando em qual página



“Eu costumava começar a agir depois que eu apuro. Só descanso quando consigo todas as informações”

seria publicado quando chegasse aqui no outro dia. Como recebia sugestões dos chefes, ou então ia acompanhando os eventos, o que é que ia acontecer. E elaborava outras pautas.

■ Algo na rotina d'A União lhe chamava a atenção na comparação com outros jornais?

O clima d'A União, que considero familiar, tem essa característica, é um respeito tanto pessoal como, é uma coisa mais tranquila. No sentido de não é aquela concorrência ninguém querendo passar por cima de ninguém. E o clima no geral é bem tranquilo.

■ Não é aquela concorrência muita gente querendo passar por cima do outro?

Não. A Redação privada é muito mais estressante. Por isso que eu considero, sempre considerei bem melhor trabalhar aqui.

■ Você conhece todo o processo de confecção do jornal. Nunca quis experimentar outro cargo ou função fora da Redação?

Não, só me interessei em atuar na Redação.

■ Você já teve alguma dificuldade em relação a orientação editorial de A União? Se lembra de alguma?

Não é dificuldade, mas já aconteceu numa entrevista e a gente sabe que não pode. A fonte pode até dizer, a gente não diz nada, mas na hora de escrever a matéria a gente sabe o que tem que fazer.

■ Alguma matéria que você se sentiu muito bem por ter feito, por ter dado aquela contribuição, que foi um diferencial para edição?

Completei 80 anos de idade. Na área de Cultura pude ter a oportunidade de, ao longo dos anos, de entrevistar vários artistas, escritores, tanto paraibanos como de outros estados do Brasil. Destaco a entrevista que fiz por telefone com Ziraldo, quando ele completou 80 anos de idade. Ao receber a pauta, resolvi pesquisar na internet algum contato de Ziraldo. Encontrei o do estúdio, liguei e a secretária atendeu e me deu o contato dele, mas já foi avisando que talvez não conseguisse falar com ele naquela manhã. Quando liguei, Ziraldo me atendeu imediatamente e conversamos amigavelmente, tendo se mostrado bastante receptivo. Fiz a entrevista e, ao comunicar ao então editor Juneldo Moraes que havia conseguido, notei sua alegria pelo cumprimento da pauta.

■ Então muita história já passou pela suas mãos?

É uma área que eu gosto e na qual espero continuar trabalhando até chegar minha aposentadoria. Vários nomes nas artes, na literatura, gente que ouvia quando era adolescente e quando repórter se encontra, por exemplo, para fazer matéria com aquele pessoal que a gente já ouvia e lia é uma grande satisfação.

■ Como é para o repórter encontrar, de repente, o ídolo?

O casal Antônio Bastos, que anos 70 a gente ouvia muito no São João. Ney Mato Grosso gravou inclusive Homem com h”. Em 2012, 2013 tive oportunidade de entrevistar os dois. Entrevistar a cineasta Tisuka Yamasaki, do filme “Parahyba mulher macho”. Também entrevistei Zezita Matos, Solha e o cartunista Ziraldo, que eu li no Pasquim, nos anos 70.

■ Ao longo desse período todo, a gente viu uma evolução muito grande na maneira de produzir jornal, inclusive, você já deu um toque que a tecnologia facilitou muito a apuração, a localização. E com relação ao texto, você acha que as novas tecnologias facilitaram a construção da narrativa ou elas deixaram as pessoas um pouco irresponsáveis com a qualidade?

Acho que é do profissional querer realizar o trabalho com profissionalismo e responsabilidade.

■ Quando nós começamos se tinha o sonho de ter o texto que os nossos colegas, que eram os grandes mestres do jornalismo, Gonzaga Rodrigues, Barreto Neto, Carlos Aranha, Agnaldo Almeida, Arlindo Almeida, Werneck Barreto. A gente queria o texto final que eles tinham. Hoje eu não vejo mais essa preocupação na Redação...

Eu, quando vou redigindo, vou olhando, corrigindo, pensando, mas às vezes passam falhas, porque somos humanos. Mas procurar fazer o melhor sempre foi minha preocupação. Eu gosto da profissão, embora já esteja meio cansado. Quando eu saía no carro da reportagem externa e conseguia a entrevista, enquanto estava voltando no carro ainda, eu já ficava mentalizando como é que eu colocaria a matéria, a forma, o início já para pegar a ideia, anotar pelo menos o lide que para mim é o mais importante, pois dá mais trabalho. É realmente o mais difícil. Depois que faço o lide vou dando sequência costurando, procurando nas anotações, as ideias que foram se juntando em blocos, deixando uma narrativa que tenha coerência até o final. Às vezes, tem um uma anotação que está em outro papel, eu vou junto aqui, nessa parte eu chamo de costurar. Então, eu sempre tenho essa preocupação.

■ Às vezes, há certo conflito entre repórter e fotógrafo na produção de uma matéria. Você enfrentou algo assim?

Sim, justamente por conta disso: eu esperava até o final, até os últimos momentos para conseguir a matéria, geralmente em eventos presenciais. Uma vez, fiquei esperando o final do evento para conversar com a pessoa que era para ser entrevistada e o fotógrafo que estava comigo, esperando também, ficou assistindo: “Não vamos embora”. E eu: não, vamos esperar, vai acabar. Senti que ele não gostou, mas ficou até o final e eu consegui.

■ Como é sua rotina de produção, quando você senta para redigir?

Eu costumo começar a agir depois que eu apuro, que consigo entrevistar. Só descanso quando consigo, quando tenho todas as informações. Aí sento para poder pensar e começar a maté-

ria. Sempre foi assim.

■ Você lida bem com o corte do texto na Redação?

Sempre me dou bem com o corte do meu texto. Você escreveu demais e o cabra tem que cortar para caber dentro da página. Que tem um limite físico. É que eu digo né? Sempre uma lauda basta, uma lauda e meia basta sempre. Geralmente dá mais, porque eu sou muito detalhista na entrevista, que é uma característica minha. Derrepente, o entrevistado fala uma coisa e surge ideia, o “gancho” para mais uma pergunta durante a conversa. Quando a matéria fica maior do que o esperado, já antecipo para o editor que fique à vontade para cortar o texto.

■ Você veio das primeiras turmas do Curso de Comunicação. Mas você também considera A União, uma escola?

Para mim, uma família e uma escola também de jornalismo.

■ Qual o aprendizado de A União que você trouxe para a vida pessoal?

O amor pelo que se faz. O companheirismo dos profissionais no trabalho que se faz e o respeito também. O respeito pel'A União, instituição histórica. O clima de camaradagem. E amar o que se faz, que serve para qualquer profissão.

■ Você disse que o respeito pela instituição importantíssima que é A União...

Orgulho, privilégio de estar numa empresa e trabalhar numa empresa que tantos outros nomes importantes da cultura, de todas as áreas passaram. Eu estou, como se diz, colocando meu tijolinho. Trabalhar numa instituição dessa é uma honra, um privilégio.

■ Há algo que você gostaria de acrescentar?

Uma de minhas recompensas, como profissional, é quando a matéria é bem recebida pelos leitores, mas principalmente pela própria fonte que concedeu as informações. Nesse sentido, um dos principais agradecimentos que recebi ocorreu em 2023, quando o músico Xisto Medeiros, integrante do Quinteto Paraíba, me enviou a mensagem em áudio a respeito de matéria que havia feito com ele. Outro episódio que gostaria de ressaltar, que também muito me moveu e foi até mesmo uma imensa surpresa, partindo de quem partiu, foi um texto sobre mim e o meu trabalho, intitulado Cada um na sua, que o mestre da crônica Gonzaga Rodrigues assinou e publicou há alguns anos, no Jornal da Paraíba.



Aponte a câmera do celular e confira o entrevista no YouTube



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORACÃO: Paulo Sérgio



Na Paraíba, as provas do concurso aberto pelo BNB serão aplicadas nas cidades de João Pessoa, Campina Grande e Patos

MERCADO FINANCEIRO

BNB oferece 710 vagas para analista bancário

Edital tem 410 oportunidades de contratação imediata e 300 destinadas à formação de cadastro reserva; as inscrições prosseguem até 9 de março

Alinne Simões
alinnesimoesjp@gmail.com

O tão esperado concurso para preenchimento de vagas no Banco do Nordeste do Brasil (BNB) enfim foi publicado e é uma das grandes esperanças dos concurseiros que estão focados nos estudos para a área bancária. Foram abertas 710 vagas, sendo 410 para preenchimento imediato e 300 destinadas à formação de cadastro de reserva. Desse total, 36 são reservadas para pessoas com

Concurso do BNB terá provas em 28 de abril deste ano. A taxa de inscrição custa R\$ 65 e a remuneração inicial é de R\$ 3.788,16

deficiência e 142 para candidatos negros. O certame está sendo organizado pela Fundação Cesgranrio (concursos.cesgranrio.org.br), onde os candidatos podem se inscrever até as 16h do dia 9 de março, ao valor de R\$ 65. E as provas serão aplicadas no dia 28 de abril deste ano. O edital oferece remuneração inicial de R\$ 3.788,16, sendo vencimento inicial de R\$ 2.577,32, mais adicional de piso salarial do cargo no valor de R\$ 263,80 e gratificação de 1/3: R\$ 947,04. A jornada de trabalho é de

seis horas diárias, totalizando trinta horas semanais. Os candidatos podem solicitar a isenção do pagamento da taxa de inscrição durante o período de inscrição via internet, até o dia 12 de fevereiro. A prova objetiva será composta por 60 questões de múltipla escolha, dividida em 20 quesitos de conhecimentos básicos e 40 de conhecimentos específicos, totalizando 100 pontos. No Estado, as provas serão realizadas em três cidades: João Pessoa, Campina Grande e Patos.

Ação no apoio a projetos e análise de dados

O analista bancário é o profissional responsável por atualizar relatórios, acompanhando as atualizações das normas bancárias. Sua função está ligada ao apoio a projetos, operações, análise de dados, geração de relatórios de acompanhamento e suporte à tomada de decisão dos escalões gerenciais e estratégicos de uma instituição financeira, inclusive atuando junto a outros especialistas e clientes. Além disso, ele pode atuar também em outras atividades correlatas, tais como: acompanhamento e controle de processos, compliance e orientação.

Para que o profissional tenha um bom desempenho é primordial que ele possua conhecimentos financeiros e econômicos. De acordo com o Edital do BNB, o analista bancário atuará em projetos e processos ligados ao desenvolvimento regional, alimentação de dados e geração de relatórios dos resultados para subsidiar decisões. Bem como, por realizar atividades operacionais para atendimento de clientes internos e externos do banco, realizar atividades e controle em consonância com os procedimentos internos do BNB, orientação de clientes internos e externos nos serviços e produtos, e auxiliar os especialistas técnicos e/ou bancário.



Analista bancário também atua na produção de relatórios que deem suporte à tomada de decisões

Segundo o gerente de relacionamento Pessoa Jurídica do Banco do Brasil (BB), Hilton Onuki, o cargo ofertado pelo BNB chama atenção não só pela questão da estabilidade, planos de saúde e previdenciário. Mas porque muitas vezes, os bancos realizam processos seletivos internos em que os profissionais podem ascender profissionalmente e não seria diferente com o Banco do Nordeste. “Eu acho que não é só aqui no BB, mas em qualquer outro banco. Hoje a área financeira está valorizando muito a questão das certificações, que são ligadas a parte de investimentos. No caso específico do analista, ele sempre está li-

gado aí com as novidades, especialmente, dessa parte de análise de dados. Hoje se fala muito em big data, em analytics, em análise de dados para business, é o BI (Business Intelligence). São áreas que sempre estão demandando muita mão de obra, e quem consegue se manter antenado nelas, se destacam e tem a possibilidade de ascensão mais rápida”, ressalta. Entre os benefícios que o edital traz para o cargo de analista bancário estão auxílio-refeição; auxílio cesta alimentação; 13ª cesta alimentação; auxílio-creche; seguro de vida em grupo; direitos previstos na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT); possibilida-

de de participação em plano de previdência complementar, de forma contributiva; e oportunidade de ascensão e desenvolvimento profissional. “Sim, vale lembrar que o BNB, apesar de muitos acharem que ele atua somente nos estados da região Nordeste, ele atua na área definida pelo Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), ou seja, atua também no norte de Minas Gerais e norte do Espírito Santo. Assim, o candidato aprovado no atual certamente também poderá ser chamado para estes estados”, frisa Hilton. Aqui na Paraíba, os candidatos aprovados poderão ser designados para atuar em 18 municípios.

Curtas



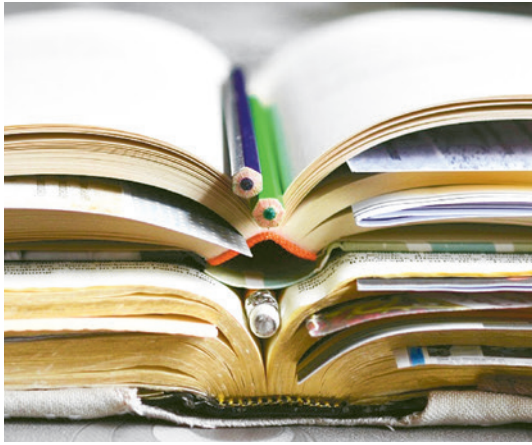
UEPB: 46 oportunidades

As inscrições para o novo concurso público para vagas de docentes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) terminam amanhã. São 46 vagas ao todo, sendo 35 vagas para ampla concorrência, nove para candidatos(as) declarados pretos(as)/pardos(as) e duas para pessoas com deficiência. O edital está disponível, como também pode ser encontrado no Diário Oficial do Estado. As inscrições serão feitas on-line. Os salários vão de R\$ 6.353,38 a R\$ 8.338,82, para um regime de trabalho T-40. As inscrições homologadas serão divulgadas no dia 8. Já a prova escrita está marcada para o dia 17 de março. O resultado final está programado para ser divulgado em 26 de maio.



Tesouro abre concurso

A Secretaria do Tesouro Nacional (STN) divulgou na terça-feira, 16, o edital de abertura do concurso público com 40 vagas para o cargo de auditor federal de finanças e controle. De acordo com o edital, as oportunidades que exigem nível superior em qualquer área estão distribuídas nas seguintes áreas de conhecimento: Econômico - financeira (18), Econômico-financeira (Contratações) (dois), contábil (sete), Tecnologia da Informação (Operação e Infraestrutura) (cinco) e Tecnologia da Informação (Transformação Digital) (oito). A remuneração corresponde a R\$ 20.924,80. Interessados devem se inscrever até as 16h do dia 4 de março de 2024, no site da FGV. O valor da taxa de inscrição para o cargo de auditor federal de finanças e controle é de R\$ 160.



Reta final de inscrições

Faltam poucos dias para encerrar o prazo de inscrição no Concurso Público Nacional Unificado (CPNU). Interessados têm até sexta-feira, dia 9, para se candidatar a uma das mais de 6,6 mil vagas no serviço público federal – 5.948 de nível superior e 692 de nível médio. As inscrições devem ser feitas por meio do site da Fundação Cesgranrio, e custam R\$ 60 para os cargos de nível médio e R\$ 90 para os de nível superior. É necessário, ao candidato, estar inscrito na plataforma gov.br. As provas serão aplicadas no dia 5 de maio, em 220 cidades distribuídas por todas as unidades federativas. Para se inscrever, o candidato precisa, primeiro, escolher um entre os oito blocos temáticos do concurso. Na sequência escolhe os cargos de seu interesse, dentro do mesmo bloco temático, e colocá-los na ordem de preferência. O telefone de suporte para esclarecimento de dúvidas sobre os editais, disponibilizado pela banca examinadora - a Fundação Cesgranrio - é 0800 701 2028. O funcionamento é de 9h às 17h, todos os dias da semana.

Selic Fixado em 31 de janeiro de 2024 11,25%	Sálário mínimo R\$ 1.412	Dólar \$ Comercial -1,08% R\$ 4,968	Euro € Comercial +0,35% R\$ 5,362	Libra £ Esterlina +0,17% R\$ 6,279	Inflação IPCA do IBGE (em %) Dezembro/2023 0,56 Novembro/2023 0,28 Outubro/2023 0,24 Setembro/2023 0,26 Agosto/2023 0,23	Ibovespa 127.235 pts -0,97%
--	---	--	--	---	---	--

REGIONALISMO

Artesanato emprega e gera renda para famílias na PB

Habilidade e dedicação se transformam em peças criativas e valiosas

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

O artesanato paraibano é conhecido mundialmente por suas peças únicas, que contam histórias de uma região e vivência do seu povo. A atividade se consolida no estado como importante instrumento para a economia, com geração de emprego e renda, o que garante o sustento aos artesãos e profissionais contratados para prestar serviços.

Eurídice Honorato começou a bordar aos 10 anos, mas a atividade se tornou uma profissão para ela somente após o falecimento do marido. Atualmente ela contrata os serviços de 25 mulheres da cidade de Alagoa Nova, entre bordadeiras e costureiras. A maioria delas mora na zona rural, não tinha profissão e a principal fonte de renda era um benefício social pago pelo governo. Os planos são para formar uma associação a partir do trabalho do grupo, ainda neste ano.

As bordadeiras recebem de Eurídice o material para produzir e as encomendas e são informados sobre o prazo para entrega. Elas são pagas por peça entregue, cujo valor é acertado previamente, e têm o processo de produção acompanhado de perto por Eurídice. “Eu sempre ligo, pergunto se estão com alguma dificuldade. No final de semana eu faço o levantamento da produção e elas ficam muito satisfeitas com o resultado e por



Trabalho liderado por dona Eurídice é resultado do esforço de 25 mulheres em Alagoa Nova

receberem o próprio dinheiro”, revelou Eurídice.

Nalva Gomes é uma das mulheres que conquistou a independência financeira através do trabalho realizado com Eurídice. Bordadeira e costureira, ela presta serviços há 15 anos e afirma que o trabalho proporciona também diversão. “Ver as peças ganhando o país e até o mundo me traz um sentimento de orgulho e satisfação. Trabalhar fazendo o que a gente gosta é realmente um privilégio e o artesanato proporciona isso para essas mulheres de Alagoa Nova”, afirmou.

Com a proposta de unir em suas peças a alta costura e o algodão colorido, a Graça Natural contrata os serviços de costureira e vendedor, mas ainda esbarra na escassez de profissionais

capacitados. “Falta capital humano, mas nos sentimos felizes em gerar emprego e renda. Nós produzimos peças sociais refletidas no algodão, então é algo que exige um acabamento melhor, uma costura bem feita, com qualidade alta”, explicou a empresária Monik Pinto.

Para uma maior profissionalização da atividade, os artesãos paraibanos contam com o Centro de Referência do Artesanato Paraibano (Crap), no Centro Histórico de João Pessoa. No local funciona um laboratório permanente de inovação e design, além disso, há um local de atendimento, salas de reunião e de capacitação. Outro equipamento é o Centro de Referência da Renda Renascença (Crença), sediado em um prédio histórico na cidade de Monteiro, no Ca-

riri paraibano. No local os artesãos podem obter informações, orientações, além de participar de cursos e oficinas.

“Nosso maior parceiro é o Sebrae. Durante o ano inteiro, em gestão compartilhada com o Governo do Estado, oferecemos cursos e oficinas para que o artesão esteja bem informado, orientado e capacitado para atender o mercado, que está cada vez mais competitivo e exigente. O governador João Azevêdo acertou em cheio quando decidiu oferecer aos artesãos dois espaços físicos que agora são usados para a formação profissional do artesão, o Crença em Monteiro e o Crap em João Pessoa”, destacou a gestora do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), Marielza Rodriguez.



Peças produzidas em tecido, sisal e couro conquistam turistas e garantem o sustento de paraibanos em diferentes regiões do estado

Associações são vitrines e potencializam vendas

As associações de artesãos desempenham papel fundamental na geração de renda. Trabalhar em parceria com outros profissionais é uma estratégia de fortalecimento com potencial para alavancar as vendas e ampliar a divulgação dos produtos. A artesã Maria Aparecida Chalegre produz peças bordadas à mão e há 10 anos faz parte da Associação dos Artesãos da Rainha da Borborema.

“Fazer parte da Associação facilitou muito para os caminhos se abrirem. Possibilita a exposição dos meus produtos em feiras e a troca de experiências com outras artesãs e traçar estratégias de venda, por exemplo”, disse Maria Aparecida.

Em Barra de Santa Rosa, 21 mulheres se uniram para criar a Associação Cuiuiu, no ano de 1995, que trabalha na confecção de peças trançadas em sisal e agave. “Entre cordas e afeto”, o lema da associação, bolsas, produtos de decoração e utilidades para o lar chamam atenção pelo requinte e garantem renda para as artesãs.

“Somos mulheres fortes, assim como a fibra do sisal. Eu estava fiando corda para conseguir me manter com meus pais e meus dois filhos. Foi difícil. Se a gente produzir bem, também ganhamos bem, porque as pessoas valorizam muito o nosso trabalho”, explicou a artesã Maria da Guia.

Fomento à economia

No Cariri paraibano, a Cooperativa Arteza tem 70 artesãos cooperados e emprega mais de 400 pessoas nas oficinas. Com sede no distrito de Ribeira, em Cabaceiras, a cooperativa trabalha o couro dos caprinos, transformando o material em bolsas, carteiras, calçados e outros produtos. Os preços das bolsas, por exemplo, variam de R\$ 260 a R\$ 550 quando confeccionadas em couro caprino e de R\$ 130 a R\$ 420.

“É um trabalho que modificou totalmente a realidade do distrito de Ribeira e da região. Além dos produtos, o processo de fabricação das peças tam-

bém chama a atenção e atrai turistas que querem conhecer como é feito, desejam ver o curtimento do couro”, explicou Altemir Araújo, que trabalha como vendedor da cooperativa.

A cooperativa foi criada em 1998 e garantiu aos artesãos a conquista da renda de forma profissional, sem a necessidade de buscar emprego em outras regiões. Os cooperados afirmam que esse foi um marco no artesanato local, pois trouxe uma visão mais abrangente de mercado, agregou valor a produtos já fabricados, trouxe novos produtos para serem fabricados e organizou os produtores estabelecendo regras e normas para a atividade.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O BC e o recorde do déficit nas contas públicas

O Brasil encerrou o ano de 2023 diante de um cenário econômico alarmante, marcado por um débito recorde superior a 230 bilhões de reais nas contas públicas. Esse endividamento público maciço não apenas sinaliza a urgência de reformas e gestão fiscal, mas também projeta sombras sobre a estabilidade econômica do país e o bem-estar dos cidadãos.

O elevado endividamento limita severamente a capacidade do governo de investir em setores fundamentais como educação, saúde e infraestrutura. Com uma parcela substancial da receita destinada ao serviço da dívida, os recursos disponíveis para investimentos que poderiam estimular o crescimento econômico e aprimorar a qualidade de vida da população se tornam escassos.

Ademais, o alto nível de dívida pode minar a confiança dos investidores. Isso resulta no aumento dos custos de empréstimos do governo, encarecendo ainda mais o serviço da dívida e potencialmente desencadeando um ciclo vicioso de endividamento. O setor privado também é afetado, já que o aumento dos juros eleva o custo de capital, desacelerando investimentos e consumo, fundamentais para a atividade econômica.

Para a população, as consequências do endividamento público são tangíveis. A redução na capacidade de investimento do governo prejudica a qualidade e a acessibilidade dos serviços públicos essenciais, forçando as famílias a arcar com custos adicionais ou a lidar com serviços de qualidade inferior. O desequilíbrio fiscal também pode levar a medidas de austeridade, como alta de impostos e a redução de benefícios sociais, afetando diretamente o poder de compra e o bem-estar da população.

Confrontado com esse cenário, o governo brasileiro necessita de uma abordagem multifacetada para reverter a situação. Isso inclui a implementação de reformas fiscais e tributárias para tornar o sistema mais eficiente e ampliar a arrecadação sem aumentar as taxas de impostos; o controle rigoroso dos gastos, focando na otimização das despesas públicas; o estímulo ao crescimento econômico, com investimentos em setores estratégicos e melhoria do ambiente de negócios; a reforma previdenciária para assegurar a sustentabilidade do sistema à luz do envelhecimento da população; e a fortificação dos mecanismos de transparência e governança nas finanças públicas para reconquistar a confiança dos investidores e da população.

Paralelamente, a gestão da taxa Selic pelo Banco Central é fundamental, especialmente em períodos de alto endividamento público. O controle da taxa de juros básica da economia é essencial para equilibrar a contenção da inflação e o fomento ao crescimento econômico. Quando a Selic é elevada, o custo do crédito aumenta, desestimulando o consumo e os investimentos, o que ajuda a controlar a inflação. Por outro lado, sua redução torna o crédito mais acessível, incentivando o consumo e os investimentos, o que pode estimular o crescimento econômico. No entanto, a redução da Selic sem uma análise criteriosa do contexto macroeconômico pode acarretar um aumento da inflação, erodindo o poder de compra da população e prejudicando a estabilidade econômica.

No contexto de 2023, com o débito público elevado, a administração da taxa Selic exige cautela redobrada. Reduzi-la precipitadamente pode amplificar a dívida pública em termos reais se resultar em inflação mais alta. Além disso, taxas de juros mais baixas podem diminuir a atratividade dos títulos públicos, complicando o financiamento da dívida. Por isso, é imprescindível que o Banco Central monitore rigorosamente os indicadores econômicos e ajuste a taxa Selic de maneira a promover um equilíbrio entre controle da inflação, estabilidade de preços e crescimento econômico. A redução da Selic deve ser ponderada e ocorrer apenas diante de sinais claros de estabilidade econômica e fiscal, assegurando que a política monetária contribua efetivamente para a saúde financeira do país.

Há setores do Governo Federal prometendo que em 2024 dá para zerar essa dívida. Dá para acreditar?

CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

Consumo sustentável cresce no país

Pesquisa da CNI mostrou que 81% dos brasileiros passaram a adotar hábitos diários com foco na preservação

Agência CNI

Os brasileiros têm adotado ações relacionadas à conservação do meio ambiente no dia a dia, embora ainda haja espaço para expansão do consumo sustentável. Uma pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) revela que 81% adotam hábitos sustentáveis sempre ou, pelo menos, na maioria das vezes. Em 2022, eram 74%.

Os dados revelam que, nos últimos seis meses, 73% dos consumidores sempre evitaram desperdício de água e 17% adotam a prática na maioria das vezes, totalizando 90%. Outros 69% procuraram evitar o total desperdício de energia e 20% quase sempre fazem isso, somando 89%. Sobre a produção de lixo, 50% buscaram a redução diária e 28% tentam em boa parte do tempo, somando 78%.

Outro aspecto relacionado ao consumo consciente é sobre reutilização da água, 52% disseram sempre manter o hábito e 22% o fazem frequentemente, somando 74%; 47% sempre separaram lixo para reciclagem e 18% na maioria das vezes, somando 65%; 45% sempre reutilizaram ou reaproveitaram embalagens de produtos e 25% adotam a prática frequentemente, somando 60%. A pesquisa ainda indicou que 43% sempre reutilizaram o uso de embalagens e 27% adotaram o hábito na maioria das vezes, somando 70%.

“Todos temos de fazer a nossa parte: governo, sociedade e setor produtivo juntos, no que cabe a cada um para viabilizar a descarbonização da economia. Temos de entrar em um ciclo virtuoso para impulsionar o país para uma economia mais sustentável e alinhada à conservação do planeta e à promoção do bem-estar social”, afirma o presidente da CNI, Ricardo Alban.

A pesquisa ouviu 2.021 cidadãos com idade a partir de 16 anos em todas as unidades da Federação. O levantamento foi conduzido pelo Instituto de Pesquisa em Reputação e Imagem, da FSB Holding, entre os dias 18 e 21 de novembro de 2023. A margem de erro no total da amostra é de 2 pp, com intervalo de confiança de 95%.



Fotos: Freepik

Entre os hábitos adotados está a separação do lixo para a reciclagem, apontado como frequente por 65% dos brasileiros que participaram da pesquisa

Consumidor vê dificuldade em encontrar produtos

■ **Pelo menos 62% dos entrevistados consideram difícil achar produtos com selo sustentável em lojas**

Outros aspectos relevantes da pesquisa é que 62% dos entrevistados consideram difícil encontrar produtos sustentáveis em lojas e 45% não verificam se o produto que vão comprar foi produzido de forma ambientalmente sustentável. Os principais entraves para práticas sustentáveis apontados foram a falta de campanhas de conscientização (19%), hábitos ruins (15%) e desconhecimento (15%).

Além disso, o preço dos produtos orgânicos e sem

crueidade animal ainda é barreira para estimular o consumidor a comprar. Apenas 21% dos entrevistados disseram compra produtos que preservem o bem-estar animal, mesmo que este seja muito mais caro. Já 18% disseram não comprar itens que preservam o bem-estar animal, independentemente do preço.

O levantamento da CNI mostrou ainda que 32% dos consumidores entrevistados compram alimentos orgânicos só se não houver diferença no valor com os

não-orgânicos. Entretanto, considerando dois produtos de origem animal iguais, 33% compram a mercadoria que preserva o bem-estar animal apenas se o preço for o mesmo.

A questão dos agrotóxicos também é tratada na pesquisa, revelando mudança no comportamento do brasileiro na comparação entre os anos de 2022 e 2023. Por exemplo, caiu o percentual de pessoas que não compram o alimento orgânico independentemente do preço. Em 2022, eram 29%, índice que reduziu para 21% no ano passado.

Do mesmo modo, subiu o percentual de pessoas que compram o alimento orgânico apenas se o preço for igual, de 29% para 32%. Já o percentual de consumidores que compra o alimento orgânico apenas se for só um pouco mais caro também cresceu, de 21% para 24%. E os que compram o alimento orgânico, mesmo que seja muito mais caro, passou de 17% para 19%.

Brasileiros que vivem no interior reciclam mais

O perfil mais comum de quem separa lixo para reciclagem é morador de cidades do interior, mais velhos e com menor escolaridade. Mas também há variações regionais. A pesquisa indicou que, nos últimos seis meses, 57% dos consumidores disseram separar o lixo para reciclagem sempre na região

Sudeste, seguido de 55% no Sul, 36% no Nordeste e 32% no Norte/Centro-Oeste.

Outros 50% dos consumidores do interior disseram sempre separar o lixo para reciclagem; o indicador cai para 45% nas regiões metropolitanas e 42% nas capitais.

Em relação à faixa etária, 56% das pessoas com 60 anos

ou mais disseram sempre separar o lixo, mas o indicador cai para 52% na faixa de 41 a 59 anos; para 44% entre 25 e 40 anos e para 34% na faixa etária de 16 a 24 anos.

A pesquisa ainda procurou saber a escolaridade das pessoas que participaram do levantamento. Nesse quesito, 55% das pessoas analfa-

betas ou com escolaridade no nível de saber ler e escrever disseram separar sempre o lixo para reciclagem, entretanto, o indicador cai para 50% para aqueles com Ensino Fundamental, 45% com Ensino Médio e 44% com Ensino Superior.

Como justificativa para a ausência do hábito, as maio-

res dificuldades apontadas para adotar a prática foram a falta de costume e esquecimento na separação do lixo (29%). Em seguida, os consumidores alegaram não haver coleta seletiva na rua, bairro ou cidade (20%) e também alegaram falta de informação sobre reciclagem ou coleta seletiva (11%).



Indústria reconhece necessidade de criar um ciclo virtuoso para impulsionar uma economia mais sustentável e alinhada à conservação e ao bem-estar social

PESQUISA DE ASTRONOMIA

Juazeirinho vai ganhar observatório

Dois telescópios irão monitorar e detectar asteroides e lixo espacial; equipamento deve começar a funcionar em março

Renato Félix
Assessoria Setcites

Um observatório está sendo construído em Juazeirinho para pesquisas de astronomia e do geoespaço, uma parceria entre a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e o Observatório de Xangai, da China. Dois telescópios ópticos vão observar asteroides e lixo espacial numa órbita sobre a linha do Equador. A construção começou em setembro de 2022, concluindo neste início de 2024 com o primeiro equipamento previsto para funcionar já em março. O secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, visitou o local na última terça-feira.

“O observatório é um equipamento muito importante porque ele olhará para diversos setores tanto aqui da Terra, caso da ionosfera e outras camadas da atmosfera, como também para os asteroides e para corpos que estão em órbita geoestacionária em torno da Terra”, explica Furtado. “Essa é uma colaboração da Universidade Estadual da Paraíba, vinculada ao Estado da Paraíba, com o Observatório de Xangai e também da Academia de Ciências chinesa junto da sua agência espacial. Então é muito importante porque é ciência de relevância e de alto nível tendo investimentos aqui no Estado da Paraíba”.

O Observatório Astronômico e do Geoespaço da Paraíba ainda é um nome provisório, mas vai funcionar no Sítio Unha de Gato, que fica a cerca de 14km do centro de Juazeirinho. “A escolha do local levou em consideração a proximidade da região com o equador geográfico e magnético terrestre”, explica o professor Lourivaldo Mota Lima, líder do Grupo de Física da Atmosfera, do Departamento de Física da UEPB. “A localidade é central no estado e próxima à sede da UEPB. E as condições climáticas e de pouca luminosidade à noite são favoráveis para realização de observações com o uso de equipamentos ópticos”.

“Um dos telescópios, com diâmetro de aproximadamente 1,10m, será dedicado à observação de asteroides próximos à Terra. Principalmente os que oferecem perigo à Terra”, afirma o professor, referindo-se a possíveis asteroides que possam entrar em rota de colisão com o planeta.

“Existe um esforço de várias agências de pesquisa no mundo inteiro de observar todo o conjunto de asteroides que estão numa faixa de proximidade à Terra, de monitorar as órbitas para ver se eles têm alguns perigos”, explica o secretário. “Esse é um cuidado importante, porque já aconteceu: a Terra recebe ‘bombardeios’ diários, mas você tem que monitorar corpos celestes de um determinado tamanho para ver se ele pode trazer algum perigo. Esse equipamento aqui na Paraíba terá uma visão des-

sa região do céu para ver esses tipos de asteroides”. O outro telescópio vai monitorar e identificar objetos na órbita terrestre. “Especificamente detritos espaciais em órbita geossíncrona”, conta Lourivaldo Lima. Geossíncrona é uma órbita de baixa inclinação em torno da Terra que acompanha a rotação do planeta em seu eixo. Ou seja: uma volta completa leva 23 horas 56 minutos e 4 segundos para ser concluída.

“Uma espaçonave em órbita geossíncrona parece permanecer acima da Terra a uma longitude constante”, explica o professor. Ou seja: parece estar sempre acima do mesmo ponto do planeta e à mesma altura. “Uma órbita geoestacionária, também conhecida como órbita equatorial geossíncrona (GEO), é uma órbita geossíncrona circular de 35.786 km de altitude acima do equador da Terra e que segue a direção da rotação da Terra”.

O observatório também contará um receptor de GNSS (Global Navigation Satellite System – sistema de navegação global via satélite). “O termo GNSS refere-se ao Sistema Internacional de Satélites Multi-Constelação”, conta o professor. “O termo GNSS descreve qualquer constelação de satélites que fornece serviços de posicionamento, navegação e sincronização temporal numa base global ou regional”.

Ou seja: o observatório vai receber dados dessa constelação de satélites. “Esses dados permitem estudar vários parâmetros atmosféricos, tais como perfil de vapor d’água na região da troposfera, bem como estudar o conteúdo eletrônico total na alta atmosfera, que nós chamamos de região da ionosfera”, diz. “As variações que ocorrem nessa região são importantes, principalmente para as comunicações via satélite e também

para os satélites de posicionamento na terra, que são os famosos satélites de GPS”.

O observatório também terá, entre seus equipamentos, um radar tipo ionosonda digital para estudar as camadas da ionosfera, um radar de meteoros para estudar a dinâmica da alta atmosfera, e um radiotelescópio solar para estudar as variações da energia no espectro de ondas de rádio emitidas pelo Sol.

■
A construção começou em setembro de 2022, concluindo neste início de 2024 com o primeiro equipamento previsto para funcionar já em março



Fotos: Mateus de Medeiros

O secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, visitou o local na última terça-feira

“

Essa é uma colaboração da Universidade Estadual da Paraíba com o Observatório de Xangai e também da Academia de Ciências chinesa junto da sua agência espacial

Claudio Furtado



O Observatório Astronômico vai funcionar no Sítio Unha de Gato, que fica a cerca de 14km do centro de Juazeirinho

Telescópios e Bingo têm missões diferentes

O observatório é chamado “do geoespaço” porque trata da região do espaço sideral próxima à Terra. “Isso inclui a alta atmosfera, a ionosfera e também a magnetosfera, como também considera as interações Sol-Terra”, diz Lourivaldo Lima. “Os dados que serão obtidos através das observações proporcionarão o desenvolvimento de pesquisas em várias frentes”.

Essa observação das proximidades do planeta diferencia o observatório de Juazeirinho do radiotelescópio Bingo, que está em instalação no município de Aguiar e mira muito mais longe.

“O Bingo vai olhar para um cenário de ondas

de emissão de hidrogênio para estudar matéria escura”, explica Claudio Furtado. “Esse Observatório Astronômico do Geoespaço da Paraíba olha para três processos: a detecção de asteroides utilizando um telescópio, através de um detector lá instalado você monitora efeitos que acontecem dentro da nossa atmosfera (ou seja na região da troposfera e da ionosfera) e um terceiro equipamento que vai monitorar corpos em órbita estacionária da Terra”.

Assim, a Paraíba vai se firmando como um ponto privilegiado de observação do espaço – seja muito longe da Terra ou aqui perto.

“

A localidade é central no estado e próxima à sede da UEPB. E as condições climáticas e de pouca luminosidade à noite são favoráveis para realização de observações

Lourivaldo Mota Lima

ESPAÇOS NATURAIS

O poder dos jardins terapêuticos

Contato com plantas tem encontrado respaldo científico como tratamento de saúde

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Para pessoas hospitalizadas ou em tratamento de saúde contínuo, o convívio mais próximo com a natureza pode ser precisamente o que o médico receitou? Sem concorrer com os métodos da medicina convencional, o movimento de trazer os jardins terapêuticos para estabelecimentos de saúde como clínicas, hospitais e centros de reabilitação vem ganhando força impulsionado por evidências científicas e iniciativas inovadoras. Estudos comprovam: observar a natureza traz benefícios que incluem redução da ansiedade, redução do estresse, menor tempo de internação hospitalar e menor frequência cardíaca.

A experiência geral das pessoas sobre como são os locais de promoção da saúde e tratamento de síndromes e doenças, geralmente, não inclui nessa paisagem a presença de plantas, afinal, o pólen e os insetos que algumas delas atraem nem sempre conduzem a um ambiente estéril. De acordo com estudos publicados na Revista Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública, a mera presença de elementos naturais, como plantas e sons da natureza pode desempenhar um papel significativo na promoção do bem-estar emocional.

A psicóloga Michele Costa afirma que os pacientes colocados em locais como os *healing gardens* usufruem de benefícios diversos à saúde mental e física durante o tratamento médico. “Na verdade, a gente tem uma progressão fisiológica desses pacientes, ou seja, uma melhora devido aos ambientes mais arborizados, em jardins que buscam uma interação maior com as plantas e locais mais floridos. A ligação direta com a natureza promove uma condição de vida mais tranquila. Hoje em dia, esses jardins estão cada vez mais comuns nesses tipos de instituições”, garante a especialista.

As origens dos jardins terapêuticos remontam à Grécia Antiga no final do século 6 a.C.. Esta tendência foi seguida no Egito antes de se espalhar pela Europa Ocidental no século 5 d.C., com o uso de centros de cura em templos e mosteiros. No século 19, pavilhões hospitalares com vista para jardins se tornaram populares na

Tradição teve origem na Grécia e foi popularizada em várias civilizações e, a partir do século 19, conquistou o Ocidente

Inglaterra, mostrando uma correlação entre a recuperação e a exposição à natureza. A inglesa Florence Nightingale, fundadora da enfermagem moderna, observou taxas de mortalidade mais baixas em hospitais com vistas para a natureza.

Apesar dos estudos seminais de 1984, liderado pelo psicólogo ambiental americano Roger Ulrich, apontam que pacientes com vista para a natureza se recuperam mais rapidamente e precisam de menos medicamentos para dor após cirurgias, essas descobertas ainda resistem para desencadear uma nova compreensão do papel da natureza na cura médica. “A condição hospitalar é mais fria, geralmente, monocromática - onde tudo é branquinho -, e não tem essa condição de estímulo visual. As flores e as plantas são multicoloridas e faz com que a gente sinta essa influência também”, acrescenta Michele Costa.

Entre os anos 1950 e 1990, houve um declínio no reconhecimento do valor terapêutico dos jardins. A realização de seminários sobre jardins terapêuticos pela Sociedade Americana de Arquitetos Paisagistas (Asla) marcou o ressurgimento do reconhecimento dos jardins terapêuticos. Estudos revelaram que crianças em contato com espaços verdes têm níveis mais baixos de cortisol, indicando menor estresse. Já a falta de acesso à natureza tem sido associada a problemas de saúde mental e física em crianças, incluindo depressão e obesidade.

A ausência de janelas com vista para áreas arborizadas e a intermitência de sons de equipamentos eletrônicos causam incômodo e angústia ao paciente internado. A integração da natureza na infraestrutura hospitalar não é apenas uma tendência, mas uma necessidade urgente.



Foto: Freepik

Contato com a natureza tem sido apontado como um dos fatores de melhoras na saúde física e mental de pacientes



Foto: Freepik

Conexão com plantas, pedras e água trazem benefícios

Contato com o meio ambiente a partir dos jardins tem resultado em mudanças nas estruturas de alguns espaços de saúde

Essa conexão íntima entre seres humanos e natureza é também um cuidado que está integrado aos projetos arquitetônicos. A arquiteta Bruna Lago explica que a proposta dos jardins de cura funciona como uma ferramenta de humanização do ambiente hospitalar. “Quando se fala em arquitetura humanizada, a gente se refere a uma abordagem do design que coloca o bem-estar do ser humano como prioridade no processo de concepção e construção dos espaços. Isso se aplica a diversos tipos arquitetônicos. Os *healing gardens*, ou jardins terapêuticos, são espaços projetados para

promover o conforto e acelerar o processo de recuperação das pessoas, além de levar ao respiro natural em meio a edificações”, confirma a profissional. Esses jardins não são apenas espaços estéticos. Eles são planejados para oferecer uma experiência completa, mas é necessário ter alguns cuidados.

É o que afirma a empresária do Raízes Ateliê Botânico, Sandra Regina. Ela dá dicas de como trazer benefícios similares dos *healing gardens* para o ambiente caseiro e melhorar a condição principalmente de pacientes acamados ou com restrições de locomoção. “É importante considerar plantas que sejam de baixa manutenção e que possam prosperar em condições internas. Suculentas e cactos requerem pouca água e podem sobreviver bem em ambientes internos com boa luz. É bom optar por uma diversidade de com unidades de pacová, jiboia e zamioculcas, que podem purificar o ar e adicionam uma sensação de verde exuberante ao ambiente”, destaca a profissional.

Sandra Regina acrescenta que as plantas são apenas um dos elementos terapêuticos no ambiente, e que, sendo possível, é recomendado pensar em outras soluções como uma fonte de água suave para criar um ambiente relaxante, pedras decorativas, ou até mesmo espaço para aromaterapia com óleos essenciais naturais. “Desde o planejamento dos espaços para proporcionar vistas relaxantes até a criação de áreas para atividades interativas e terapêuticas, como horticultura, esses

jardins são concebidos com o bem-estar do paciente em mente”, orienta a proprietária do Raízes Ateliê Botânico.

Enquanto se desfruta dos benefícios físicos e emocionais de estar cercado pela natureza, não se pode subestimar também o impacto que o simples ato de cuidar das plantas pode ter em nosso bem-estar geral na maioria das pessoas. A especialista afirma que existe um delicado equilíbrio entre dar e receber cuidados. Nos jardins terapêuticos, a conexão com a natureza pode ir além do simples contato visual ou auditivo com o ambiente verde e sereno. É no ato de cuidar das plantas, no trato delicado da terra, folhas e flores, que se encontra uma outra face dessa relação terapêutica.

“O ritmo tranquilo das tarefas de jardinagem nos permite desacelerar, respirar mais profundamente e encontrar uma sensação de paz interior. O simples ato de regar uma planta, podar suas folhas ou transplantá-la para um novo vaso pode ser profundamente gratificante e calmante para a mente e o corpo. Essa interação íntima com a natureza não apenas nos reconecta com o mundo natural, mas nos ajuda a nos reconectar conosco mesmos”.

À medida que a ciência avança em direção a uma compreensão mais profunda da relação entre seres humanos e ambiente, os jardins terapêuticos continuam a emergir como uma solução complementar e promissora para os desafios de saúde mental e física enfrentados pela sociedade moderna.



Foto: Arquivo Pessoal

Sandra Regina destaca a importância das plantas

CT CANGAÇO

Referência mundial no vôlei de praia

Centro de Treinamento no Cabo Branco tem a aprovação de vários profissionais, não só do Brasil, mas também do exterior

João Thiago
joaothiagocunha@gmail.com

O que é que a maioria dos títulos brasileiros no vôlei de praia tem em comum? Um lugar que é considerado um dos mais importantes celeiros de formação de talentos do esporte no mundo, e este lugar está situado na orla da praia de João Pessoa há mais de trinta anos, criando o futuro do vôlei de praia mundial.

O Centro de Treinamento Cangaço é um dos mais tradicionais redutos de formação no vôlei de praia, reconhecido por profissionais do mundo inteiro, que promovem verdadeiras romarias para as praias pessoenses. O sucesso é medido por vários fatores: desde o número de campeões mundiais, olímpicos, nacionais e internacionais que treinam nestas areias até o número de atletas que visitam o local em busca de se fortalecerem para o esporte.

“O sucesso do CT se deve a uma conjunção de fatores. Primeiro, acredito que é a localização. Temos sol o ano inteiro. Temos condições de realizar treinamentos nas melhores condições. Além disso, temos alguns dos melhores treinadores do mundo formando nossos atletas. Temos uma infraestrutura fora da quadra que é um verdadeiro diferencial, com uma equipe multidisciplinar, que nos dá apoio, que também tornam tudo mais completo. E ainda tem a própria cidade de João Pessoa, que tem um custo de vida interessante, uma rede hoteleira próxima, uma logística simplificada. Tudo ao alcance dos atletas”, explica Osmair Luiz, técnico das categorias de base do centro.

Entre os treinadores que se destacam está Gilmário Cajá, o decano do Centro de Treinamento, com três medalhas olímpicas como técnico, desenvolve um projeto da Universidade Federal da Paraíba junto ao Cangaço. “Nós oferecemos subsídio de informação para melhorar ainda mais a performance dos atletas que passam por aqui. Temos um laboratório na UFPB onde fazemos testes, exames, que nos trazem índices, estatísticas, informações que podem ser fundamentais para melhorar o desempenho deles”, relata.

Cajá tem mais de 30 anos trabalhando como treinador de vôlei de praia. Já participou de cinco jogos olímpicos, e foi o responsável pelas medalhas de Zé Marco, Ricardo e Emanuel, que já alternaram duplas, conquistando títulos mundiais e trazendo mais reconhecimento para o centro de treinamento.

Agora, o local é a segunda casa de grandes promessas do esporte, como André e George e Vitor e Renato, duas duplas que lutam pelo índice olímpico, para participarem dos jogos de Paris em julho. “Tem duas vagas para o Brasil. O André e o George estão em primeiro lugar, com uma certa tranquilidade. O Vitor e o Renato estão em terceiro lugar, e ainda precisam alcançar alguns objetivos neste ano para conseguirem a vaga.

Também treinam no cangaço as duplas femininas Andressa e Taynara e Vitória e Hegê, que disputam o Circuito Mundial. Para elas este tem sido um período importante de adaptação, es-

pecialmente para Vitória e Hegê, que são uma dupla nova, que se formou recentemente. Uma realidade que colocou Hegê em uma posição delicada, mas que o próprio treinamento está ajudando a enfrentar.

“Eu jogava com a Tayana Lima até ano passado. Uma jogadora experiente, que me ensinou muito. Eu tinha uma posição de aprendiz dentro da quadra. Agora é exatamente o contrário. A Vitorinha é bem mais nova que eu, o que me coloca na posição de jogadora experiente. tem sido uma experiência diferente, que tem me ensinado muito. Essa troca de confiança é fundamental para o sucesso de uma dupla”, explica a jogadora, que está se preparando para o sul-americano que começa nesta segunda-feira (5) na Bolívia. Além do Circuito Mundial, que deve começar em março.

Quem também estava se preparando para o Circuito Mundial nas areias paraibanas era a dupla Julien Lineel e Remy Bassereau, franceses que lutam, também, por uma vaga para as Olimpíadas. “Aqui temos as condições perfeitas para conseguir jogar. Nesta época, na França, estaríamos treinando em locais fechados, que nada tem a ver com a competição”, destaca Lineel.

Para Bassereau, a tradição do CT também pesou muito na escolha do local. “É um lugar com uma história gigante de formação de vencedores, de treinadores reconhecidos internacionalmente, além de termos a oportunidade de, sempre que chegamos aqui, encontrar duplas que estão mais ou menos no mesmo nível que nós, o que melhora o nosso jogo”, comentou.

Eles não eram os únicos jogadores de fora do Brasil treinando no CT. Outra dupla francesa, uma dupla de Porto Rico e dois jogadores japoneses também usavam o espaço para melhorar seu jogo. “É bom termos este intercâmbio, pois não só eles, mas, também, nossos jogadores melhoram ritmo, aumentam a intensidade e aprendem o jogo de outros lugares do mundo também”, destaca Ricardo Hugo, treinador dos times femininos no CT.

Os franceses ficam mais quatro semanas em solo brasileiro. Depois, vão correr o mundo em busca da chance de alcançar as Olimpíadas. Um sonho que vai ser fortalecido por este tempo compartilhado nas areias de João Pessoa, um lugar que parece fazer mágica na formação de jogadores de vôlei de praia.

Atletas de outros estados brasileiros e até de outros países buscam o CT Cangaço para se fortalecerem no vôlei de praia

Fotos: Roberto Guedes



A dupla francesa Julien Lineel e Remy Bassereau em momento de hidratação no CT Cangaço



Gilmário Cajá faz um trabalho de excelência no CT e já participou de cinco Jogos Olímpicos

GOALBALL

Time feminino garantido em Paris

Seleção Brasileira herda a vaga que seria do regional da África que não cumpriu os critérios básicos do CPI

A Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA, na sigla em inglês) ofereceu ao Brasil a vaga não preenchida pelo continente africano no torneio feminino de goalball dos Jogos Paralímpicos de Paris 2024.

A seleção feminina não conseguiu se classificar diretamente pelos qualificatórios que disputou, mas herdaria o lugar vago do regional da África, que não cumpriu os critérios básicos do Comitê Paralímpico Internacional no caso específico do seu torneio para as mulheres. Após o “sim” brasileiro ao convite, restará apenas a confirmação oficial da IBSA para o Brasil estar presente nas duas categorias – os homens já estavam garantidos no megaevento da capital francesa por conta do título mundial conquistado em 2022.

O torneio de goalball em Paris conta com oito equipes no feminino e oito no masculino, cuja distribuição de vagas foi formulada da mesma maneira em ambas as categorias. Classificam-se: campeão do Campeonato Mundial, vice-campeão do Campeonato Mundial, campeão da Europa, campeão da África, campeão das Américas, campeão da Ásia/Pacífico, país-sede (França) e ainda o melhor colocado do torneio qualificatório da IBSA (Jogos Mundiais) que já não esteja classificado.

O último campeonato Africano contou com apenas três participantes (Argélia, Egito e Gana) no torneio



Foto: Douglas Magno/CPIB

Jogadoras brasileiras vibraram com a vitória sobre a Argentina no Parapan de Santiago 2023 e agora foram beneficiadas na disputa pelas Paralimpiadas de Paris

feminino. O Comitê Paralímpico Internacional considera válidos eventos com, no mínimo, quatro equipes para serem qualificatórios aos Jogos Paralímpicos. Assim, a África só terá representante entre os homens (Egito). Logo, a vaga em aberto entre as mulheres foi oferecida ao melhor time dos últimos Jogos Mundiais que já não esti-

vesse classificado a Paris. No caso, o Brasil, que foi bronze com o time feminino. A China, campeã, já estava classificada via Asiático, e o Japão, vice, ficou com a vaga via Jogos Mundiais.

Vale lembrar que a Seleção Brasileira Feminina começou este ano um trabalho com o novo treinador, Alessandro Tosim, que assumiu

o cargo no início de dezembro. O grupo está concentrado em São Paulo desde domingo passado para a primeira fase de treinamentos do ano. “Gostaria de ressaltar a felicidade das meninas quando eu dei a notícia. Todas ficaram chorando, vibrando, comemorando. Foi emocionante de ver. E agora mudam as perspectivas

do nosso trabalho. O que se estava pensando para cinco, seis anos, passou a ser cinco meses. Temos de trabalhar arduamente. O grupo já está com pensamentos e propostas diferentes e vêm apresentando uma grande evolução. Deixei claro para elas que já tive o privilégio de disputar três Paralimpiadas e ganhar três medalhas. Não

vou ficar de fora do pódio desta também”, disse Alessandro. O Brasil nunca ganhou uma medalha paralímpica com as mulheres. Já os homens defenderão em Paris o inédito título conquistado em Tóquio – o time tem, ainda, um bronze (Rio 2016) e uma prata (Londres 2012), sempre com Alessandro Tosim no comando.

OLIMPIADAS DE PARIS

França anuncia redução de público para cerimônia de abertura

Agência Estado

A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Paris-2024 deve ser menor do que o planejado inicialmente pelo Comitê Organizador francês. Esta semana, o ministro do Interior da França, Gerald Darmanin, afirmou que 300 mil pessoas poderão acompanhar o grande evento, no dia 26 de julho, nas margens do Rio Sena.

O número é a metade do público esperado pelos organizadores da Olimpíada nos primeiros esboços da incomum cerimônia a ser realizada em Paris. Será a primeira vez na história que uma edição dos Jogos será inaugurada num evento aberto, fora de um grande estádio. Darmanin não explicou o motivo da redução do público, estimado inicialmente em 600 mil pessoas.

Mas a imprensa francesa estima que a principal razão seja a segurança. Mesmo com a redução, a cerimônia de abertura vai exigir o maior aparato de segurança num evento deste tipo. Questionado se teve insônia pensando na cerimônia, Darmanin respondeu que está dormindo bem. “Sei que temos as melhores forças de segurança do mundo e poderemos mostrar que a França é

capaz de ganhar medalhas e, acima de tudo, de acolher o mundo sem problemas”, declarou.

Em dezembro, o presidente francês, Emmanuel

Macron, já havia afirmado que a cerimônia poderia sofrer mudanças por razões de segurança, principalmente se a França fosse novamente alvo de ataques ex-

tremistas. Em entrevista ao canal francês France 2, o ministro do Interior explicou que a cerimônia de abertura terá 100 mil espectadores pagantes na beira do Rio Sena,

com perfeita visibilidade, enquanto cerca de 220 mil pessoas poderão acompanhar de graça o evento, nas margens superiores do rio.

As cerca de 300 mil pes-

soas poderão ver dezenas de barcos carregando atletas de todas as delegações, em um “desfile” pelas águas do Sena. O trajeto terá extensão de seis quilômetros.



Foto: Divulgação/Paris 2024

Os franceses estão trabalhando para realizar uma grande Olimpíada e com uma abertura bem diferente, ao ar livre, com público estimado em 300 mil

SAÚDE FINANCEIRA

Receita da Conmebol chega a triplicar

Presidente da entidade revela, ainda, que quadruplicou os prêmios em dinheiro nos torneios nos últimos oito anos

Os prêmios em dinheiro nos torneios de clubes da Conmebol quadruplicaram em oito anos, com mais de US\$ 1,6 bilhão (R\$ 79 bilhões na cotação atual) distribuídos, segundo balanço dos oito anos da administração do presidente da entidade máxima do futebol sul-americano, Alejandro Domínguez. O valor inclui prêmios de mérito esportivo e recompensas por vencer a Conmebol Libertadores e a Conmebol Sul-Americana, bem como prêmios cumulativos nas diferentes fases dos torneios, que em 2023 totalizaram US\$ 294 milhões (R\$ 1,4 bilhão).

A Conmebol Libertadores Feminina, por exemplo, teve um aumento de 1.075% nos prêmios entre 2015 e 2023, de acordo com a entidade. Além disso, foram investidos US\$ 310,6 milhões (R\$ 1,53 bilhão) nas associações membro, incluindo contribuições e prêmios das três edições da Conmebol Copa América realizadas nesse período, fundos para torneios juvenis, apoio a ligas locais e prêmios para o campeão da Copa do Mundo da Fifa Qatar 2022.

Segundo a Conmebol, esses investimentos se somam àqueles feitos visando o futuro do futebol sul-americano, com melhorias na infraestrutura, desenvolvimento do futebol juvenil, promoção do futebol feminino e garantia da integridade do jogo com VAR em todas as partidas de clubes e na Conmebol Copa América.



Foto: Divulgação/Conmebol

O presidente da Conmebol, Alejandro Domínguez, faz balanço dos oito anos da administração no comando da entidade

Prêmios

Libertadores feminina teve um aumento de 1.075% nos prêmios entre 2015 e 2023 e foram investidos R\$ 1,53 bilhão nas associações membros, incluindo contribuições e prêmios nas edições da Copa América

Pilares estratégicos

O balanço destaca que, de 2016 até hoje, a Conmebol adotou pilares estratégicos: reinvestir no futebol; regras claras; instituição líder; e enfoque no torcedor, com o objetivo de liderar o entretenimento do esporte e reposicionar a América do Sul como o melhor futebol do mundo. A instituição ressalta que, como resultado, durante esses oito anos, a arrecadação triplicou, totalizando somente em 2023 mais de US\$ 520 milhões (R\$ 2,56 bilhões), valor recorde

A Conmebol também conseguiu recuperar mais de US\$ 128 milhões (R\$ 632 milhões) do escândalo Fifa Gate por meio de uma auditoria forense, que foram devolvidos ao futebol sul-americano, por meio de investimentos nas diversas categorias e modalidades do esporte.

NOVA DERROTA

Julgamento de Daniel será aberto e com imprensa presente

Agência Estado

O Tribunal de Barcelona rejeitou o pedido do Ministério Público da Espanha para que o julgamento de Daniel Alves, acusado de abuso sexual, fosse realizada a portas fechadas. A decisão dos magistrados foi de realizar as sessões de forma aberta, com a presença da imprensa, mas captações de áudio e imagem estão vetadas. Também foram determinadas medidas de proteção à identidade da vítima, conforme informado pelo jornal espanhol El Periódico.

A mulher de 23 anos que denunciou ter sido violentada sexualmente por Daniel Alves, na casa noturna Sutton, prestará depoimento atrás de um biombo. Além disso, a imagem dela será reproduzida em vídeo, mas pixelizada, e a voz será distorcida com efeitos especiais. De acordo com o despacho, as medidas visam "evitar que a imagem ou a voz da vítima seja posteriormente divulgada publicamente".

O Tribunal faz diversas exigências aos presentes, como proibir expressamente "a divulgação ou publicação de informações relativas à identidade da denunciante" e até a captura de imagens

de parentes da mulher que possam prestar depoimento. Durante todo o julgamento, o nome dela jamais será falado e devem referir-se à ela apenas como "a denunciante". Na primeira semana deste ano, Lúcia Alves, mãe do ex-jogador, divulgou nas redes sociais a suposta identidade da jovem.

Ao justificar a decisão, o despacho defende que a publicidade de processos judiciais está de acordo com princípios constitucionais e tem objetivo de garantir transparência aos cidadãos sobre a atuação da Justiça, assim como de dar ao réu a garantia de que ele não será julgado de "forma clandestina ou oculta".

Relembre o caso

O caso teve sua primeira repercussão na imprensa espanhola ainda no ano passado. No dia 31 de dezembro, o diário ABC revelou que Daniel Alves teria violentado sexualmente uma jovem na casa noturna Sutton no dia anterior. A mulher esteve acompanhada por amigas a todo o instante e a equipe de segurança da casa noturna acionou a polícia, que colheu o depoimento da vítima.

No dia 10 de janeiro, a Jus-

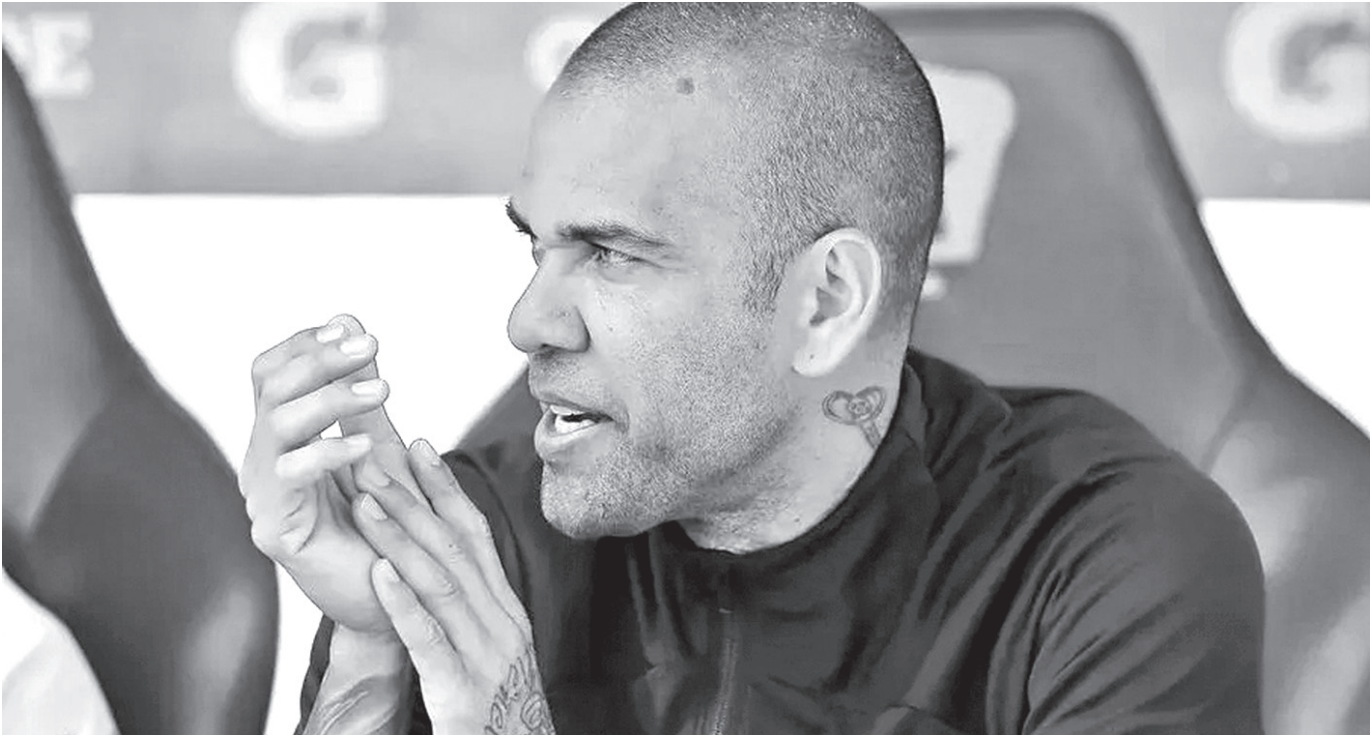


Foto: Reprodução/Twitter

Defesa de Daniel Alves apresentou pedido no sentido de evitar a presença da imprensa e garantir um julgamento fechado

■ **Tribunal faz diversas exigências, como proibir a divulgação ou publicação de informações sobre a identidade da vítima**

tiça espanhola aceitou a denúncia e passou a investigar o jogador brasileiro, que, por muitos anos, defendeu a camisa do Barcelona. Inconsistências nas versões dadas pelo atleta à Justiça, além da possibilidade de fuga do país europeu, fizeram com que a juíza Maria Concepción Canton Martín decretasse a prisão no dia 20 de janeiro.

Durante o período em que está recluso, o brasileiro mudou o seu depoimento por

mais de uma vez, trocou de advogado de defesa e teve negado outros recursos para responder à acusação em liberdade. Além disso, entrou em um processo de divórcio com a modelo e empresária espanhola Joana Sanz, que acabou não indo adiante. Nas contradições, Daniel Alves chegou a dizer que não conhecia a mulher que o acusava. Depois, argumentou que houve relação sexual com ela, mas de forma consensual.

Após nova mudança de direção, a defesa de Daniel Alves vai alegar, durante o julgamento, que o jogador estava bêbado na noite em que foi acusado do abuso. De acordo com El Periódico, esta nova versão dos fatos, a quinta apresentada pelos advogados, tem a intenção de atenuar a pena do jogador brasileiro, pois o colocaria como "uma pessoa sem conhecimentos de suas ações" em razão dos efeitos do álcool.

SUPERCOPA REI

Hoje sai o primeiro campeão nacional

Decisão no Mineirão, hoje, entre Palmeiras (campeão do Brasileiro) e São Paulo (campeão da Copa do Brasil) é inédita

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Palmeiras e São Paulo se enfrentam, hoje, a partir das 16h, no Estádio Mineirão, em Belo Horizonte-MG, num confronto que abre a temporada de torneios nacionais no futebol brasileiro, a Supercopa Rei 2024, antiga Supercopa do Brasil que nesta edição teve o seu nome alterado em homenagem a Pelé, melhor jogador de todos os tempos. O duelo também vai apontar o primeiro clube campeão nacional na temporada do futebol brasileiro.

Adversários históricos, palmeirenses e são-paulinos disputarão um título nacional pela primeira vez. Até hoje, foram três decisões entre os rivais, mas todas válidas pelo Campeonato Paulista, tendo o São Paulo levado a melhor em duas ocasiões. O tricolor venceu em 1992 e 2021, enquanto o Alvinegro levantou o troféu em 2022.

Para a grande decisão em Belo Horizonte-MG, os dois times chegam em fases bem semelhantes. Ambos ostentam uma campanha no Paulistão de três vitórias e um empate, com sete gols marcados cada, com uma pequena diferença no sistema defensivo - o São Paulo sofreu três, enquanto o Palmeiras levou quatro.

O Palmeiras vai tentar ampliar a vantagem de títulos nacionais para o segundo colocado Flamengo. Em caso de vitória, o verdão pode chegar a 19ª título, antes o clube conquistou 12 Campeonatos Brasileiros (1960, 1967, 1967, 1969, 1972, 1973, 1993, 1994, 2016, 2018, 2022 e 2023), quatro Copas do Brasil (1998, 2012, 2015 e 2020), uma Copa dos Campeões

(2000) e uma Supercopa do Brasil (2023), já o rubro-negro acumula 15 títulos nacionais.

Longe do pelotão de frente, o tricolor tenta colocar em sua galeria o 8ª título nacional depois de ter conquistado seis Campeonatos Brasileiros (1977, 1986, 1991, 2006, 2007 e 2008) e uma Copa do Brasil (2023).

Dentro das quatro linhas, os técnicos contam com problemas em suas equipes. Do lado do São Paulo, Thiago Carpinini dificilmente contará com Igor Vinícius e ainda tem dúvida sobre James Rodríguez. No Palmeiras, Abel Ferreira não terá Dudu e Bruno Rodrigues, lesionados, e Endrick, a serviço da Seleção Brasileira no Pré-Olímpico.

A equipe de arbitragem do jogo que vai apon-

tar o primeiro campeão nacional na temporada será formada pelo árbitro Bráulio da Silva Machado, pelos assistentes Guilherme Camilo e Rodrigo Corrêa, além do árbitro Rafael Klein que será o quarto árbitro.

Campeões anteriores

A Supercopa do Brasil foi criada em 1990, mas apenas dois anos depois foi descontinuada. O torneio foi retomado em 2020, com os campeões nacionais de 2019, e segue até hoje e tem na lista cinco campeões diferentes.

O Grêmio (campeão da Copa do Brasil de 1989) venceu o Vasco (campeão do Brasileiro de 1989) por 2 a 0, em 1990; Em 1991, o Corinthians (campeão do Brasileiro de 1990) bateu o Flamengo (campeão da Copa do Brasil de 1990) por

1 a 0. Retomada em 2020, o Flamengo (campeão do Brasileiro de 2019) levou a melhor contra o Athletico -PR (campeão da Copa do Brasil de 2019) por 3 a 0 e em 2021 como campeão do Brasileiro venceu o Palmeiras (campeão da Copa do Brasil de 2020) nos pênaltis, após empate por 2 a 2 no tempo regulamentar.

Em 2022 o rubro-negro acabou a temporada de 2021 como vice-campeão do Brasileiro, teve a chance de conquistar o tricampeonato da Supercopa do Brasil diante do Atlético-MG, então campeão do Brasileiro e da Copa do Brasil de 2021, mas perdeu nos pênaltis, após empate por 2 a 2 no tempo regulamentar. Na última edição do torneio, o Palmeiras (campeão do Brasileiro de 2022) venceu o Flamengo (campeão da Copa do Brasil de 2022) por 4 a 3.

TAÇA GUANABARA

Vasco e Flamengo jogam no Maracanã

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Separados apenas pelo critério de desempate na tabela de classificação, Vasco e Flamengo se enfrentarão, hoje, a partir das 19h, no Estádio do Maracanã. O duelo, conhecido como Clássico dos Milhões justamente pela força das duas torcidas, valerá pela sexta rodada do Campeonato Carioca (Taça Guanabara).

O Vasco tem passado por um momento conturbado, com atuações inconstantes que afetam o desempenho da equipe na competição. Nos dois últimos jogos, o clube somou apenas um ponto, tendo empatado com o Bangu (2 a 2) e na última rodada foi derrotado para o Nova Iguaçu (2 a 0).

Por sua vez, o Flamengo chega para a terceira



Foto: Divulgação/Flamengo

A rivalidade sempre é acentuada quando as duas equipes se enfrentam na temporada

partida com o time titular depois de ter somado dois pontos em partidas disputadas com o elenco sub-20. Na última quarta-feira (31), já com o time

principal, o clube venceu o Sampaio Corrêa por 2 a 0, no Estádio Mangueirão, em Belém-PA. No histórico de duelos pelo Cariocão, o Fla-

mengo leva a melhor em 245 jogos disputados. O Rubro-negro soma 98 vitórias contra 80 dos cruzmaltinos, o retrospecto ainda aponta 67 empates.

Jogos de hoje

SUPERCOPA REI

16h
Palmeiras x São Paulo - TV Globo

Baiano

16h
Bahia de Feira x Jequié
18h30
Barcelona x Jacuipense

Carioca

15h45
Sampaio Corrêa-RJ x Volta Redonda
16h
Boavista x Fluminense
19h
Vasco x Flamengo - SBT
20h30
Audax-RJ x Bangu

Catarinense

17h
Barra-SC x Figueirense
18h
Hercílio Luz x Inter de Lages
19h
Brusque x Joinville
19h30
Chapecoense x Concórdia

Gaúcho

19h
São José x Guarany
20h
Juventude x Ypiranga-RS
Brasil x Santa Cruz

Mineiro

11h
Patrocinense x Vila Nova

Paulista

11h
Corinthians x Novorizontino
Santo André x Bragantino
18h
Ituano x Botafogo-SP
Santos x Guarani
20h
Ponte Preta x São Bernardo

Pernambucano

16h
Central x Maguary

Piauiense

16h
Oeirense x Corisabbá

Sergipano

15h30
Carmópolis x Olímpico
17h
Sergipe x Confiança

Foto: Cesar Greco/Palmeiras/By Canon

Jaguarari e a elite dos indígenas “letrados” do Brasil holandês

Pesquisa sobre os povos originários e seus líderes feita por um grupo de professores já conta com bastante espaço na literatura nacional e, assim, preconceitos e omissões da historiografia tradicional começam a ser derrubados

Ademilson José
Especial para A União

Os historiadores tradicionais ainda vão demorar muito a priorizar e os livros didáticos muito mais tempo ainda para acolher, mas graças à Internet e ao empenho de um grupo de professores do Rio de Janeiro e Pernambuco, a pesquisa sobre os povos originários (e seus líderes) já conta com bastante espaço na literatura nacional e, com isso, começa a vencer os preconceitos e omissões cometidas ao longo dos anos pela historiografia tradicional.

Exemplo marcante desse tipo de estudo que parte do ponto de vista dos povos originários é o trabalho das professoras Ruth Monserrat, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Bartira Ferraz Barbosa, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e Cândida Barros, do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ao contrário do que fazem os pesquisadores tradicionais, elas não se limitam a reproduzir somente o que registraram os escribas portugueses no início da colonização.

Bem diferente disso e usando fontes que, em alguns casos, chegam a ser desconhecidas, elas abordam temas e personagens indígenas com a mesma dedicação e riqueza de detalhes que, na historiografia tradicional, só se costuma verificar em relação aos personagens europeus do período da colonização.

E os resultados não poderiam deixar por menos. Com esse tipo de estudo diferenciado e aberto também à importância dos indígenas, esse novo direcionamento de pesquisa acaba dando “furos” nos historiadores tradicionais, sobretudo naqueles que priorizaram o triunfalismo europeu nas guerras de conquista e ocupação do Brasil. E melhor ainda quando, como agora, o trabalho retrata um importante, raro e desconhecido personagem da Paraíba colonial.

Trata-se do indígena potiguar Jaguarari, que os portugueses preferiam chamar de Capitão Simão Soares Parayba e que, a exemplo de Pedro Poti e Felipe Camarão, também deixou escritos até agora sem completa tradução. Ao que tudo indica, inclusive, pode vir a ser o pai de Poti, pois, em trechos de cartas traduzidas pelo inglês Johannes Edward (que viveu no Recife entre 1639 e 1643), ele (Jaguarari) aparece sempre como tio de Felipe Camarão que, como se sabe, era primo de Poti.

‘Um escrito tupi do Capitão Simão Soares Parayba’. Eis o título do trabalho das professoras que, até mesmo pela riqueza de detalhes em termos de fatos e personagens, abre margem para se imaginar que pesquisadores de outros estados estão dedicando mais atenção aos povos originários da Paraíba do que pro-



Ilustração: Tônio

Parentescos

Indígena Jaguarari, que também era chamado pelos portugueses de Capitão Simão Soares Parayba e, a exemplo de Pedro Poti e Felipe Camarão, também deixou escritos até agora sem completa tradução; e tudo indica que Jaguarari pode vir a ser o pai de Poti, pois em trechos de cartas ele aparece como tio de Felipe Camarão, e Poti era primo de Camarão

priamente os historiadores locais.

Uma das principais fontes de tudo são as ‘Memórias diárias da guerra do Brasil’, de Duarte Albuquerque Coelho, livro que relata fatos de 1630 a 1639 e que recebeu a primeira edição em 1654. Trata-se, segundo as três pesquisadoras, do livro que talvez mais dedique espaços ao indígena Jaguarari, cujos escritos estão anexados a cartas identificadas como assinadas por Felipe Camarão.

O grande diferencial de Jaguarari em relação aos seus dois parentes mais jovens é que, levado pelas circunstâncias da vida, por mais de duas vezes se viu obrigado a mudar de posição. Em 1615, por exemplo, foi herói ao lado dos portugueses na conquista do Maranhão, mas, 10 anos depois, em 1625, lutou ao lado dos holandeses quando estes che-

garam pela primeira vez e passaram 41 dias em Baía da Traição. Depois daquele confronto, juntamente com outros potiguaras, foi dominado e levado para o Forte dos Reis Mago, onde ficou por oito anos na prisão.

Em 1633, quando os holandeses já dominavam Pernambuco e chegavam para tentar ocupar o Rio Grande do Norte, ele foi libertado sob a condição de voltar a lutar do lado português, posição que não se sabe ter assumido ciente de que “o filho” (Poti) já havia retornado da Holanda (1630) e se transformado em fiel escudeiro do Brasil holandês.

Daí em diante, até morrer, Jaguarari permaneceu do lado português e prova disso está numa “fala” (discurso) que ele fez em reunião de potiguaras na Paraíba, para onde havia retornado. Abaixo, a abertura dessa fala conforme registro que também foi feito por Coelho no mesmo ‘Memórias diária da guerra do Brasil’:

“Aqui me vedes nu, e com os signaes ainda frescos dos ferros que oito anos suporrei, por ter comunicado com os Holandeses na bahia da Traição, no intento de tirar minha mulher e filho que lá estavam. Havendo-me vencido amor, não me valeu ter provado bem minha fidelidade nos muitos anos que servi ao rei, e particularmente na conquista do Maranhão...”.

Ao que se vê, o Capitão Simão Soares foi mesmo um personagem dos povos originários da Paraíba que também merece destaque e com mais de um campo de atuação que, a exemplo de outros indígenas potiguaras, não deveria ser completamente omitido nos livros e pesquisas que tratam do período colonial na região.

Omissões incluem três mulheres

Por falar em omissão, estimulado pela pesquisa das professoras sobre o Capitão Simão, o objetivo dessa nossa série de matérias que caminha para virar livro passa a ser, agora, colher e somar dados para a produção das minibiografias dos personagens dos povos originários do litoral da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, que se destacaram no período do Brasil colonial. Ao que já podemos chegar até agora, são 21 (18 homens e três mulheres), e as minibiografias priorizarão os que deixaram escritos e, naturalmente, os quatro mais conhecidos por conta de suas posições. Piragibe (único tabajara) e Felipe Camarão que, como aliados dos portugueses, foram “heroicizados” pela história oficial; Pedro Poti e Paraupabas que, como inimigos, terminaram explorados pela literatura do Brasil holandês.

Os outros 17 (quase) desconhecidos são: Iniguaçu (da Tragédia de Tracunhaém), Jaguarari (ou Capitão Simão Soares), Diogo da Costa, Diogo Camarão, Zorobabé, Pau Seco, Tijucupapo, Surupira, Mequiguaçu, Arnapucu, Amaniú, Jacaúna, Potiguaçu, Baturité, Assento de Pássaro e as três mulheres Antônia, Pina Cama e Clara Camarão. Mas outra novidade trazida pela pesquisa das professoras Ruth Monserrat, Bartira Ferraz Barbosa e Cândida Barros é que, apesar de só se falar em traduções de cartas trocadas entre Pedro Poti e Felipe Camarão, esse negócio de indígenas potiguaras já escreverem (em tupi, holandês, português e até latim) nos tempos coloniais não foi privilégio somente deles dois, não.

“O Arquivo Nacional de Haia, na Holanda, conserva correspondências de cinco índios potiguaras do século XVII: Antônio Filipe Camarão, Diogo da Costa, Diogo Filipe Camarão, Pedro Poti e Antônio Paraupaba”,

textua a pesquisa das professoras que, inclusive, se refere a essas lideranças dos povos originários como “índios letrados” e “elite potiguaras”.

Dois motivos – um da época e outro atual – podem explicar o fato de somente os escritos de Camarão e Poti serem conhecidos: o da época é que eles agitaram e aconteceram justamente no conturbado começo da Insurreição Pernambucana, entre 1645 e 1646; e o atual é que a nova onda de traduções puxada há poucos anos pelo professor Eduardo Navarro (UPS) se limitou somente mesmo às cartas deles dois.

Mesmo resumida a quatro páginas, a pesquisa das três professoras vai muito mais além nos “índios letrados”. Detalha, inclusive, que o também paraibano “Paraupaba, por exemplo, deixou assinada uma Representação em holandês (Hulsman, 2006, p. 65)”. Dados como esse, conferidos e somados às teses de mestrado e doutorado da professora cearense Jaqueline Viração, permitem dizer que foi ele (Paraupaba), e não Poti, o mais importante potiguaras do período colonial.

Pedro Poti teve sua importância e foi mesmo o verdadeiro primeiro mártir da história do Brasil, mas a sua “vitimização” (causada pelo fato de ter sido preso, torturado e morto) parece ter aguçado sensacionalismo nos escribas e cronistas da época, e o levado a se tornar o indígena mais conhecido e badalado do período colonial.

Não cabe competição, mas uma prova de que Paraupaba deve ter sido bem maior, pode ser extraída de dois pontos elementares: primeiro, o fato de que tudo o que Pedro Poti foi e fez, Paraupaba também fez e foi: guerreiros, chefes de aldeias, educados na Holanda, letrados, professores indígenas e missionários calvinistas remunerados pelo governo de Maurício Nassau.

E o segundo ponto, o “algo a mais”, é o fato de, até mesmo por não ter sido pego pelos portugueses, Paraupaba pôde e teve de fazer ainda mais. Por exemplo: depois da morte de Poti (1652) e do final do Brasil holandês (1654), negando adesão ao catolicismo e ao jugo português, ele reuniu todos os indígenas que haviam se tornado calvinistas (mais de dois mil) e, com eles, abandonou o litoral e caminhou quase 800 quilômetros para ir viver na Serra da Ibiapaba, no Sertão do Ceará.

De lá, Paraupaba viajou duas vezes a Holanda e, além de representações escritas junto à Companhia das Índias Ocidentais, por mais de uma vez falou no parlamento da Holanda em defesa dos potiguaras que os holandeses haviam evangelizado e abandonado no Brasil. Quer dizer, com isso, também fez política e diplomacia numa época que o Brasil nem sonhava em ter isso oficialmente. Como os holandeses não tinham mais interesse no Brasil, os apelos de Paraupaba foram subestimados e ele morreu lá mesmo em Amsterdã, no ano de 1657. A única coisa que conseguiu foi uma pensão para a mulher (Paulina) que, em companhia de duas filhas, teve medo de ser perseguida e preferiu ficar morando na Holanda mesmo.

Aliás, por falar nisso, o antropólogo Carlos Azevêdo sugeriu em sua coluna aqui no jornal A União uma biografia urgente para Pedro Poti. Faz sentido. Mas diante das novas pesquisas que não param, a conclusão a que temos chegado é que, ao invés de Poti, parece quem merece uma biografia mesmo é o “diplomata” Paraupaba...!

E pode-se pensar em fazer. Mas biografia completa é fogo. Precisa-se de parceria ou ao menos orientação do próprio professor Carlos Azevêdo. Até porque, ao invés dessas fontes que só bebem em escribas portugueses, teríamos de recorrer também a outras menos preconceituosas e omissas.

E pelo que as professoras Ruth, Cândida e Bartira apontam nos escritos do desconhecido Jaguarari ou Capitão Simão Soares, o lugar certo é o Arquivo Nacional de Haia e/ou coisas similares da Holanda. Já deu para perceber que o “ouro” dos nossos povos originários está mesmo é por lá...!

■ Livro vai trazer perfis de personagens dos povos originários do litoral da PB, PE e RN, que se destacaram no período do Brasil colônia

Adhemar da Nóbrega

Jornalista foi sucessor de Villa-Lobos na Academia Brasileira de Música



Adhemar da Nóbrega ingressou na imprensa aos 15 anos, sendo um dos profissionais do Jornal A União, onde foi revisor, repórter, articulista, cronista e crítico de cinema

Giovanna Brito
gibritosva@hotmail.com

Um patoense ousado, inteligente, de sensibilidade aguçada e determinado em tudo que fazia. Assim é definido o jornalista e musicólogo Adhemar Alves da Nóbrega, que nasceu em Patos, Sertão paraibano, em 13 de setembro de 1917. O filho ilustre da cidade chegou a assumir a Academia Brasileira de Música (ABM), onde ocupou a Cadeira 1, cujo patrono é José de Anchieta. Além disso, foi o primeiro sucessor de Villa-Lobos na direção da ABM.

Mas foi ainda na infância que Adhemar saiu de Patos, levado por seus pais para morar em João Pessoa. Na capital, o jovem conseguiu vaga para estudar no tradicional Lyceu Paraibano, algo que acabou por impulsionar seu interesse em adquirir conhecimento. Nele, o patoense concluiu o curso de Humanidades. Vale ressaltar que os primeiros letamentos do musicólogo vieram ainda em casa por meio de sua mãe Maria Ephigênia, sua primeira professora.

Ainda na adolescência, aos 15 anos de idade, já mostrando inteligência acima da média de seus colegas, ele conseguiu ingressar na imprensa paraibana, sendo um dos profissionais do Jornal A União. No impresso, Adhemar começou atuando na função de revisor. Meses depois, ele foi convidado a mostrar seus conhecimentos e faro jornalístico como repórter, onde produziu matérias memoráveis. Com seu talento nato para a escrita, o patoense ainda atuou como articulista, cronista e crítico de cinema.

Esse contato com a arte o fez também olhar de forma mais atenciosa para a música, onde acabou descobrindo sua grande paixão de vida e por ela, escrevendo seu nome na história.

Nóbrega passou então a estudar teoria musical e piano, conhecimento que lhe foi transmitido pelo também paraibano Gazzzi decidiu por sair da capital paraibana rumo ao Rio de Janeiro em busca de aperfeiçoamento. A mudança foi a oportunidade para Adhemar da Nóbrega assumir a cadeira de Canto Orfeônico do Lyceu Paraibano. Essa ascensão o fez mergulhar de vez nesse universo que tanto o encantava.

Após intensa dedicação ao Canto, Gazzzi decidiu por sair da capital paraibana rumo ao Rio de Janeiro em busca de aperfeiçoamento. A mudança foi a oportunidade para Adhemar da Nóbrega assumir a cadeira de Canto Orfeônico do Lyceu Paraibano. Essa ascensão o fez mergulhar de vez nesse universo que tanto o encantava.

Mesmo com o fascínio pela musicalidade, o patoense precisou encontrar uma forma de ter uma renda. Dessa forma, submeteu-se a um concurso promovido pelo Banco do Brasil. A aprovação veio para uma das vagas, sendo designado a ocupar um posto na agência da cidade de Ilhéus, no estado da Bahia.

Longe da arte, Adhemar passou a dedicar seus dias aos números e contabilidade de que a função exigia. Todavia, essa rotina não durou muito tempo. A mudança brusca de vida no trabalho o fez desistir da função. Decidido por voltar a sentir o gosto diário dos acordes, ele abandonou o posto no banco, fez suas malas e mudou-se para o Rio de Janeiro. Na capital fluminense encontrou o ambiente perfeito para voltar a estudar com afinco a música.



Adhemar da Nóbrega foi colaborador do maestro Heitor Villa-Lobos (na foto) no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, no Rio de Janeiro

Na cidade, o jovem paraibano foi membro da Associação de Canto Coral do Rio de Janeiro e redator do Serviço de Radiodifusão do Ministério de Educação, Rádio MEC. “Ele foi um grande homem, honrou a nossa cidade de Patos e o nosso estado. Era de uma inteligência ímpar e isso o levou a muitos lugares, tanto no

Brasil quanto na Europa, onde se apresentou, fez ensaios e encantou o público que o prestigiava”, diz José Romildo Sousa, membro da Fundação Ernani Sátory, acrescentando que, no Sudeste, ele diplomou-se pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico e entrou para o quadro de docentes daquela instituição, ten-

do sido, posteriormente, um importante colaborador do maestro Heitor Villa-Lobos, fundador e diretor do conservatório e professor nessa escola, nas disciplinas de História da Música e Etnografia Musical.

O conhecimento aprofundado pela obra de Villa-Lobos, fez Adhemar da Nóbrega produzir três livros: ‘As Bachianas Brasileiras’ (1971), ‘Os Choros de Villa-Lobos’ (1975) e ‘Crônicas: Presença de Villa-Lobos’. Já sua própria trajetória foi contada na obra ‘Patos de Todos os Tempos’, do historiador Damião Lucena, lançada em 2022.

Adhemar Alves da Nóbrega morreu na cidade do Rio de Janeiro, em 28 de dezembro de 1979. Ele foi citado na tese de doutorado em História de Pedro Henrique Belchior Rodrigues, pela Universidade Federal Fluminense. O trabalho acadêmico teve como tema ‘O Maestro do Mundo: Heitor Villa-Lobos (1887-1959) e a diplomacia cultural brasileira’.

O historiador relatou em sua tese a palestra que Adhemar da Nóbrega proferiu na Universidade de Brasília, em 22 de maio de 1979, período da ditadura militar, intitulada ‘A política musical de Villa-Lobos’. Conforme relatou, o paraibano falou

para uma plateia de pessoas que conviveram com o compositor e em sua fala negou a dimensão política da ação do compositor, apresentando-o como mero “executivo” da educação musical nas décadas de 1930 e 1940.

“Villa-Lobos nunca ocupou um cargo acima de terceiro ou quarto escalão, onde pudesse ditar normas cujo contexto e cujo modo operante justificasse de nossa parte essa expressão ‘política musical’. Quem estabelece política é o governo. Villa-Lobos era um executivo, cumpria por execução essa política. Era titular de um cargo, a princípio, na Superintendência de Educação Musical e Artística, ao tempo que o secretário-geral da Educação era Anísio Teixeira, e o prefeito, Pedro Ernesto, e mais tarde, titular de um cargo no Ministério da Educação, cargo que foi criado para ele juntamente com a respectiva repartição – o de diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Mas acontece que foi Villa-Lobos quem inventou essa mágica. O governo, mais precisamente o Estado Novo, dela se apropriou”, cita Adhemar Nóbrega em sua palestra, destacada na tese.

Jorge Rezende

O circo de horrores na pauta dos “coleguinhas” da comunicação

O discurso de ódio e de exaltação à violência prolifera ainda mais. E o que mais preocupa é que um terreno bastante fértil para isso está nos meios de comunicação e de interação social por meio da internet. E o mais grave: grande parte da ode à morte; à vingança; ao dente por dente, olho por olho é alimentada por aqueles que, em primeira instância, deveriam preservar os lampejos de civilidade e da cultura de paz que ainda restam nas sociedades.

É triste, lamentável e, repito, preocupante ver, ler e escutar “coleguinhas” dos meios de comunicação enaltecendo cada vez mais os conceitos que permeiam a violência. O discurso fácil e que “gruda” nas mentes daqueles que também acreditam em soluções fáceis e “milagrosas” tem ganhado espaço e, praticamente, sendo normalizado.

Essa semana, em um grupo de WhatsApp em que estou incluído, onde a maioria dos participantes é de pessoas ligadas à comunicação (rádio, tevê, impressos, blogs, sites...), postei o seguinte comentário: “Pena de morte não faz justiça. Pena de morte é vingança. É barbárie ‘civilizatória’ que iguala suas ações às ações de quem cometeu o crime. E a humanidade (leia-se os norte-americanos) continua sua caminhada na barbárie. Lamentável. E muita gente - muita gente, mesmo - ainda bate palmas para o grotesco, para o circo de horrores”.

Quase que de imediato, recebi “uma resposta” de um desses “coleguinhas” do rádio paraibano: “Pergunta à família da jovem assassinada se eles pensam assim?”. Era mais uma prova cabal da barbárie sendo aclamada. Triste. Muito triste. Esse radialista se referia à família da mulher assassinada em 1988, cujo autor estava condenado e que, depois de quase 36 anos no corredor da morte, foi finalmente executado.

Kenneth Eugene Smith, de 58 anos, foi morto por asfixia por nitrogênio nos Estados Unidos, na noite do último dia 25. “Esta noi-



Imagem: Pixabay

te, o Alabama fez a humanidade andar um passo para trás”. Essa teria sido uma das últimas frases do prisioneiro. A “morte legal” do condenado marcou na história o fato de que, pela primeira vez, os Estados Unidos usaram o método da asfixia por nitrogênio para executar um prisioneiro condenado à morte. Esse caso teve repercussão mundial e foi alvo de questionamentos por órgãos que defendem os direitos humanos.

Smith foi condenado à morte pelo assassinato de Elizabeth Sennett. O crime aconteceu em 1988 e foi encomendado pelo marido da vítima, que era um pastor. Smith e um outro homem receberam US\$ 1 mil cada pelo serviço. O pastor mandante do crime acabou se suicidando. Em novembro de 2022, Smith foi submetido à execução com injeção letal, mas os funcionários responsáveis pela operação tiveram dificuldades para encontrar uma veia e falharam. Por isso que os norte-americanos, em uma segunda execução, resolveram asfixiar o condenado até a morte.

Para a execução, os agentes colocaram uma máscara no rosto de Smith, fazendo com que ele inalasse gás nitrogênio puro. Isso resultou em uma morte por falta de oxigênio. Os jornalistas que acompanharam o pro-

cedimento, num total de cinco profissionais, afirmaram que o prisioneiro pareceu consciente por vários minutos, começando a tremer na sequência. Eles disseram ainda que Smith se contorceu na maca em que estava por cerca de dois minutos. Depois, ele começou a respirar fundo, até que começou a desacelerar. O condenado tentou lutar e enfrentou uma “respiração agonizante”. Foram um total de 22 minutos que o condenado agonizou antes de morrer.

A justiça foi feita? A morte do assassino não trouxe de volta a mulher assassinada por ele. Mas o que se percebeu de boa parte das pessoas foi que a execução foi merecida. Todavia, a leitura que fiz é de que quem aprovou a morte do condenado não expressava satisfação pela justiça, mas sim pelo viés da vingança. Ou seja: matou, tem que morrer também, de preferência com boas doses de tortura.

“Jorge, fica no lugar da família! Eu tive um irmão assassinado por um traficante e sei o que é isso, amigo. Espero que nunca aconteça contigo”, insistiu o “coleguinha” radialista no grupo de WhatsApp. Eu tentei enfatizar: “Uma coisa eu garanto: nunca terei o sentimento de vingança. É o pior sentimento que um ser humano pode carregar na mente e na alma. Que a sua mente alcance a paz, dispersando qualquer sentimento negativo de revolta, e raiva. Lamento demais por seu irmão. Vítima do ódio e da maldade humana”.

Ainda tentei ilustrar o “bate-papo” com alguma dose emotiva que contribuisse para dissipar o ódio do “coraçozinho” do radialista e sintetizei um fato para enaltecer a minha fé no futuro da humanidade: “Uns tempos desses, quando um dos meus netos estava com nove anos, ele chegou pra mim e disse: ‘Vô, se você estivesse num quarto com 10 assassinos e você matasse um deles, quantos assassinos ficariam?’ E ele mesmo respondeu: ‘O quarto continuaria com dez assassinos vivos’... Por isso ainda nutro uma espe-

rança no futuro e na humanidade que nos restam”.

Enfatizei ainda mais: “Pena de morte não educa, não diminui violência e não intimida ninguém. Ao contrário: nos Estados Unidos, os estados onde a pena capital existe são os que mais registram assassinatos... E os números crescem cada vez mais”. Um outro participante do grupo do WhatsApp interviu: “Caro Jorge, você acha que um cara como (referiu-se ao radialista) está preocupado com educação de pessoas e da sociedade quando o assunto é ser contra a pena de morte?”.

Respondi: “Eu sou persistente. Ainda acredito que o ódio, a raiva e o sentimento de vingança podem ser revertidos. Não é simplesmente querer ‘fazer um discurso bonito’. Eu realmente acredito nisso. Sou humanista. Sou pela vida. Seja de quem for”. Não teve jeito. O radialista “vingador” voltou à carga: “Quero ver quando ‘tu tiver’ uma vítima na tua família... Fazer esse discurso é bonito...”. Ele disparava sobre as notícias de “bandidos matando trabalhadores”. E insistia: “Quero ver tu enterrar um irmão, um pai, e bater palma para o bandido. E não interessa, a lamentação não traz as vítimas de volta (...) Claro que, se o bandido estivesse morto, meu irmão estava vivo”.

Por fim, desisti de argumentar, quase sem esperanças na humanidade, deixando um último comentário: “Se Hitler estivesse morto, milhões de pessoas não teriam morrido; se Bolsonaro estivesse morto, 700 mil não teriam morrido sem vacinas; se o Império Romano e os judeus da Antiga Palestina estivessem mortos, Jesus não teria sido morto; se o ódio estivesse ‘morto’, a desumanidade não estaria tão viva”.

NOTA

Excepcionalmente, hoje não teremos a coluna de Angélica Lúcio, que volta com novo artigo no próximo domingo (11).

Tocando em Frente

Os conjuntos vocálicos – II

Diabos do Céu – Embora se tratasse de um conjunto essencialmente instrumental, entra nesta seleção de Conjuntos Vocais por haver exercido influência na criação do futuro grupo Anjos do Inferno, este de cunho especialmente vocálico. O conjunto foi formado em 1933, no Rio de Janeiro, como suporte a gravações de marchinhas carnavalescas, embora o seu criador Pixinguinha, como arranjador e diretor musical contratado pela gravadora RCA Victor, também fizesse incursões em gravações solo, com o seu saxofone ou sua clarineta. De qualquer forma, o conjunto sempre dispunha de um crooner de plantão, daí porque, como cantores ocasionais, figuraram astros e estrelas de nossa MPB, como Almirante, Carmen Miranda, João Petra, Gastão Formenti, Castro Barbosa, Patrício Teixeira, Francisco Alves, Mário Reis, Odete Amaral, Lamartine Babo, Carlos Galhardo, Sílvio Caldas, Orlando Silva, Dircinha e Linda Batista, Moreira da Silva, entre outros tantos.

Está catalogado como um dos conjuntos musicais mais antigos, tendo atuado, por 11 anos, até o ano de 1944, razão pela qual há registro de um grande elenco de participantes, entre os quais figura o sambista João da Bahiana, um dos nossos pioneiros do samba. O grupo se compunha, portanto, de vários instrumentistas, dentre os quais os executantes de saxofone (sax-alto e sax-tenor), clarineta, trompete, trombone, tuba, contrabaixo, piano, violão, banjo e percussão (bateria, pandeiro, omelê, cabaça e caixeta), que eram usados de conformidade com as necessidades das gravações.

Embora fossem mais requisitados em gra-



O conjunto instrumental Diabos do Céu

vações de marchinhas carnavalescas – a mais conhecida é ‘Agora é Cinza’ (Bide e Marçal) –, também participaram de outras músicas ocasionais, como ‘Acorda, São João’ e ‘Boas Festas’ (ambas de Assis Valente), ‘Chegou a hora da fogueira’ e ‘Isso é lá com Santo Antônio’ (ambas de Lamartine Babo).

Constam dos arquivos fonográficos da Victor cerca de 440 fonogramas.

Anjos do Inferno – O conjunto vocal e instrumental foi organizado, em 1934, com moradores dos Bairros de Olaria e Bonsucesso, no Rio de Janeiro, com direcionamento à execução de sambas e marchinhas de Carnaval. Curiosamente, o nome foi buscado numa espécie de inversão de um outro grupo, no caso, o Diabos do Céu (de 1933 a 1944), que era liderado por Pixinguinha. Sua criação deve-se a Oto Alves Borges, que atuava como líder vocal (crooner) e violonista, e de cuja primeira formação faziam parte Moacir Bittencourt e Filipe Brasil, violonistas; os irmãos Antônio Barbosa, pandeirista, e José Barbosa, violonista; uma figura emblemática do grupo foi Milton Campos, que execu-



O Anjos do Inferno, conjunto de cunho vocálico

tava um “pistão-nasal”, uma invencionice dele, que consistia em obter-se um som diferenciado, comprimindo o nariz com as duas mãos, costume que, a partir daí, foi sendo incorporado por outros participantes de vários conjuntos.

Ao longo de sua vivência que durou, numa primeira fase, por 23 anos (de 1934 a 1957), com uma tentativa de retorno por mais oito anos (de 1959 a 1967), o grupo sofreu várias modificações, com destaque para o futuro crooner da orquestra de Djalmir Ferreira e intérprete-solo de páginas marcante do nosso cancionário, o pandeirista e cantor Miltoninho, bem como do futuro bossa-novista Lúcio Alves. Em sua primeira fase, o grupo foi contratado pela Rádio Cajuti (palíndromo silábico do bairro Tijuca), onde se localizava a rádio de onde migraram para várias emissoras cariocas: Rádio Cruzeiro do Sul, Rádio Tupi e Rádio Mayrink Veiga, além da Jornal do Comércio, em Pernambuco, e Excelsior, na Bahia. Ainda no Rio de Janeiro tiveram atuação marcante em vários cassinos da época, como o Cassino Icarai e o Cassino da Urca.

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O auge da carreira dos Anjos do Inferno aconteceu na década de 1940, também considerada o início da época de ouro do rádio. Chegaram a se apresentar em alguns países da América Latina, nos Estados Unidos e no México, país em que, de 1947 a 1951, participaram pelo menos de onze filmes, tornando-se, por isso mesmo, muito populares naquele país. Em Los Angeles, inclusive, chegaram a tocar com Carmen Miranda quando, em 1948, substituíram o Bando da Lua, uma vez que, em sua estilização vocal, ambos os grupos haviam assimilado uma forma de harmonização e arranjos vocais mais próximos do que era praticado por grupos semelhantes já existentes nos Estados Unidos.

Foram contratados, em momentos diversos, pelas gravadoras Columbia, Continental, Copacabana e RCA Victor e incorporaram vários sucessos ao nosso cancionário, com destaque para alguns: ‘Acontece que eu sou baiano’, ‘Dora’, ‘Requebre que eu dou um doce’, ‘Rosa Morena’, ‘Você já foi à Bahia?’ (todas de Dorival Caymmi), ‘Doralice’ (Antônio Almeida e Dorival Caymmi), ‘Brasil Pandeiro’ (Assis Valente), ‘Bolinha de Papel’ (Gerald Pereira), ‘Helena, Helena’ (Antônio Almeida e Constantino Silva), ‘Nêga do Cabelo Duro’ (David Nasser e Rubens Soares), ‘Cordão dos puxa-sacos’ (Erastóstenes Frazão), ‘Nós, os Carecas’ (Atlando Marques Jr. e Roberto Martins) e ‘Boogie-woogie na favela’ (Denis Brean).

Depois de tantas andanças, o conjunto voltou definitivamente ao Brasil em 1952, como contratados da Rádio Nacional, onde encerraram sua trajetória musical em 1957.



Foto: Ortilio Antônio

Eita!!!

O artista de Catolé do Rocha

O cantor e compositor paraibano Chico César completou 60 anos no último dia 26 de janeiro. Nascido no Sertão paraibano, em Catolé do Rocha, e que chegou ao sucesso com canções como ‘À Primeira Vista’, ‘Mama África’ e ‘Beradêro’, ele hoje é um dos artistas mais famosos da música popular brasileira.

Elis Regina e Roberto Carlos

‘Beradêro’ é a primeira música do álbum ‘Aos Vivos’, de Chico César, e também é uma homenagem para a cantora Elis Regina, que morreu em janeiro de 1982. A música nasceu entre o final de 1984 e o início de 1985, quando Chico ficou hospedado na casa de um amigo poeta que era muito fã de Elis e a escutava sem parar. Em outra vez, Chico recebeu uma ligação de Eduardo Lages, diretor musical e pianista de Roberto Carlos, que não conhecia pessoalmente na época. Roberto queria gravar uma música de Chico. Foi daí que surgiu ‘Pensar em Você’. Roberto Carlos recebeu a música, mas não a gravou.

Mulheres com sacolas

Quando ainda morava em São Paulo, nos anos de 1980, Chico César estava esperando a visita de sua irmã Emerina, mas ainda era muito cedo para ele ir de táxi ou de ônibus. Com isso, ele foi a pé, do começo da Rua João Dias, até o aeroporto. Quando cruzou a Rua Adolfo Pinheiro, Chico presenciou as mulheres da cidade grande indo trabalhar, passando com sacolas, o que o inspirou a criar o refrão da música ‘Mama África’. Ele também pensou no continente africano como uma mãe de onde saíram tantos filhos.

Música dos desencontros

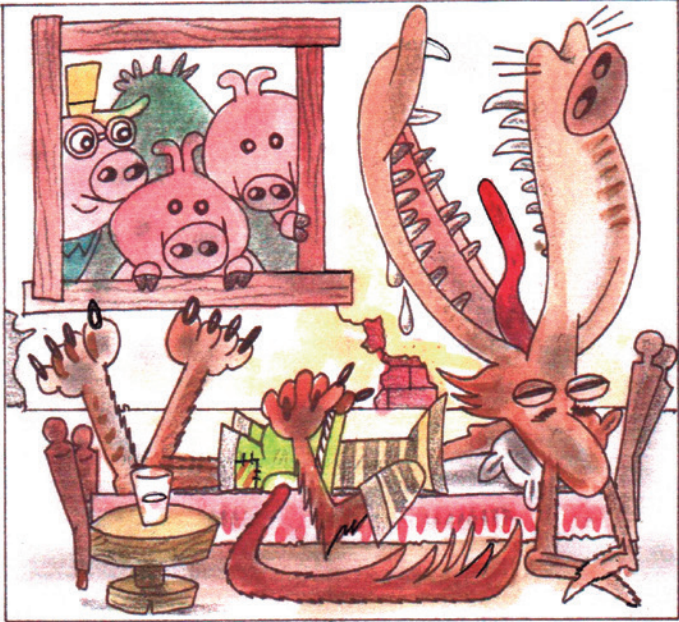
Chico César era amigo de André Abujamra, que sempre marcava para ambos se encontrarem, mas nunca aparecia. Todavia, Abujamra marcava para Chico ir na casa dele, em Higienópolis, mas desaparecia. Outras vezes, o encontro seria na casa do paraibano, mas Abujamra não ia, esquecia. A música ‘À Primeira Vista’ nasceu em um desses desencontros. Chico relata que esperou até as 22h30 por André até que decidiu ir para sua casa, que na época ficava no Bairro de Santo Amaro, em São Paulo. Ele pegou um ônibus, sentou no último banco, abriu sua agenda e começou a escrever.

Versos sem significância

Ainda em relação à música ‘À Primeira Vista’, Chico César revela que o refrão “Amarrara dzaiasoie/ Dziaidzaia/ Ai iiiiingadunrã” nasceu quando ele estava ensaiando com um grupo de artistas, mas decidiu ir para casa porque os integrantes de seu primeiro grupo, o Câmara dos Camaradas, decidiu ir para um show que ele não queria. Já em casa, ele começou a tocar ‘À Primeira Vista’ e fazer improvisos o que acabou virando o refrão da música. O trecho, no entanto, não significa nada.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – língua; 2 – dente; 3 – oreilha; 4 – rabo; 5 – copo; 6 – rei-mendo; 7 – chapéu; 8 – janela; 9 – unha.

PAÍS MULTICULTURAL

Inglês não é a língua oficial dos Estados Unidos

Oficializar um idioma é considerado antidemocrático e ameaça à liberdade individual

Da Redação

Apesar de ser uma crença comum, o inglês não é a língua oficial dos Estados Unidos. Os norte-americanos vivem em um país que, de forma diferente das outras nações, não reconhece oficialmente nenhuma língua. Para compreender melhor essa particularidade, é necessário recuar até o surgimento dos Estados Unidos da América (EUA) e aos chamados ideais dos seus fundadores.

Em todo o mundo, cerca de 180 países têm a sua língua oficial e mais de 100 possuem várias línguas oficiais. Segundo o IFL Science, e também registrado por Teresa Oliveira Campos no site ZAP, o país que detém o recorde com o maior número de línguas oficiais é a Bolívia: 37 línguas oficiais, incluindo o espanhol e dezenas de línguas indígenas.

Quando os Estados Unidos se tornaram realidade, durante o século XVIII, eles tinham outras ideias em mente, os ideais de liberdade e igualdade individuais.

Embora o inglês se tenha estabelecido como a língua mais dominante nas colônias norte-americanas ao longo do século XVIII, havia ainda uma parte significativa da população que falava a língua materna do seu país de origem.

Sendo um país multicultural, seria injusto escolher uma língua em detrimento de outra. Em 1780, John Adams propôs ao Congresso Continental que o inglês se tornasse a língua oficial, mas foi considerado “antidemocrático e uma ameaça à liberdade individual”. Assim, os Estados Unidos, em nível de governo federal, não têm uma língua oficial, mas 32 dos 50 estados e os cinco territórios norte-americanos reconheceram o inglês como língua oficial locais.

Têm havido tentativas contínuas de instalar o inglês como língua oficial no país nas últimas duas décadas. Recentemente, em 2023, os senadores republicanos JD Vance, de Ohio, e Kevin Cramer, de Dakota

do Norte, apresentaram um projeto de lei para declarar o inglês como a língua oficial do país. Muitas dessas tentativas têm sido motivadas pelo receio de que a língua inglesa esteja “morrendo”.

Contudo, os últimos dados dos censos indicam que 78,3% da nação fala apenas inglês. Embora esse número seja ligeiramente inferior ao do conjunto de dados anterior (78,7% em 2013-2017), é evidente que o inglês é a língua mais falada. O segundo idioma mais usado pelos norte-americanos é o espanhol, mas 61%

dos falantes de espanhol conseguem falar inglês “muito bem”.

As línguas estão em constante evolução e os Estados Unidos não são exceção. Os linguistas registraram vários desenvolvimentos na forma como as pessoas falam no país, se comparado com as décadas passadas. Por exemplo: os pesquisadores notaram que o sotaque clássico do sul está desaparecendo. Por outro lado, estão nascendo novos sotaques em outros locais, resultado da mistura cultural entre falantes de espanhol e de inglês.



Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:

francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: quem não é a favor (2) = contra + pronúncia vocabular (2) = dição. **Solução:** atitude oposta (4) = contradição. **Charada de hoje:** quem gostar (2) de um bom caminho (2) sente pena (1) de que tem um sentimento enrugado (5).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

